



Universidade Federal do Amazonas  
Programa De Pós-Graduação em História  
Mestrado em História

Suena Santarém Loureiro

**Partir, Chegar, Retornar:  
O Trânsito Migratório Feminino de Terra Santa à Manaus  
(1970-2018)**

Manaus  
Março de 2023



Universidade Federal do Amazonas  
Programa de Pós-Graduação Em História  
Mestrado em História

Suena Santarém Loureiro

**Partir, Chegar, Retornar:  
O Trânsito Migratório Feminino de Terra Santa à Manaus  
(1970-2018)**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História.*

Orientador:  
Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro

Manaus  
Março de 2023

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L892p Loureiro, Suená Santarém  
Partir, chegar, retornar: o trânsito migratório feminino de Terra Santa à Manaus (1970-2018) / Suená Santarém Loureiro . 2023  
136 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro  
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Migração. 2. Migrantes. 3. Estudos de Gênero. 4. Mulheres. 5. Amazônia. I. Pinheiro, Luís Balkar Sá Peixoto. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

# **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Data de Aprovação: 22/03/2023**

## **BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro  
(Presidente – UFAM)

Profa. Dra. Mônica de Medeiros Xavier  
(Membro – UEA)

Profa. Dra. Patrícia Rodrigues da Silva  
(Membro – UFAM)

**Para Mauro Augusto e Maria Joana**  
*Sem eles nada seria possível, nem mesmo o meu existir*

## AGRADECIMENTOS

É com muita alegria e empolgação que faço esses agradecimentos, especialmente por estar prestes a superar mais uma etapa acadêmica. A caminhada foi longa, com muitos obstáculos, mas estes foram superados ao longo do tempo.

Neste momento, consigo lembrar tudo o que passou, dos momentos de angústia, tristeza, total incapacidade, as crises de choro, mas também o sentimento de incentivo e encorajamento que por vezes tinha que partir de mim mesma “você pode, você vai conseguir!”, mas não posso negar que esse apoio veio também de muitos lugares e pessoas especiais que contribuíram para que tudo isso fosse alcançado.

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos meus guias espirituais, pela vida, saúde, proteção e pela força concedida nos momentos em que pensei em desistir.

Aos meus pais, Mauro Augusto e Maria Joana, por serem meu porto seguro. Me ofereceram o apoio, tiveram muita paciência, e me deram o suporte que eu precisava em todos esses anos morando longe de casa, principalmente financeiramente, agradeço a família que tenho e por eles nunca terem me deixado faltar nada.

À Suiane, minha irmã, amiga e comadre, pelo amor, conselhos e força. Obrigada pelos meus maiores presentes, João Miguel e Maria Fernanda.

Um agradecimento mais que especial às minhas amigas desde a graduação, Andreza e Jucinara (ou como ela prefere, Nara). Elas foram minhas maiores incentivadoras durante todo esse tempo, mas principalmente na reta final da construção da pesquisa, me ajudaram de forma bastante significativa, fosse em momentos descontraídos ou em nossas conversas reflexivas. Nossa amizade e ligação vai além do que podemos compreender (minhas irmãs de curso, de religião e coração).

Às minhas queridas Mayra Uchôa e Janaína Artiago, amigas especiais que o PPGH me apresentou. Obrigada por todo o incentivo e preocupação, mesmo estando longe sempre se fizeram presentes.

Ao Prof. Dr. João Marinho da Rocha, meu orientador no período da graduação, por ter acreditado na minha capacidade, por ter sido o meu primeiro incentivador nessa jornada e por continuar sendo na vida de muitos jovens que já passaram e estão passando pela UEA. Minha eterna gratidão.

Ao meu querido Orientador Prof. Dr. Luís Balkar Pinheiro, pela paciência e por não ter desistido de mim. Obrigada pela partilha, tanto de conhecimento, como de vivências de vida, para mim é uma honra imensa ter sido sua orientanda.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFAM, aos quais eu tive a satisfação de ser aluna: Patrícia Silva, Maria Luiza Ugarte, Patrícia Melo, Davi Avelino, por também terem contribuído de forma significativa na formação teórica durante o mestrado.

À CAPES pelo suporte financeiro que me manteve no período em que morei em Manaus, fosse para a compra de materiais, para custear a vida na capital ou as viagens que precisei fazer para a pesquisa.

Agradeço imensamente a cada uma de minhas colaboradoras: Adriana, Andreza, Elba, Eliçandra, Elza Lira, Elzinete, Heloisa Helena, Liene e Lúcia Maria. Agradeço a confiança e por me concederem parte do seu tempo para compartilhar comigo momentos tão significativos das suas vidas. Sem suas falas, esse trabalho não existiria.

Enfim, agradeço a todos, que de forma direta ou indireta, me ajudaram quando eu mais precisei, que o universo devolva mil vezes mais o que um dia já fizeram por mim. Obrigada, de coração!

*O que nos move?  
O que nos motiva a seguir em frente?  
A surpresa do futuro  
A completa inconsistência do presente  
Ou os traumas de um passado?*

*O que nos mobiliza?  
O que a gente idealiza?  
É o desconhecido ou o novo?  
É quem a gente vai se tornar  
Ou aquilo que queremos deixar de ser?*

*O medo não nos impede  
Muito menos nos paralisa  
Partir é necessário, ficar é opcional  
Voltar (nem) sempre é a melhor decisão*

*O que não se pode é parar  
Parar de sonhar, de viver e tentar  
Pois é indo rumo ao que se quer  
Buscando uma nova versão  
Que vislumbramos infinitas possibilidades*

*Mas é preciso muita coragem  
Para deixar o seu lar  
Pois nessa vida de meu Deus  
A gente nunca sabe de verdade  
Onde nossos passos vão parar  
Mesmo que fiquemos muito tempo a caminhar*

*É gente que vai, é gente que fica  
É gente ajudando, é gente dando adeus  
Essa gente é família, amigo ou conhecido  
É essa gente toda que nos guia e acolhe  
Apoia e nos faz entender  
Que a vida não se resume apenas  
A tentar sobreviver  
Mas sim, a viver!*

*A caminhada nos fortalece, nos ensina e nos faz crescer  
Na mente principalmente  
Pois é nela que é guardado nosso maior presente  
As memórias dos bons e dos maus momentos*

*A gente sai  
Para crescer, se desenvolver e amadurecer  
Mas o que a vida faz é nos surpreender  
Pois aquilo que a gente decide nem sempre vai acontecer*

*Suena Loureiro*

## RESUMO

O presente trabalho trata da investigação de um processo de migração interna na Amazônia, enfocando, especialmente, aquela que ocorre entre os dois maiores estados da região amazônica, Pará e Amazonas, trazendo no bojo de sua discussão a temática da migração diferentemente da que estamos acostumados a ouvir ou estudar, traremos aqui, as experiências de migração a partir do ponto de vista das mulheres paraenses que enveredaram diante de seus processos migratórios rumo ao Amazonas. Em outras palavras, abordamos a especificidade da migração feminina, e ao analisar os fluxos migratórios a partir dessa perspectiva, a migração deixa de ser apenas uma escolha racional de indivíduos sozinhos e passa a emergir em redes de relações sociais, como estratégia de grupos familiares ou de pessoas de uma mesma comunidade. Algumas mulheres vivenciam maior autonomia e empoderamento através desse processo, ao migrarem sozinhas para fugir das limitações e das poucas oportunidades para o seu pleno desenvolvimento, considerando que para a mobilidade feminina, esta é uma forma de emancipação das mulheres nas suas comunidades de origens, e o que há por trás das migrações femininas tem a ver com o ciclo de vida, estratégias e, principalmente, a formação de redes dessas mulheres. A força e representatividade com que as mulheres vêm aparecendo nos números e nas discussões sobre migração no mundo globalizado faz com que muitos especialistas venham falando de “feminização dos fluxos migratórios” ou dos deslocamentos populacionais. Dessa maneira, assumimos o propósito de compreender o processo migratório de Terra Santa à Manaus através das experiências e trajetórias das mulheres migrantes, buscando identificar as trajetórias históricas das nossas colaboradoras e suas relações sociais nos novos espaços, assim como, contextualizar as trajetórias e as experiências delas a partir dos processos de deslocamentos que ocorrem na Amazônia contemporânea, ou seja, no final do século XX e início do XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração; Migrantes, Estudos de Gênero; Mulheres; Amazônia.

## **ABSTRACT**

The present work deals with the investigation of an internal migration process in the Amazon, focusing especially on the one that occurs between the two largest states in the Amazon region, Pará and Amazonas, bringing in the core of its discussion the theme of migration, differently from what we are used to. Listening or studying, we will bring here the experiences of migration from the point of view of women from Pará who embarked on their migratory processes towards the Amazon. In other words, we approach the specificity of female migration, and when analyzing migratory flows from this perspective, migration ceases to be just a rational choice of individuals alone and starts to emerge in networks of social relationships, as a strategy of family groups or of people from the same community. Some women experience greater autonomy and empowerment through this process, when they migrate alone to escape limitations and the few opportunities for their full development, considering that for female mobility, this is a form of emancipation for women in their communities of origin, and what is behind female migrations has to do with the life cycle, strategies and, mainly, the formation of these women's networks. The strength and representation with which women have been appearing in figures and discussions on migration in the globalized world has led many specialists to talk about the “feminization of migratory flows” or population displacements. In this way, we assume the purpose of understanding the migratory process from Terra Santa to Manaus through the experiences and trajectories of migrant women, seeking to identify the historical trajectories of our collaborators and their social relations in the new spaces, as well as contextualizing the trajectories and experiences of them from the displacement processes that occur in the contemporary Amazon, that is, at the end of the 20th century and the beginning of the 21st.

**KEYWORDS:** Migration; Migrants, Gender Studies; Women; Amazon.

## LISTA DE MAPAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

<b>Mapa 1:</b> Mapa do Município de Terra Santa (PA) .....	32
<b>Gráfico 1:</b> Taxa de crescimento populacional médio anual – 1940/2000 - Brasil, Amazonas e Manaus .....	51
<b>Gráfico 2:</b> Local de moradia no interior, rural e urbana, dos migrantes recentes (menos de 5 anos) nos censos de 1980, 1991 e 2000 .....	52
<b>Quadro 1:</b> Origem dos migrantes para o Amazonas.....	68
<b>Quadro 2:</b> Redes migratórias das jovens que partiram de Terra Santa.....	72
<b>Tabela 1:</b> Município de Manaus: evolução da população e taxa de crescimento.....	67
<b>Tabela 2:</b> Estado de origem dos migrantes entrevistados em Manaus.....	69

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	13
--------------------	----

### **CAPÍTULO 1:**

<b>PARTIR: “EU PRECISAVA IR” .....</b>	<b>30</b>
--	-----------

1.1 “Uma cidade muito encantadora, muito hospitaleira, muito linda”: Conhecendo o ponto de partida, a cidade de Terra Santa .....	31
1.2 A condição feminina: cotidiano e perspectivas .....	36
1.3 Uma difícil decisão .....	44
1.3.1 Por que partir? .....	44
1.3.2 Para onde ir?.....	48
1.4 “Eu fui mesmo porque eu queria um objetivo na vida”: O processo de despedida e a busca por novas oportunidades .....	56

### **CAPÍTULO 2:**

<b>CHEGAR: “TÔ EM MANAUS, AGORA VAI SER TUDO DIFERENTE” .....</b>	<b>60</b>
---	-----------

2.1 Manaus: Uma metrópole na selva .....	61
2.1.1 A implantação da Zona Franca e o aumento da migração para Manaus .....	63
2.2 Facilidades e dilemas do acolhimento .....	70
2.2.1 Redes de sociabilidades e solidariedades à chegada .....	73
2.3 Vivências manauaras: “A gente passou vários momentos de saudade, tristeza, muitos momentos difíceis também, mas nunca sentiu vontade de desistir” .....	79
2.3.1 “A gente ajudava nas tarefas da casa”: as migrantes e o trabalho doméstico infante-juvenil.....	81
2.3.2 “Eu tinha que conciliar tudo, a casa, a faculdade, o trabalho, as crianças”: Trajetória e cotidiano das migrantes em Manaus .....	86

### **CAPÍTULO 3:**

<b>RETORNAR: “EU QUERIA VOLTAR PARA MINHA TERRA” .....</b>	<b>95</b>
--	-----------

3.1 “A circunstância levou que eu voltasse, eu voltei e hoje tô feliz!”: Ficar, retornar, um dilema real? .....	98
3.2 “Era esse nosso objetivo, voltar para contribuir com o município”: Dever cumprido ou o fim de um ciclo? .....	109
3.3 “Terra Santa é sem dúvida a cidade que eu quero viver para o resto da vida”: A volta ao lar doce lar .....	117

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>PERDAS E GANHOS: O QUE VEM NA BAGAGEM?.....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>130</b>
Fontes Orais .....	130
Fontes Impressas .....	131

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho trata da investigação de um processo de migração interna na Amazônia, enfocando, especialmente, aquela que ocorre entre os dois maiores estados da região amazônica: Pará e Amazonas. Ele nasce a partir de uma inquietação ainda na graduação que culminou em um estudo para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC a partir de narrativas orais, pelo fato de eu também ser mulher terrassantense em trânsito na Amazônia (inicialmente em Parintins e em seguida Manaus).

A partir disso, ao observar as mudanças, analisando as chegadas e as saídas de milhares de pessoas, num contexto que pode ser denominado de intensa mobilidade e permanentes deslocamentos humanos, optou-se por dar maior ênfase às mulheres em situação de migração, recolhendo delas as pistas para analisar essa sociedade marcada por profundas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais.

Ao abordar as principais dinâmicas migratórias observadas na Amazônia na última década e a sua importância para a compreensão dos processos de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais da região, se notam grandes mudanças em todos os setores da sociedade a ponto de ser quase impossível pensar a Amazônia sem levar em consideração as migrações internas que conferem à região uma mobilidade humana intensa.

Nos prendemos a falar sobre os deslocamentos realizados por muitos sujeitos no seu cotidiano, mas nem sempre atentamos sobre os motivos que levam homens e mulheres deixarem seus lugares de origem em direção a outros espaços. Dessa forma, é necessário tentar entender os contextos de seus processos migratórios, pensando nas muitas idas e vindas realizadas por meio de suas trajetórias.

Dessa forma, esse trabalho traz no bojo de sua discussão a temática da migração interna nas fronteiras da Amazônia, porém, discutimos as experiências de migração a partir do ponto de vista das mulheres paraenses, que enveredaram diante de seus processos migratórios rumo ao Amazonas. Em outras palavras, abordamos a especificidade da migração feminina, e nesse sentido a migração deixa de ser apenas uma escolha racional de indivíduos sozinhos e passa a emergir em redes de relações sociais, como estratégia de grupos familiares ou de pessoas de uma mesma comunidade<sup>1</sup>. Isso

---

<sup>1</sup> ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2007.

também nos permitiu explorar a temática dos deslocamentos recentes na Amazônia por um viés menos explorado e mais inovador.

Algumas mulheres vivenciam maior autonomia e empoderamento através desse processo, ao migrarem sozinhas para fugir das limitações e das poucas oportunidades para o seu pleno desenvolvimento. Mas há uma certa invisibilidade das mulheres nos estudos de migração, em que se forma a seguinte problemática: elas somente acompanhavam os pais, maridos e filhos ou faziam parte desse processo como atores centrais, fazendo, elas mesmas, as escolhas e tomando a decisão de migrar? Nossa motivação inicial parte desses e de outros questionamentos que nos fazem voltar o olhar especialmente para as mulheres migrantes.

Dessa forma, tivemos como propósito, compreender o processo migratório de Terra Santa à Manaus sob à luz das experiências e trajetórias das mulheres migrantes, buscando identificar as trajetórias históricas das nossas colaboradoras e suas relações sociais nos novos espaços, assim como, contextualizar as trajetórias e as experiências delas a partir dos processos de deslocamentos que ocorrem na Amazônia contemporânea (final do século XX e início do XXI).

As dinâmicas migratórias envolvem todas as dimensões da sociabilidade e representam mais uma possibilidade de leitura e interpretação da Amazônia inserida na complexidade da dinâmica da migração em suas variadas dimensões. O perfil migratório da região identifica fatos novos e antigos de deslocamentos de populações que fazem circular novas bases de produção, transferências de tecnologias e conhecimentos.<sup>2</sup>

Percebemos essa situação nos movimentos contemporâneos entre Oeste Paraense e Leste Amazonense, onde há intensa movimentação em busca de oportunidades de formação educacional e profissional em centros regionais maiores, como Manaus, que aparece como fator mobilizador de jovens Paraenses saídos de Terra Santa e demais cidades.

E por falar em Terra Santa – PA, este é o local de onde parte nossas análises para construção dessa dissertação. Situada no extremo Oeste Paraense, fronteira com o Amazonas, este município foi distrito de Faro até o ano de 1991, quando construiu seu processo de emancipação política. Por ser uma cidade situada distante da capital paraense, ou seja, a 891 km de Belém e, por estar em uma região de fronteira, observa-se que há

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Márcia Maria de. Mobilidade humana na Amazônia contemporânea: pressupostos teóricos e metodológicos. In: SOUZA, Carla Monteiro (Org.). *Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Ocidental: algumas questões para o debate*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016. p. 4.

um grande fluxo migratório dela para cidades mais próximas, como Parintins e Manaus, situadas a Leste do Estado do Amazonas, reatualizando corredores históricos de mobilização populacionais.

Percebemos a atualização dessa dinâmica presente na Amazônia desde o século XIX, com o trânsito das populações, desde as negras e mestiças dos contextos coloniais e imperiais, até gentes mais contemporâneas, que atravessavam os limites impostos pelo Estado, burlando as fronteiras, e que se fazem presentes na atualidade, requalificados pelos atores sociais desse processo ao longo do século XX à XXI.

Essas reflexões confirmam a importante contribuição dos estudos migratórios como uma forma de representação da Amazônia, propiciando novas interpretações das conjunturas políticas, sociais, econômicas e culturais, tendo como base o entendimento da mobilidade humana na região, dando à Amazônia novos significados interpretados pelos povos em constante mobilidade no interior dessa região densa e complexa.

Os fluxos migratórios destinados à Manaus podem ser encarados a partir de várias interpretações que permitem identificar essas diferenças de contextos e estruturas sociais presentes nos deslocamentos populacionais. Portanto, cada migrante ou grupo de migrantes, tem uma trajetória social diferenciada, construída a partir de um constante contato com as estruturas sociais distintas do seu local de origem.

Partimos assim da hipótese, de que as dinâmicas migratórias femininas podem fornecer uma das novas chaves de leitura e interpretação da Amazônia em seus processos socioculturais. Para tal feito, utilizamos dados empíricos de fontes orais, que foram produzidas a partir da memória e das experiências das mulheres que passaram por esse processo migratório, visualizando tais trajetórias com auxílio da metodologia da História Oral.

A opção por essa metodologia deu-se em decorrência de que a utilização do recurso da história oral possibilitaria a produção de dados valiosos e insubstituíveis, como conhecimentos relativos às visões de mundo das pessoas, suas experiências e suas histórias de vida. Dada a pouca disponibilidade de documentação impressa ou manuscrita para a construção da pesquisa, as entrevistas se apresentam como recurso principal.

Dessa forma, verificamos quais as condições que empurram as mulheres para a migração, visualizando também como foram os processos de acolhimento no local de destino e os problemas referente à inserção dessas mulheres em Manaus nos âmbitos do emprego, estudo, moradia, violência etc. Por fim, analisamos como se deu o processo de retorno delas ao local de origem ou a permanência em seus destinos.

Todos esses questionamentos respondemos através do diálogo com nossas colaboradoras, a partir da construção de um olhar historiográfico acerca da migração terrassantense para Manaus, destacando as experiências das mulheres ao longo dos anos 1970 a 2018, mostrando-as como sujeitas ativas no trânsito interno na Amazônia, atribuindo sentido ao processo migratório diante de suas trajetórias.

Trabalhamos como marco temporal inicial o período do governo militar em que o foco era planejar o “desenvolvimento” da região amazônica através de programas do governo. Dentre esses programas, que tinham o objetivo de desenvolvimento econômico da Amazônia, está o Polo Industrial de Manaus-PIM, que projetou este grande fenômeno migratório para a região especialmente para a capital amazonense. “Manaus ascendeu definitivamente à condição de metrópole e em 1991, ela concentrava 67% do total da população urbana da região”.<sup>3</sup>

Contudo, nos atentamos ao fato de que a migração, especialmente a feminina, podendo ocorrer por conta de diversos fatores, poderia não estar diretamente ligada a esse processo de “desenvolvimento” da cidade de Manaus via Zona Franca, mas estar relacionada intrinsecamente a outras características que se revelaram por meio da análise da trajetória das colaboradoras presentes na pesquisa.

Nesse sentido, estabelecemos como recorte inicial o ano de 1970, momento em que também iniciam os anseios de nossas colaboradoras, que nesta pesquisa partiram primeiro para a capital amazonense, mas sempre estando atentos ao fato de que muitas partiram antes delas e tantas outras depois.

O que procuramos mostrar com isso é que a trajetória de nossas colaboradoras perpassa pelas décadas de 1970, 1980, 1990 e a partir dos anos 2000 nesse trânsito migratório, e como veremos no último capítulo desta dissertação, a maioria delas partiu com o desejo de retornar, mas esse retorno por vezes era postergado ou inexistente.

Por conta disso, como as entrevistas foram realizadas no ano de 2018 e Liene, uma de nossas colaboradoras que dentro desta pesquisa é a última a passar pelo processo migratório, ainda residia na capital na ocasião de sua entrevista (atualmente ainda reside e trabalha em Manaus), optamos como recorte final este mesmo ano, visto que segundo ela, o momento de seu retorno “é uma coisa que tá incerto na minha cabeça”<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> VICENTINI, Yara. *Cidade e história na Amazônia*. Curitiba: UFPR, 2004, p. 171.

<sup>4</sup> Liene Valente Fonseca Kitsinger. Entrevista realizada na residência de seus pais, em Terra Santa, no dia 13 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

A memória individual das nossas agentes faz parte da memória coletiva que, por sua vez, faz parte da memória social, pois é vivida e compartilhada e tem como suporte um grupo social. Como essa consciência individual está atrelada à força do coletivo, toda memória se estrutura em identidade de grupo, tornando o ato da lembrança uma possibilidade de reafirmação de identidades, construídas na dinâmica da história, particularmente das histórias locais, como a das mulheres migrantes de Terra Santa.

As entrevistas são de suma importância, porque trazem as impressões e as memórias do entrevistado a respeito do objeto estudado, e muitas vezes oferecem elementos para a pesquisa que não estão disponíveis em bibliografia. Sendo um dos atributos da História Oral, a possibilidade do estudo das experiências passadas de pessoas ou grupos.

A procura pelas colaboradoras se deu por meio de uma conversa informal com alguns familiares na cidade de Terra Santa, a partir daí começamos a estabelecer alguns contatos prévios com algumas delas e logo em seguida tecer os fios que conduziram à estruturação da pesquisa de campo. Dentre esses contatos, algumas já eram amigas, conhecidas e parentes, outras tornaram-se também interlocutoras ao longo do período de investigação. Foi através desse contato que foi possível a formação da rede de estudo.

O processo para encontrá-las foi bem simples e rápido. No período em que foram realizadas as entrevistas eu estava residindo em Manaus por conta das disciplinas que estava cursando no segundo semestre de 2018. Aproveitei que faria a viagem para a eleição nesse mesmo ano e fiquei por duas semanas na cidade de Terra Santa para conseguir realizar as entrevistas, sendo que todo o material necessário para isso já estava estruturado.

Um tempo antes de viajar tive uma conversa via ligação telefônica com meus pais, e com uma amiga que foi para um congresso em Manaus e ficou alojada no local onde eu residia, que estava mapeando mulheres que haviam migrado para Manaus desde a década de 1970. Quando cheguei ao município tive novamente uma conversa com meus pais que me indicaram alguns nomes: Dona Andreza, que era/é diretora da escola onde minha mãe trabalha, e Dona Lúcia, que trabalhava como professora nessa mesma escola na época; Dona Heloisa figura ilustre do município que fazia lives dos eventos da paróquia da cidade, muito conhecida por seu carisma, sobre ela eu também já sabia que havia residido em Manaus; Dona Elba, que foi colega de profissão de minha mãe em uma escola que ela trabalhou; Dona Elzinete, lembrada por meu pai que por ocasião se lembrou de alguns parentes que também haviam migrado para a capital.

A primeira colaboradora a ser entrevistada foi Dona Heloisa Helena. Havíamos conversado previamente por mensagens, onde ela me falou um pouco sobre o processo migratório dela. Marcamos então a entrevista em sua residência no dia 10 de outubro de 2018, no fim da tarde. Ela me ofereceu um café e assim iniciamos a entrevista. Apesar de conhecê-la fiquei muito tímida, e mesmo com um material que me guiasse para tal feito, o nervosismo tentou tomar conta, mas de certa forma deixei que ela falasse sobre sua trajetória de vida, interferindo apenas para frisar algumas perguntas que não haviam sido abordadas.

Dona Heloisa Helena é divorciada, tem 3 filhos e no momento de sua entrevista trabalhava como supervisora administrativa do hospital municipal de Terra Santa (hoje em dia está aposentada). Ela viu em Belém sua primeira oportunidade de prosseguimento dos estudos, dada sua rede de parentesco se encontrar nesse local. Partiu em 1969, aos seus 11 anos, para morar com seus tios e terminar a grade curricular do ensino fundamental, que na época não havia nas duas escolas presentes no município. Alguns anos depois, entre 1972-1973, ela partiu com apenas 14 anos de idade para Manaus, onde sua mãe e irmãos estavam, iniciando um novo momento em sua trajetória na capital amazonense que durou muitos anos, até o momento que decidiu retornar ao município e viver o seu sonho de ter seu “*cantinho*” em sua terra natal.

Ao final de nossa entrevista perguntei se ela conhecia alguma outra mulher que migrou para Manaus na mesma época que ela ou depois, ela citou alguns nomes, entre eles da família do primo dela, que haviam morado por lá também, foi então que cheguei ao nome de Dona Eliçandra.

Como dito anteriormente, havia trocado ideias com uma amiga que estava em minha casa em Manaus, ela é de Terra Santa, mas estava estudando em Parintins, e me falou sobre uma tia que ainda morava na Capital. Assim que eu cheguei em Terra Santa, ela me avisou que sua tia estava de férias em Terra Santa, me passou o contato dela para que eu marcasse uma conversa e fizesse a entrevista. Dessa forma pude realizar minha segunda entrevista com Liene Kitsinger, na casa de sua mãe em Terra Santa, no dia 13 de outubro de 2018.

Liene é solteira, administradora e hoje em dia trabalha como Diretora Financeira em um Clínica de Saúde Ocupacional em Manaus. Ela também foi uma das jovens que migrou com o objetivo maior que era estudar. Partiu no ano de 2006, aos 14 anos, para Manaus, e não teve uma experiência tão boa logo que chegou. Ela foi morar na casa da tia de uma amiga de sua mãe, que naquele momento precisava de uma babá para cuidar

de sua neta. Como ela mesmo disse, até sua saída de Terra Santa, estava tudo dando certo, no sentido em que seus pais permitiram sua ida para a capital, confiando os caminhos dela a uma conhecida, mas com o aviso de que se retornasse não sairia dali para nenhum outro lugar, e foi isso que a fez permanecer na capital por um bom tempo mesmo que tenha passado por situações nada agradáveis. Logo após essas situações desagradáveis, sua trajetória foi de muitas conquistas e a realização de seus sonhos, fazendo com que até hoje permaneça na capital e ainda nem queira pensar em um retorno para sua cidade de origem.

A terceira entrevista realizada foi com Elba Barbosa, conversei previamente com ela por ligação e por mensagens via WhatsApp, logo marcamos a realização da entrevista em sua residência na cidade de Terra Santa, no dia 15 de outubro de 2018, e como já nos conhecíamos todo esse processo foi bem rápido e nossa conversa bem articulada, com ela dando vários detalhes sobre sua partida, sua passagem por Manaus e seu retorno.

Dona Elba é casada, possui uma filha e trabalha atualmente como gestora de uma das escolas da rede municipal de Terra Santa. Ela migrou ainda muito jovem para Manaus, aos 16 anos, para que pudesse continuar seus estudos, principalmente porque não queria fazer o magistério, que era a única opção que havia na cidade, mas ela também nos revela um panorama dos motivos que levaram-na escolher sair da cidade e ir para Manaus no ano de 1988, dentre eles o fato de que sair de Terra Santa já havia se tornado uma tradição dentro das famílias do município.

Dona Lúcia Maria foi nossa quarta entrevistada, também tive uma conversa por ligação e mensagens com ela. Marcamos a entrevista na sua residência logo pela manhã do dia 16 de outubro de 2018. Como também já nos conhecíamos, o desenrolar da conversa foi bem tranquilo. Ela trabalhava como professora em uma das escolas do município, atualmente está aposentada.

Dona Lúcia migrou com apenas 13 anos, no ano de 1971, e ficou responsável por cuidar dos 4 filhos da mulher do seu tio, tendo que conciliar isso com seu estudo. Ela relata que estudou até a oitava série do ensino fundamental, mas não conseguiu concluir, pois engravidou e devido a isso parou de estudar. Por esse motivo teve que sair da casa dos tios e passou a morar com o rapaz que a engravidou, na casa dos pais dele. Desde sua chegada até esse momento em que teve que ir morar em outra residência, ela fala sobre como a falta de instruções afetaram em suas decisões e escolhas, visto que ela partiu muito nova. Após seu retorno para Terra Santa ela reconstruiu sua vida, mas passando

por uma série de situações que tentaram impedi-la de realizar seus sonhos e prosseguir com seus estudos, mas não conseguiram.

Ao sair da residência de Dona Lúcia, me dirigi até o prédio da Assistência Social do município de Terra Santa para falar com Dona Eliçandra, a qual tinha sido apontada por Dona Heloisa para também ser uma de nossas colaboradoras. Assim que cheguei na Assistência Social conversei com ela que se mostrou muito animada em poder contribuir com a pesquisa e falar um pouco sobre sua trajetória de vida, disse que se eu quisesse poderia iniciar a entrevista naquele momento mesmo, então assim fizemos, aproveitando aquele momento oportuno para realizar nossa quinta entrevista.

Dona Eliçandra vive uma união estável, tem dois filhos, é enfermeira e trabalha atualmente como Secretária Municipal de Saúde em Terra Santa. Ela viu no casamento a oportunidade que precisava para “*sair de perto da família*”, iniciando uma nova jornada na capital de Roraima, Boa Vista, em 1999 aos 19 anos, tendo a coragem de buscar construir sua família em outro local, partindo de lá, anos mais tarde, para Manaus. Na capital ela se qualificou profissionalmente, tendo sempre o desejo de poder retornar para seu município de origem e poder contribuir de alguma forma trabalhando em uma área na qual ela também tivesse essa oportunidade.

Durante seu relato, Dona Eliçandra citou que uma de suas irmãs, Dona Elza Lira, teria morado com ela durante o período em que esteve em Manaus. Perguntei se ela poderia me passar o contato de sua irmã para que ela também fizesse parte da pesquisa. Sendo assim, logo entrei em contato com ela que foi super receptiva com a ideia de poder colaborar com esse estudo. Marcamos então nossa entrevista para esse mesmo dia durante a noite, horário que ela estaria em sua residência. Nesse mesmo dia já havia marcado mais duas entrevistas, uma para o início e outra no fim da tarde.

A primeira foi com Dona Andreza, diretora do colégio onde minha mãe é coordenadora, esse foi o horário que ela se dispôs a realizar a entrevista, sendo essa realizada na escola onde ela trabalha, em sua sala particular. Sua entrevista foi bem rápida, até porque ao recordar alguns momentos de sua trajetória na capital isso a incomodou um pouco, então não quis estender a conversa, mas falou comigo por tempo suficiente para que pudessem ser respondidos todos os questionamentos presentes na pesquisa e apresentasse um pouco do que significou esse trânsito migratório para ela. Durante sua entrevista ela falou sobre ter morado com sua irmã que viajou antes dela para Manaus, então perguntei se ela poderia me passar o contato de sua irmã, e se poderia

conversar com ela sobre sua participação na pesquisa. Ela aceitou e logo entrei em contato.

Dona Andreza é solteira, pedagoga, e já trabalha a algum tempo como gestora em uma das maiores escolas do município de Terra Santa, quando nos diz o que a motivou partir para Manaus no ano de 2002, “[...] eu fui mesmo porque queria um objetivo na vida, que como não tinha faculdade então eu tinha que ir mesmo...”<sup>5</sup>. As circunstâncias que a fizeram retornar foram bem traumatizantes, mas de acordo com ela foi a melhor decisão que tomou, e que hoje se vê feliz morando perto de sua família e amigos.

A entrevista marcada para o final da tarde foi com Dona Elzinete, que trabalha como serviços gerais em uma escola do município. Ela aceitou participar da pesquisa e disse que poderia realizar a entrevista no fim de seu expediente, na área externa da escola, tudo isso acertado com ela em uma conversa anterior via ligação. Como já nos conhecíamos também, a conversa foi tranquila e fui conduzindo de forma que ela ficasse à vontade para falar sobre sua trajetória, pois logo no início ela estava bem tímida, mas aos poucos foi trazendo mais detalhes, principalmente sobre sua vivência em Manaus.

Dona Elzinete migrou para Manaus para morar com sua irmã, “eu tinha vontade de conhecer Manaus principalmente que todo mundo falava e como minha irmã já morava lá surgiu a oportunidade de ir pra lá”<sup>6</sup>, e foi por conta disso que migrou aos 16 anos para a capital amazonense, em 1990. Ao ter suas expectativas frustradas ao chegar, por diversas situações, ela decidiu que não permaneceria mais na capital, mas teve que ficar ainda por um período, já que sua irmã não queria que ela voltasse. Sendo muito nova quando migrou, acabou tendo algumas atitudes que ao seu ver não deveriam ter sido tomadas naquele momento e que não permitiram que ela concluísse seus objetivos traçados ao sair de Terra Santa.

Logo após essa entrevista, fui até a casa de Dona Elza Lira, popularmente conhecida como Liroca. Ela me recebeu com sua alegria, sempre muito extrovertida, fez com que me sentisse à vontade para conversar com ela, mesmo que não nos conhecêssemos tanto assim (de sua família eu conhecia apenas sua irmã que em um dado momento também trabalhou junto com minha mãe). Nossa conversa foi cheia de emoções, lágrimas e muita alegria por tudo que ela estava vivendo naquele momento.

---

<sup>5</sup> Andreza Costa Barbosa. Entrevista realizada na escola municipal São Sebastião, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>6</sup> Elzinete Santos Souza. Entrevista realizada na escola onde trabalha, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

Dona Elza Lira, vive em uma união estável, não tem filhos e é concursada no município de Terra Santa como administradora de produção. Ela, sua irmã e mais 2 primos, todos solteiros e jovens, resolveram se “*aventurar em Manaus*” no ano de 2001, com o objetivo de trabalhar e estudar, já que a família dos mesmos não tinha condições de mantê-los por lá, eles acabaram recebendo ajuda de conterrâneos e parentes, para que pudessem conseguir emprego, além de receber outros tipos de ajuda. Após um tempo eles se separaram e ela passou a morar com sua irmã. Sua experiência na capital foi marcada por altos e baixos, mas nunca desistiu, pois queria alcançar seus objetivos traçados desde o dia em que decidiu migrar.

Um fato curioso, é que quando iniciamos nossa entrevista logo percebi que ela havia migrado junto com um outro colaborador que fez parte da minha pesquisa de TCC e eu não sabia, na época, que era ela quem havia migrado junto com ele para Manaus. Foi um momento bastante descontraído, em que também pude relembrar parte da minha trajetória enquanto migrante, e isso fez com que me sentisse ainda mais à vontade sobre o que trabalharia nesta pesquisa.

Nossa última entrevistada foi Dona Adriana, a entrevista ocorreu uma noite antes do meu retorno para Manaus, no dia 17 de outubro de 2018. Foi com ela que Dona Andreza morou enquanto estive na capital. A entrevista ocorreu na residência de seus pais, a qual elas residem desde que retornaram de Manaus. Foi uma conversa longa, onde Dona Adriana muito calma e serena, contou vários detalhes sobre sua trajetória, desde sua saída até o seu retorno para Terra Santa.

Dona Adriana é solteira, formada em enfermagem e hoje trabalha como Coordenadora do Serviço Família Acolhedora na Secretaria de Assistência Social da cidade de Terra Santa. Ela queria morar em um lugar mais próximo, visto que ela era muito ligada a sua família, mas na época ela “só tinha parente em Manaus.”. Quem ajudou no suporte da ida à chegada na capital foi um primo dela, que morava lá há algum tempo, e não apenas ela, mas também sua prima que a acompanhou durante a viagem que foi realizada no ano de 1994, tendo ela apenas 14 anos de idade. E assim como o primo de Dona Adriana assume o papel de mediador e oferece a oportunidade para ela se inserir nesse novo ambiente, ela também o faz com sua irmã anos depois, dando suporte e morando junto com ela, dando continuidade à rede familiar pré-estabelecida na cidade de Manaus.

Essa foi a última entrevista de um total de nove que foram realizadas com nossas colaboradoras, e usamos esse termo principalmente porque elas ajudaram na construção

da pesquisa, visto que sem saber sobre suas experiências de vida, não seria possível a realização deste trabalho. Cada uma delas nos mostrou um modo de pensar e agir frente às diferentes situações que se apresentaram, e o que delas não se pode negar é a força de lutar pelos seus objetivos e fazer de história por meio de suas trajetórias.

Devido à ausência de fontes históricas no município de Terra Santa referente à história da cidade que possa ser disponibilizada para pesquisa, tendo somente o histórico disponibilizado pela Secretaria de Educação do município, buscamos por meio da utilização da História Oral, através dos relatos das experiências individuais de cada uma de nossas colaboradoras, construir uma história a partir dos próprios agentes históricos, para que se possa construir sua identidade e memória histórica, sendo esse o objetivo da História Social, resgatado nesta pesquisa por meio da História Oral. E mesmo com essa dificuldade em relação aos documentos da cidade, dialogamos com outras fontes e registros documentais, que foram mapeados para utilização na dissertação.

Dessa forma, lançamos mão dessa metodologia na expectativa de construção de fontes, uma vez que isso permite ampliar o leque de informações, abrindo novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir.

O interesse pelo estudo da migração feminina é muito recente e tem o seu início a partir de constatações de volume significativo de mulheres em fluxos migratórios onde predominavam homens ou ainda pela captação de fluxos migratórios essencialmente femininos. Daí a importância de um estudo sobre a migração feminina. As experiências das mulheres, captadas e analisadas podem oferecer outro sentido ao fenômeno, incrementar e aprofundar seu conhecimento. Pois encarar as mulheres como agentes secundários de processos migratórios, invisíveis em suas especificidades, implica em ignorar complexidades e heterogeneidades.<sup>7</sup>

Para tanto, toma-se uma das grandes variáveis demográficas (a migração), para buscar intersecções que possam aprofundar a interdisciplinaridade nos estudos, buscando a superação de desafios teóricos e metodológicos através dos recentes avanços tanto dos estudos de gênero, quanto de migração. Neste sentido, discutir a migração nessa região de fronteira amazônica no âmbito teórico e metodológico dos estudos de gênero, é buscar

---

<sup>7</sup> CASTRO, Juventina Yolanda Correa. *Ahora las mujeres se mandan solas: migración y relaciones de género en una comunidad mexicana transnacional llamada Pie de Gallo*. Tese de Doutorado, Universidad de Granada, 2006.

compreender de que maneira se articulam a migração de mulheres e que tipo de impactos e especificidades se observam deste fenômeno.

A questão de gênero, no contexto das migrações, é uma vertente que vem chamando a atenção dos estudiosos e demais interessados na temática da mobilidade humana e áreas afins. A força e representatividade com que as mulheres vêm aparecendo nos números e nas discussões sobre migração no mundo globalizado faz com que muitos especialistas venham falando de *feminização dos fluxos migratórios* ou dos *deslocamentos populacionais*, tornando necessária uma reflexão mais profunda sobre as especificidades da migração feminina, abordando fatores de vulnerabilidade e desigualdade, quanto à abertura de possibilidades e transformações na estrutura social, familiar e do trabalho.

Mas falar da “feminização” das migrações não é falar apenas de um aumento quantitativo da presença de mulheres nos fluxos migratórios, mas, de uma série de mudanças qualitativas das suas motivações, dos meios e formas também da migração feminina, dos processos de inserção econômica ou de sua integração social, do seu contributo social econômico, bem como de uma visibilidade da importância do papel do gênero nos processos migratórios.

E incorporando os diferenciais por sexo bem como as relações de gênero às análises de fluxos migratórios, indo além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, as teorias de migração avançam no sentido de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas: família, domicílio, mercado de trabalho.

Nesse sentido, autoras como Maria Izilda Santos de Matos e Lená Medeiros de Menezes são fundamentais dentro do âmbito de estudos migratórios e de gênero. Através de seus trabalhos, as duas investigadoras apresentam o resultado de pesquisas que se prendem exclusivamente com as mulheres portuguesas imigrantes em dois espaços urbanos do Brasil.

Lená Medeiros de Menezes<sup>8</sup> tem trabalhado com a Imigração Portuguesa e comércio varejista no Rio de Janeiro em uma perspectiva de gênero (1945-2010), que lhe permitiram elaborar numerosos e inovadores trabalhos sobre a imigração lusa, mas também espanhola, italiana e francesa, do final do século XIX até ao tempo presente. Maria Izilda<sup>9</sup> por sua vez tem-se destacado no panorama historiográfico brasileiro com

---

<sup>8</sup> MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco* (Rio de Janeiro e São Paulo – XIX e XX). São Paulo: e-Manuscrito, 2017.

<sup>9</sup> Ibid.

estudos sobre as mulheres, muitos dos quais versando a imigração portuguesa em São Paulo, cujas vivências e atividades laborais analisa com incidência nas questões de gênero e geração, cruzando a história das mulheres e da vida privada, como atesta a sua vasta produção científica, que privilegia um arco cronológico que se estende dos finais de oitocentos a meados do século passado.

Ao enveredar por esse campo historiográfico, percebemos que história de gênero constitui um território temático complexo pela diversidade documental que convoca e consequente multiplicidade metodológica que exige, pelo esforço de interdisciplinaridade que requer. Compreender essas estruturas, bem como suas intersecções, exige um estudo amparado no debate da migração e dos estudos de gênero, levando em consideração as esferas ignoradas fora dessa perspectiva.

É preciso reconhecer, no entanto, que o primeiro passo para uma análise sob esta perspectiva de gênero é o estudo dos diferenciais entre homens e mulheres ao longo do processo migratório, trazendo a equidade entre os agentes na migração e não somente colocando a mulher migrante no papel secundário de acompanhante ou ainda, no da reunificação familiar. Partindo desse cenário, a importância da incorporação dos estudos de gênero, bem como o crescimento dos movimentos feministas, contribuiu, ainda que após décadas, para a visibilidade da mulher na agenda de migração global. O impacto dos movimentos feministas no cenário migratório significou uma redefinição da mulher migrante, colocando-a como principal ator no processo migratório.

Portanto, considera-se para a mobilidade feminina a emancipação das mulheres nas suas comunidades de origens e a segmentação do mercado de trabalho. O que há por trás das migrações femininas tem a ver com o curso da vida, com o empoderamento, ciclo de vida, estratégias, formação de redes dessas mulheres. A noção de rede migratória surge, então, do entendimento de que as redes sociais são de grande importância para o estudo das migrações. Elas se configuram como um tipo específico de rede social, que não apenas agrega redes sociais existentes como incita a criação de outras, formando o que poderia chamar rede de redes.

As redes sociais intermedeiam complexas interações não apenas entre migrantes, mas também entre não-migrante, ex-migrantes, e seus descendentes, ligados por vínculos de amizade, parentesco, experiência comum e transações comerciais. São estratégias duradouras que ajudam a compreender como a migração se sustenta. Elas são formadas durante fases de políticas de expansão da migração, alcançando até as pequenas cidades

e áreas rurais. Sua influência antecede, portanto o movimento migratório em si, já que condicionam a própria decisão de migrar.

Elas têm se mostrado cada vez mais importantes para o sucesso do processo migratório. Quem sai, quem fica ou quem acolhe, todos estão envolvidos numa rede social de relações muitas vezes pré-estabelecidas. O uso de rede social é a forma correntemente utilizada para se obter um emprego. O grupo familiar, de parentesco e de amizade, em razão das relações de reciprocidade, são os responsáveis pela integração do migrante na sociedade urbana, condicionando inclusive a carreira destes, uma vez que ela não é um processo independente.

A migração, nesse aspecto, não significa necessariamente o afrouxamento das relações sociais, uma vez que o próprio processo desencadeia o fluxo de troca recíproca entre parentes e amigos. Apesar de a migração implicar referência de rupturas com a estrutura social anterior e a inserção em estruturas mais complexas, a mudança não pode ser concebida como um processo de desintegração familiar, mas sim, rearranjos das relações primárias.

E foi durante o processo de transcrição e análise das entrevistas, que percebemos o quão fortes são as redes que movem e sustentam todo o processo migratório na cidade de Terra Santa, e podem ser redes de sociabilidade ou, como preferimos chamar, redes de parentesco, por ser uma rede formada por parentes e familiares, tanto no local de partida quanto no de destino.

Além de questões de ordem mais prática como viabilização de trabalho, hospedagem entre outros, estas redes têm outras funções essenciais na situação migratória com mais ênfase na migração feminina: facilitam a ligação com a terra natal, fazendo a conexão entre os dois lugares; se configuram como local de memória e de reafirmação da identidade de origem; servem de família ampliada. Há, através dessas redes, apoio de ordem prática e subjetiva, visando amenizar a sensação de ser o “outro” em seu local de destino.

Tendo em vista todo esse processo, a dissertação divide-se em três capítulos, nos quais abordamos a partida do seu local de origem, a chegada no local de destino e o retorno (ou não) das mulheres que participaram desse processo migratório de Terra Santa à Manaus.

A ideia básica do 1º capítulo, foi a de contextualizar com clareza o local de origem desse processo de deslocamento, descrevendo a cidade e enfatizando seu acanhamento e os limites que a ela impõe ao desenvolvimento de uma vida mais dinâmica para seus

habitantes. Em um primeiro momento, apresentamos a descrição de Terra Santa. Nesse sentido, a descrição da cidade é feita de uma forma mais ampla e geral, para que se possa compreender os motivos desencadeadores do processo migratório local.

Também enfatizamos neste capítulo a especificidade da condição feminina ali. O cotidiano, os papéis sociais atribuídos a elas, as oportunidades e condições ofertadas, ou não, que fazem com que essas mulheres se tornem migrantes, partindo em épocas distintas por meio de um problema comum para a maioria delas, ou seja, o desejo e a necessidade de continuar seus estudos, conforme apontam as entrevistas realizadas.

Dentre outras questões, discutimos os *fatores de expulsão*, mostrando o que impele os moradores a sair da comunidade e a buscar outras localidades, mesmo que temporariamente. Elucidamos aqui a opção por Manaus, esclarecendo se há ou não outras rotas de destino tradicionalmente usadas pelos habitantes da cidade, e se nossas colaboradoras traçaram mais de um caminho durante esse processo.

Por fim, exploramos, pelos relatos das entrevistadas, as expectativas e receios que elas e seus familiares tinham com aquela partida, e se esse momento representava ou falava sobre o não conformismo de quem está saindo, a não aceitação das dificuldades, culminando na decisão de ir embora. Nesse sentido, as que tomam a decisão de querer ir, rompem com vínculos estabelecidos e abrem caminhos na intenção de construir outras oportunidades.

Em nosso 2º capítulo, verificamos o contexto do que se chama de local de destino, nos processos migratórios. Nele contextualizamos, de forma geral, a cidade de Manaus. Mas antes de descrever a cidade, e portanto esclarecer *como ela é*, exploramos, pelas entrevistas, o que as entrevistadas achavam *como ela seria*. Ou seja, partiremos inicialmente pelas representações que nossas colaboradoras tinham/tem de Manaus.

Já na descrição de Manaus, enfatizamos as dimensões tradicionais das grandes cidades, incluindo tanto a estrutura mais ampla de serviços urbanos – saúde, educação etc. – a disposição da sociedade, quanto seus limites e dilemas (violência/insegurança, moradias precárias, periferização, favelização etc.).

Mostramos também as redes de sociabilidades e solidariedades, formadas por familiares ou amigos já estabelecidos em Manaus, e como elas favoreceram uma melhor acolhida na cidade. Exploramos, no caso dos estudantes, a formação de repúblicas com moradores oriundos de Terra Santa, indicando como essas redes acabaram por estruturar espacializações próprias, concentrando, por exemplo, esses migrantes em áreas ou bairros específicos de Manaus.

Exploramos as trajetórias das migrantes de Terra Santa em Manaus, via entrevistas realizadas com as colaboradoras, destacando os principais dilemas enfrentados no processo de sua assimilação na cidade. Dessa forma, as condições de moradia, alimentação, transporte, saúde e educação vivenciadas por elas serão vistos nesse momento. Demos atenção especial também à dimensão do acesso ao mercado de trabalho, já que ele em muitos momentos foi determinante tanto para o retorno, quanto para a opção pela permanência na cidade, mesmo das migrantes que vieram com a ideia de um breve retorno já estabelecido.

As especificidades desse viver feminino na cidade de Manaus também foram exploradas. Dimensões específicas das atividades de trabalho que irão desenvolver, sociabilidades próprias (festas e lazer) e relacionamentos, assim como situações problemáticas, como assédios e violências.

Por fim, nosso 3º capítulo explorará, basicamente, as opções de retornar ou ficar. Discutimos, portanto, em cada caso, os fatores de repulsa e de acolhimento que foram definidores em cada caso. Desta forma, assim como os laços familiares são um importante fator de retorno para a jovem migrante que veio à Manaus apenas para ampliar seus estudos, precisamos considerar outras situações e perspectivas que fogem à nossas escolhas.

O trabalho (ou a falta dele) também tende a ser um elemento central nesse processo de ficar ou retornar. Assim, o acesso à um emprego estável e relativamente bem remunerado, dificilmente fara o migrante optar por um retorno que não lhe trará essa segurança e conforto. O inverso é igualmente verdadeiro, já que quando a busca por postos de trabalho na “cidade grande” não alcança sucesso, ou apenas lhe propicia ganhos módicos em meio à um trabalho pesado e afanoso, voltar para a pequena comunidade, onde as relações familiares tendem a ser mais acolhedoras, é a opção mais recorrente.

Neste caso, descrevemos como foi o retorno, e se gerou dilemas e tensões no seio familiar, ou se, ao contrário, significou um alívio, materializado na (agora) certeza de que “o melhor lugar do mundo” é o “lar, doce lar”, onde se nasceu e cresceu.

Em nosso balanço final, discutimos centralmente o que significou e tem significado esse processo migratório para Manaus. À luz das narrativas das entrevistadas, avaliamos sua importância, destacando o que se ganhou e também o que se perdeu nesse trânsito. É claro que as duas coisas podem ocorrer juntas, e, como a História é “a ciência dos homens no tempo”, o mais importante é tentar perceber a mudança, o que mudou na vida daquelas migrantes, seja para melhor, seja para pior.

Nessa perspectiva, ao analisarmos pelo viés do trabalho essa vivência manauara lhes propiciou uma melhor qualificação ou colocação do que aquelas que poderiam ter em sua terra natal? O trabalho, portanto, mudou sensivelmente o rumo então traçado para suas vidas ou o impacto neste quesito foi irrisório ou mesmo inexistente?

Pelo viés das sociabilidades poderemos discutir que relacionamentos elas desenvolveram e quais as mudanças que essa vivência manauara causou em suas vidas. Elas ganharam maior autonomia? Mudaram sua percepção? Essas são questões importantes que tentamos responder ao longo da referida dissertação.

## Capítulo 1

### **PARTIR:**

#### *“EU PRECISAVA IR”*<sup>10</sup>

---

O processo de desenraizamento iniciado no processo migratório, se dá pela alteração de território, modificando sua relação com esse ambiente ao fato de deixar os lugares de infância e juventude, responsáveis por nossa formação enquanto seres humanos, para sair e lançar-se no mundo, em novos lugares com pouca ou nenhuma familiaridade. Entre os fatores que levam ao encorajamento de partir rumo a novas possibilidades, está a identificação com o lugar, o estabelecimento de laços, e em que as características desse novo ambiente não sejam totalmente desconhecidas.

Esse ato do deslocamento faz parte da natureza humana, e são estimulados - quando não forçados - nos dias de hoje, pelo advento da tecnologia e pelo impacto da problemática econômica. Dessa maneira, no que tange ao fenômeno migratório contemporâneo, por sua intensidade e diversificação, torna-se cada vez mais complexo, principalmente no que se refere às causas que o originam.

Nos últimos anos, tem-se assistido o aumento significativo do número de mulheres que se deslocam sozinhas com um projeto migratório meramente laboral ou que envolva em si outras escolhas. Porém, historicamente, a presença feminina no âmbito da migração estava ligada, predominantemente, à reunificação familiar.

Por conta disso, neste capítulo trataremos a complexidade das trajetórias de mulheres migrantes que tiveram que sair da cidade de Terra Santa no estado do Pará, cidade essa que passou por mudanças políticas e em seu espaço urbano ao longo dos últimos 50 anos, transformado de forma significativa a vida das suas jovens habitantes, sendo esse o cenário de onde elas partiriam e trilhariam diversos caminhos.

A saída dessas mulheres ainda crianças, adolescentes e jovens, nos mostra um quadro de precarização do lugar onde viviam, sendo esse um dos fatores determinantes para a saída delas, tornando-se necessário entender os motivos e os porquês que as levaram a migrar de sua terra natal, para seguir um caminho rumo a certezas e incertezas, tendo elas partido em diferentes épocas, em cenários distintos, mas com um destino comum.

---

<sup>10</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

### **1.1 “Uma cidade muito encantadora, muito hospitaleira, muito linda”<sup>11</sup>: conhecendo o ponto de partida, a cidade de Terra Santa.**

Terra Santa originou-se nas décadas da segunda metade do século XIX, pelos anos de 1859 a 1860, pela aldeia dos índios Uaboí e Jamundá, que tinham suas tribos localizadas no alto rio Jamary e no alto rio Nhamundá, em uma época que os frades Capuchinhos fizeram vir tribos e negros quilombolas do Alto Trombetas para povoar a região de Faro, que havia passado por um longo processo de despovoação desde a época da Cabanagem quando a maioria do povo Jamundás fora extinta ou mesmo dispersa.<sup>12</sup>

O nome do município deriva-se do seu marco inicial, a ponta de pedras<sup>13</sup>, também chamado de “Ponta Santa”, local onde os índios Uaboís, primeiros habitantes da cidade, banhavam-se para ficarem curados quando estavam doentes ou faziam seus rituais sagrados nos meses de setembro e outubro, bem como o batismo de seus futuros caciques às margens do lago Grande ou Algodal - nome dado em virtude do cultivo de algodão e do fenômeno da agitação da água com o vento, vindo do Leste e do Sul, assemelhando-se as ondas do lago aos capuchos do algodão na época da colheita.<sup>14</sup>

Padre José Nicolino de Souza, vigário de Óbidos, após longo período de Estudos na Europa, fora em 1887 visitar a mãe, a Sra. Maria de Souza Pereira, que residia nessa localidade, mudou o seu nome, passando a chamá-la de Terra Santa, pois sabia que, geograficamente, não se tratava de uma ponta.

Do ano de 1859 a 1862 chegaram famílias de imigrantes portugueses, italianos, e negros. Já por volta de 1883 vieram outras famílias de negros do Trombetas para o povoado, e acredita-se que o desbravamento da região começou por volta desse mesmo ano graças às explorações das riquezas naturais que eram abundantes: borracha, essências como o pau rosa, peles de animais, pesca, madeira-de-lei e outras.

De acordo com os dados da divisão territorial, data de 31 de dezembro de 1936 à 31 de dezembro de 1937, Terra Santa tornou-se distrito de Faro. Em 1956, no mandato do então Prefeito de Faro, o Sr. Wladimir da Costa Rossy, ela passou a sediar a Subprefeitura.

---

<sup>11</sup> Heloisa Helena de Souza Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 10 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>12</sup> GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. *Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.

<sup>13</sup> Atualmente a ponta de pedras foi considerada patrimônio imaterial do município de Terra Santa pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>14</sup> Histórico disponibilizado pela SEMED – Terra Santa, 2012.

A cidade foi ganhando espaço e muitos “filhos” de Terra Santa começaram a trabalhar para que a emancipação ocorresse, além dos migrantes que também lutaram por esse objetivo. Desde sua fundação até a sua emancipação, em 1991, foram 133 anos como município de Faro.

Situada no extremo Oeste Paraense, fronteira com o Amazonas, este município foi constituído por áreas desmembradas dos municípios de Faro e Oriximiná e construiu seu processo de emancipação política, através da Lei Estadual nº 5.699, no dia 13 de dezembro de 1991. Além do Distrito-Sede, o município possui vilas e povoados. Entre elas: Conceição, Alema, Santa Maria, Posto Aurora, Paraíso, Abaucu, Chuedá, Urupanã e outras.

MAPA 1  
MUNICÍPIO DE TERRA SANTA (PA)



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra\\_Santa\\_%28Par%C3%A1%29#/media/Ficheiro:Para\\_Municip\\_TerraSanta.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_Santa_%28Par%C3%A1%29#/media/Ficheiro:Para_Municip_TerraSanta.svg)

Sua população, conforme estimativas do IBGE de 2018, era de 18. 619 habitantes, distribuídos em 1.896 km<sup>2</sup> de extensão territorial, sendo o município que possui a menor área de todo o Estado do Pará. O município conta com duas estradas que ligam ao Distrito de Porto Trombetas com 96 km e outra que liga ao município de Faro com 74 km, existindo também uma pista de pouso no município, atendendo apenas aviões de pequeno porte.

Porém, o meio de deslocamento mais utilizado é o transporte fluvial, que permite a ligação com outros centros de maior importância econômica como Santarém, Manaus, Parintins, e em épocas anteriores fazendo viagem para Belém, no transporte de cargas e passageiros. O transporte fluvial também serve de ligação do município de Terra Santa com outras localidades do interior do município e com cidades circunvizinhas, como Faro, Oriximiná, Juruti e Nhamundá, contando a cidade com um novo porto hidroviário.

No que tange ao aspecto educacional, a cidade é atendida pela rede de ensino Estadual, que conta com apenas 1 escola que atende alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio; e Municipal, que conta com 25 escolas em funcionamento, destas, 13 na zona urbana – que atendem alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental do 1º ano ao 9º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos) - e 12 na zona rural, atendendo também a Educação Infantil, com Ensino Fundamental das séries iniciais e finais funcionando com sistema modular de ensino.

Economicamente, o município é eminente agrícola, vive do comércio, da pecuária, de pesca, do artesanato e extrativismo vegetal. Sua economia depende quase que exclusivamente dos empregos públicos e do Projeto Trombetas e Juruti.

Em décadas anteriores a cidade era bem menos desenvolvida, talvez pelo fato de ainda ser distrito de Faro. Contava com bem menos habitantes, e ainda bem menos recursos dos quais possui atualmente. Uma das principais mudanças foi o aumento no nível de escolaridade ao longo do tempo, bem como no número de escolas construídas, o que anteriormente determinava, em certo sentido, a saída cada vez mais cedo dos habitantes para outras cidades ou estados para continuação ou término dos estudos.

Por conta disso e também por ser uma cidade situada distante da capital paraense, ou seja, a 891 km de Belém, estando em uma região de fronteira, observa-se que houve e ainda há um grande fluxo migratório dela para cidades mais próximas, como Parintins e Manaus, situadas a Leste do Estado do Amazonas.

A partir desse contexto regional, as análises das entrevistas que trouxemos evidenciam segmentos de histórias de vida das mulheres do município, marcados por um processo contínuo de busca de melhores condições de vida e sobrevivência para além de seus lugares de origem. Além disso, elas iluminam as conexões econômicas, sociais, políticas e culturais na Amazônia. Esses relatos constituem-se de diferentes narrativas, indo das questões econômicas às questões educacionais, apenas para citar duas delas.

E a partir de mapeamentos de suas trajetórias, por meio da metodologia da História Oral, focalizamos o trânsito delas das regiões de fronteira de Terra Santa à

Manaus, trânsito esse que continua solto no século XXI, e de certa maneira está atrelado aos grandes projetos de desenvolvimento da Amazônia, já que a área do oeste do Pará se torna esquecida por parte dos governantes, que não olham para essas regiões de fronteira. Esse processo de deslocamento realizado ao final do século XX e durante o século XXI, nos ajudam a perceber essas configurações sociais, cenários políticos e processos vivenciados nesta vasta região.

Alessandro Portelli<sup>15</sup> chama atenção para que trabalhem as fontes orais como um ato político. De acordo com Silva, ao tecer uma análise sobre a fala de Portelli, “ao fazer uso da subjetividade do sujeito, a fonte oral contribui também no questionamento da fonte escrita, rompendo com o estabelecido e apontando outro olhar na forma como os sujeitos percebem e interpretam seus modos de vida”<sup>16</sup>. Dessa forma, a memória de nossas colaboradoras nos dão um panorama de suas vivências, trajetórias e como elas irão se articular socialmente desde a saída de seu local de origem, até a chegada em seu local de destino.

O diálogo que estabelecemos com as colaboradoras presentes na pesquisa, são portadores de sentidos e de subjetividades que precisam ser analisados como indicadores de memórias individuais sobre o vivido, que são, ao mesmo tempo, evidências das relações sociais no ontem e no hoje, ou seja, expressam uma coletividade.

Trazer as narrativas para um campo de investigação, requer pensar como esses indivíduos se faziam sujeitos no enredo que construíram e como suas experiências individuais nos falam sobre o significado de processos sociais marcados tanto pelas tensões, quanto pelas contradições nos diversos espaços que frequentavam.

Nessas colocações, situamos as muitas possibilidades da história social, sinalizando para um movimento constante de abertura de novas interpretações. Compreender como o mundo social é reconstruído pelas pessoas nas suas relações sociais, traz para o campo da reflexão as experiências dos diversos sujeitos, inserindo na História os que vivem à margem da cultura dominante, não como grupos isolados a quem damos voz porque excluídos, mas como homens e mulheres que reconstróem cotidianamente suas experiências nos debates diários com outros sujeitos.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1. n. 2, 1996, p. 59.

<sup>16</sup> SILVA, Patrícia Regina de Lima. *Do espaço lembrado ao espaço vivido: narrativas orais das mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFAM. Manaus, 2017, p. 84.

<sup>17</sup> CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Nos caminhos da história social: os desafios das fontes orais no trabalho do historiador*. Uberlândia, 2010.

De acordo com Silva<sup>18</sup>, deve-se considerar relevante a ênfase na migração enquanto processo dinâmico construído nas relações tanto da sociedade de origem como da sociedade de destino. Todavia, as questões de gênero e etnia, categorias que podem trazer outros aspectos subjetivos de quem migra e de quem convida a migrar, tanto no que diz respeito ao lugar de origem da migrante como ao lugar de recepção, nem sempre são levadas em consideração. Uma vez que essas mulheres são fundamentais no processo de constituição de redes, pois tanto nas redes que articulam a própria migração quanto naquelas que reúnem grupos familiares, elas passam a conectar as pessoas.

E uma característica importante das novas dinâmicas migratórias na Amazônia é a circulação das mulheres<sup>19</sup>. Os estudos migratórios indicam uma crescente feminização da migração na região com características muito próprias que as diferem das migrações tradicionais. Este "fenômeno de ordem mundial" vem provocando importantes mudanças nos paradigmas dos estudos dos deslocamentos populacionais que, quase sempre foram investigados na Amazônia sob a perspectiva da migração de trabalhadores eminentemente masculinos.<sup>20</sup>

Desse modo, a perspectiva de deslocamento enquanto processo dinâmico, busca dar historicidade aos sentidos dos deslocamentos, identificando e problematizando as diversidades e particularidades das mulheres migrantes, bem como de gerações, temporalidades e espaços.

Essa é a abordagem mais sintonizada com o processo de deslocamento que se caracteriza no final do século XX, que contribui de forma mais favorável para a análise dos deslocamentos de mulheres sozinhas ou das mulheres como protagonistas nos trânsitos migratórios.

Nesse olhar, Sayad contribui de forma plural, visto que a migração é compreendida enquanto um fator social completo, sendo necessário analisá-la em seus vários aspectos (políticos, econômicos, sociais e culturais), considerando-a em sua dupla dimensão de fato coletivo e trajetória individual.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> SILVA, Raimunda Gomes da. *Deslocamentos, sonhos, desafios e identidades: experiência de mulheres nordestinas em Boa Vista/Roraima (1985-2000)*. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2016.

<sup>19</sup> Especialmente os dados do Censo Demográfico 2010.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Márcia Maria de. *Feminização das migrações nas fronteiras da Amazônia. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero*, Florianópolis, 2017.

<sup>21</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

## 1.2 A condição feminina: cotidiano e perspectivas

O ato de partir ou chegar a um outro lugar, permite que possamos ver os sujeitos em trânsito, não somente por questões externas e distantes, mas é possível perceber também o seu movimento em busca das próprias possibilidades, dos seus desejos, de novas e outras perspectivas.<sup>22</sup>

Sobre esse apontamento, podemos afirmar que a participação feminina marcou e ainda marca importantes fluxos migratórios na dinâmica social brasileira, dessa forma é notório concordar com Chaves, ao mencionar que:

A invisibilidade das mulheres nos estudos de migração tem suas raízes na prevalência de certo descaso no que diz respeito à importância da condição social feminina, acrescida de certo vagar na incorporação de mudanças que acontecem desde pelo menos os anos 70 no status e papel da mulher na sociedade.<sup>23</sup>

A condição social atribuída às jovens meninas era a de “dona de casa”, sendo essa a realidade de praticamente a maioria das meninas da cidade, e essa tarefa podia ser realizada somente por elas ou condicionada à ajuda dentro de seu local de moradia, de acordo com o relato de uma das colaboradoras a tarefa era sempre a mesma “[...] a gente estudava e vivia dentro de casa...”<sup>24</sup>. Podemos perceber essa mesma narrativa na maioria das entrevistas.

Mas havia outros casos como de Dona Adriana, solteira, formada em enfermagem e hoje trabalhando como coordenadora dos postos de saúde da cidade de Terra Santa.

Antes de ir a minha vida era tranquila. Eu sempre fui uma pessoa muito caseira, sempre fiquei em casa, eu só saía para estudar. Eu ia às vezes no colégio brincar de bola, de “cemitério” né, na época era “cemitério”. E aí, assim, eu não tinha uma vida de ficar muito na rua.<sup>25</sup>

Dona Adriana nos revela, dessa forma, que havia diferentes perspectivas e pontos de vista sobre esse período de vida delas enquanto crianças e adolescentes. Se de um lado algumas tinham que tomar essa responsabilidade de cuidar de casa, outras poderiam

---

<sup>22</sup> SILVA, P. R. L. *Do espaço lembrado ao espaço vivido*: Op. cit. p. 41.

<sup>23</sup> CHAVES, Maria de Fátima Guedes. *Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981 – 1991*. São Paulo, 2009, p.14. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Departamento de Demografia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível na biblioteca digital da Unicamp.

<sup>24</sup> Eliçandra Costa Guerreiro. Entrevista realizada na secretaria de assistência social de Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>25</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 17 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

realizar essas tarefas sem muito esforço ou nem mesmo realizá-las, e ficar ou sair de casa passaria a se basear em uma escolha.

Outra questão que se fazia e ainda se faz presente é o diferencial na possibilidade de conquista de trabalho no município em um primeiro momento e nos locais próximos a ele para o público masculino e feminino. Como mencionado no início do capítulo, a cidade em sua situação econômica, gera empregos a partir da prefeitura, nos comércios e em Trombetas através da exploração de bauxita, no qual em sua maioria, contrata homens.

Na parte de qualificação profissional, o município demanda de alguns cursos que ainda não suprem a necessidade local, não possuindo também, nenhuma faculdade pública para que os jovens possam adentrar e prosseguir seus estudos, mas conta com faculdades particulares à distância e cursos técnicos oferecidos em alguns momentos, na parceria traçada entre a prefeitura e Trombetas ou empresas particulares.

Por conta disso, é muito comum a saída das moças em sua maioria, e dos rapazes, sejam eles crianças, adolescentes ou jovens para outros locais. Dentro desse processo, a saída deles poderia ocorrer através de uma rota pré-definida ou poderia ter outros caminhos antes de se estabelecerem em seu destino final. Dona Heloisa e Dona Eliçandra, colaboradoras de nossa pesquisa, passaram por esse processo, saindo do município de Terra Santa rumo a locais diferentes do norte do país.

Dona Heloisa Helena, é divorciada, tem 3 filhos e trabalhava na época da entrevista como Supervisora Administrativa do Hospital Municipal de Terra Santa, hoje em dia está aposentada. Ela viu em Belém sua primeira oportunidade de prosseguimento dos estudos, dada sua rede de parentesco se encontrar nesse local. Partiu aos seus 11 anos, para morar com seus tios e terminar a grade curricular do ensino fundamental, que na época não havia nas duas escolas presentes no município.

Olha eu fui primeiro para Belém, que eu queria estudar né, porque aqui só tinha até a quinta série. Fui para Belém morar com meus tios né o tio que era irmão da minha mãe, passei/morei três anos em Belém estudando e quando eu saí de Belém eu já fui direto para Manaus morar com a minha mãe que já morava lá em Manaus né, minha família, minha mãe e meus irmãos, eu não tenho pai, morava minha mãe e meus irmãos lá. Então foi mais ou menos numa época de 1973, 72-73, eu tinha 14 anos de idade.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Heloisa Helena de Souza Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 10 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

Percebemos em sua fala, que ela se apoiou nas redes de parentesco para ir morar em Belém, mas que em determinado momento, sua rede de parentesco se estende à Manaus, com a mãe e os irmãos se deslocando para a capital amazonense, tendo ela, a partir desse momento, traçado outra rota de destino, baseada também em problemas que obteve com os parentes que morava.

Através de seu relato ela também nos apresenta um pouco de como era sua vida na cidade de Terra Santa, antes da década de 1970, ainda criança. Ela diz não se recordar como foi esse momento, mas em seguida nos revela como vivia, ajudando os pais em casa, não tendo desfrutado de sua infância.

[...] naquele tempo não, nós éramos realmente bem ingênuos, então eu recordo muito pouco. Só estudava, ajudava minha mãe em casa. O que eu lembro muito é que eu viajava muito com meus tios e ia para o interior, e é assim, alguma coisa que eu recordo, não tinha assim aquela infância de criança, a gente sempre ajudava os pais né.<sup>27</sup>

A idade, o perfil e os motivos que determinaram a saída de cada uma delas são diferentes. Elas possuem uma trajetória única e peculiar que nos leva a perceber os diversos atores sociais envolvidos nessa teia de decisões que perpassa pelos familiares, amigos, parentes etc., traçados desde o partir ao voltar, isso quando elas optam pelo retorno.

Percebe-se esse fato ao analisarmos os depoimentos de nossas colaboradoras, mulheres de diferentes idades que viveram esse processo em diferentes épocas, mas que sempre buscaram outras possibilidades e alternativas para além do lugar onde viviam, sendo levadas por diversos fatores a sair de sua terra em busca de melhoria de vida.

Esse processo de deslocamento é indicado também por Bassanezi ao elucidar que:

Sim, as migrantes têm uma história. Desde sempre elas têm migrado, frequentemente na companhia de familiares, amigos e conhecidos em busca de melhores condições de vida e trabalho, mas migram também sozinhas, não só à procura de emprego, mas de independência, de casamento, ou até para fugir de discriminações e violências.<sup>28</sup>

Essas diferentes mulheres tornaram-se atrizes principais do enredo de suas vidas ao enfrentarem muitos percalços para conquistar seus sonhos, o desejo de continuar ou terminar seus estudos, de casar-se ou de ter uma vida diferente da que tinham.

---

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p.169.

A falta de oportunidade no prosseguimento dos estudos foi e ainda é um dos principais motivos para a saída das jovens oriundas de Terra Santa. Se em décadas anteriores o motivo da saída se dava pela ausência das séries finais do ensino fundamental (década de 1970), ou por terem como opção apenas o magistério (década de 1980), a partir dos anos 1990, é a busca por um curso superior que instiga as jovens a querer sair e buscar alternativas de vida.

Através dos relatos das nossas colaboradoras, entendemos que sair de Terra Santa era a única possibilidade para quem queria concluir seus estudos, mesmo que isso implicasse passar por situações difíceis ao longo do percurso.

“Como na época só tinha até a quarta série aqui, aí eu fui para Manaus para ver se eu conseguia estudar mais um pouco.”<sup>29</sup>

“Quem queria estudar, porque Terra Santa era limitado né, só tínhamos até a 5ª série [...] quem queria mesmo estudar tinha que sair de Terra Santa.”<sup>30</sup>

“Aqui só tinha o segundo grau [...] eu já tava na oitava série aí eu queria fazer outros cursos e aqui em Terra Santa só tinha o magistério.”<sup>31</sup>

“Deu vontade de ir a Manaus fazer uma faculdade, minhas irmãs já estavam encaminhadas fazendo faculdade e eu queria ir”<sup>32</sup>

Em um primeiro momento, a busca pelo estudo é a necessidade principal. A busca pelo trabalho seria uma circunstância definida pela vivência delas no seu local de destino. No caso das jovens que saem de Terra Santa, para conseguirem se manter na capital, recorriam a ajuda dos familiares, parentes ou conhecidos de sua terra natal.

Em contrapartida, há casos como de Dona Eliçandra, que está em uma união estável, tem dois filhos e que hoje trabalha como Secretária Municipal de Saúde, em Terra Santa. Ela viu no casamento a oportunidade que precisava para “*sair de perto da família*”. Iniciando uma nova jornada na capital de Roraima, Boa Vista, tendo a coragem de buscar construir sua família em outro local, partindo de lá, anos mais tarde, para Manaus.

Bom, primeiro eu saí de Terra Santa em 99 e fui morar em Boa Vista, saí já com um pretendente né. Eu saí de Terra Santa já pra morar com uma pessoa, e fui pra Manaus em 2003. [...] Quando eu me mudei de Terra Santa eu tinha 19 anos e meu objetivo na verdade eu já tinha, queria sair de Terra Santa e já tinha essa visão de querer sair de Terra

---

<sup>29</sup> Lúcia Maria Guimarães Pereira. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>30</sup> Heloisa Helena de Souza Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 10 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>31</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 17 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>32</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

Santa, sair de perto da família, já queria arranjar alguém, arrumar uma família e foi que eu recebi uma proposta e eu tive na verdade essa coragem, eu digo que foi uma coragem de sair de casa [...] hoje eu tenho/vou fazer 19 anos que eu tô com essa pessoa, então eu arrisquei e graças a Deus deu certo. [...] Ele também é de Terra Santa acredito eu na verdade que eu só tive essa coragem porque ele é daqui [...] e eu conheci a família dele, inclusive a gente ainda tem até um parentesco, porque se fosse uma pessoa de fora, uma pessoa que eu não conhecesse, talvez não teria nem saído de Terra Santa.<sup>33</sup>

Sendo assim, precisamos entender a migração como um fenômeno social, o que significa dizer que, ao migrar o sujeito exerce o seu desejo de mudar, seja de moradia, cidade, estado, região ou até mesmo de país, mas também no comportamento e principalmente mudanças relacionadas ao seu modo de vida.

Assim, Marques e Góis<sup>34</sup> chamam a atenção para a subestimação do número de mulheres migrantes. Acrescentam que falar de uma “feminização” das migrações não é falar apenas de um aumento quantitativo da presença de mulheres nos fluxos migratórios, mas, de uma série de mudanças principalmente no que diz respeito às suas motivações, dos processos de inserção econômica ou de sua integração social, do seu contributo social econômico, bem como de uma visibilidade da importância do papel dessas mulheres nos processos migratórios.

Em que pese a forte presença de mulheres em numerosas rotas migratórias, sendo inclusive, em alguns fluxos a maioria, a migração feminina possui um histórico de invisibilidade e desinteresse, mas atualmente, a proporção de mulheres na população total de migrantes internacionais é próxima à metade, além disso, esses fluxos migratórios possuem impactos significativos tanto no local de origem quanto no de destino.

Segundo Gláucia de Oliveira Assis, apesar do crescimento da presença feminina nas migrações internacionais a partir da segunda metade do século XX, ficou evidente um fator crucial referente à invisibilidade da migrante, qual seja, a perspectiva teórica presente nos estudos migratórios até o início dos anos 1970 era cega em relação às diferenças de gênero, raça e etnia. Essa ignorância teórica só passou a modificar-se a partir da inserção de estudos de minorias e estudos feministas no contexto das ciências humanas.<sup>35</sup>

Sobre esse fato, Matos nos diz que a partir da década de 1970

---

<sup>33</sup> Eliçandra Costa Guerreiro. Entrevista realizada na secretaria de assistência social de Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro

<sup>34</sup> MARQUES, J. C.; GÓIS, P. *A emergência das migrações no feminino*. Cascais: Princípia, 2012.

<sup>35</sup> ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP, 2004.

[...] as mulheres entram em cena e se tornam visíveis na sociedade e na academia, na qual os estudos sobre a mulher se encontravam marginalizados na maior parte da produção e na documentação oficial. Isso instigou os interessados na reconstrução das experiências, vidas e expectativas das mulheres nas sociedades, [...] descobrindo-as como sujeitos da história e objeto de estudo.<sup>36</sup>

Percebe-se dessa maneira que as análises existentes até o início da década de 1970 não só encobriam a participação feminina, mas ainda, não percebiam a importância da participação das mulheres nas migrações como articuladoras de uma rede complexa de relações sociais.

Assis explica ainda, que a falta de visibilidade também se dava no universo teórico:

[...] as mulheres não se encontravam presentes nas análises empíricas e nos escritos produzidos porque muitos teóricos estavam influenciados pelas teorias neoclássicas de migração. Havia um pressuposto de que os homens eram mais aptos a correr riscos, enquanto as mulheres eram as guardiãs da comunidade e da estabilidade. Essa imagem, favorecida pela teoria push-pull, colocava a migração como resultado de um cálculo racional e individual e relegava as mulheres a um lugar secundário, sem reconhecer o seu trabalho como imigrantes, conforme já foi relatado.<sup>37</sup>

O reconhecimento do papel desempenhado pela mulher em contextos migratórios, aos poucos, “[...] vem provocando importantes rupturas nos paradigmas das teorias migratórias baseadas na Economia, na Sociologia e na História que apresentavam as mulheres economicamente inativas e indiferentes às dinâmicas migratórias”<sup>38</sup>. Sobre isso, Peres afirma que:

É preciso reconhecer que as mulheres sempre migraram; teorias migratórias, no entanto, não levavam em conta diferenciais por sexo que incorporam a mulher como migrante propriamente dito: diferentes trajetórias e estratégias migratórias, uso diferenciado de redes sociais, reconfiguração de papéis de gênero principalmente através da inserção em mercados específicos de trabalho. A condição de acompanhante ou migrante tardia, em função da trajetória migratória de um homem da família – pai, marido, irmão –, para recomposição familiar, foi a posição

---

<sup>36</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000, p.10.

<sup>37</sup> ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente. Op. cit., p.749-750.

<sup>38</sup> MIRANDA, Joana. *Mulheres migrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida*. (Estudos OI; 35). Lisboa: ACIDI, 2009, p. 23.

ocupada pelas mulheres na maioria das perspectivas de análise até o fim do século XX.<sup>39</sup>

Atualmente, boa parte das considerações sobre a feminização das migrações, nas teorias migratórias refere-se aos dados quantitativos. Entretanto, segundo Miranda o “discurso da feminização da migração pode ser explicado não apenas por um aumento real no número de mulheres nos fluxos populacionais, mas também pela aceitação do conceito de mulher migrante”<sup>40</sup>. Tal aceitação confere à mulher outro “lugar” social e político nas coordenadas das migrações, deixando de ocupar o lugar secundário na perspectiva da dependência e assumindo os riscos e as responsabilidades da condição de mulher e migrante.

Dessa maneira, Menezes e Matos ressaltam que:

[...] as migrações devem ser analisadas para além dos seus condicionamentos demográfico-econômicos, não sendo vistas apenas como resposta as condições excepcionais de pobreza, fruto das pressões do crescimento da população (modelo malthusiano) ou de mecanismos impessoais do *push-pull* dos circuitos internacionais. Os processos de mobilidade superaram os limites das necessidades estritamente econômicas, sendo neles importante observar questões políticas (refugiados, perseguidos e expulsos), étnico-raciais, culturais, religiosas, geracionais e de gênero. Colocar o foco na perspectiva de gênero, nesse contexto de grande complexidade, possibilita observar que o processo de feminilização dos deslocamentos se tomou uma tendência global, o que leva ao desafio de sua incorporação nas análises das experiências femininas.<sup>41</sup>

Levando em conta esses fatores, nos fluxos contemporâneos as mulheres tendem a migrar sozinhas ou como primeiras em suas famílias, sendo pioneiras em encontrar trabalho, ou ingressarem em cursos superiores de ensino, contrariando, portanto, a imagem das que seguiriam os passos dos homens. Isso reforça que há diversos caminhos para a migração e não apenas a via mais divulgada, que é a de que elas acompanham um homem. As redes de contatos, inclusive tem fortalecido o processo de chegada de mulheres, de forma individual.<sup>42</sup>

---

<sup>39</sup> PERES, Roberta Guimarães; BAENINGER, Rosana. Migração feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. *Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*, Águas de Lindóia/SP – Brasil, de 19 a 23 de novembro de 2012, p. 55.

<sup>40</sup> MIRANDA, J. *Mulheres migrantes em Portugal*. Op. cit., p. 23.

<sup>41</sup> MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco* (Rio de Janeiro e São Paulo – XIX e XX). São Paulo: e-Manuscrito, 2017, p. 5.

<sup>42</sup> DORNELAS, Paula Dias; RIBEIRO, Roberta Gabriela Nunes. Mulheres migrantes: invisibilidade, direito à nacionalidade e a interseccionalidade nas políticas públicas. *O social em questão*, Ano XXI, nº 41, mai./ago., 2018.

Trajétórias migratórias não se definem, portanto, apenas pelo percurso completado pelos migrantes em direção a seu destino, até mesmo porque este lugar é muitas vezes redefinido a partir de renegociações de papéis e estratégias no âmbito das famílias. É importante, portanto, apreender o uso estratégico de cada um dos espaços componentes desta trajetória, em suas variadas formas. Segundo Souchaud e Baeninger:

Hoje a migração, em muitos casos, não é um processo linear, mas feita de desvios, retorno, idas e vindas. A multiplicação dos lugares na migração não é aleatória, constitui ou acaba formando uma estratégia, na qual os espaços são considerados como recursos, num processo cumulativo. A circulação dos indivíduos e de bens e informações que lhes são associados, em diferentes espaços articulados entre si, criam uma dinâmica territorial complexa.<sup>43</sup>

Para esses autores, o reconhecimento da família como necessariamente unidade de análise para se compreender as dinâmicas migratórias é resultado dos avanços teóricos que tiraram as mulheres da invisibilidade na migração, o que não é um fenômeno novo, uma vez que é preciso reconhecer que as mulheres sempre migraram.

Se o domicílio é a unidade de análise em que se têm observado as migrações é no âmbito da família e de suas transformações que se poderá aprofundar o conhecimento acerca dos projetos migratórios. Mudanças de papéis, não só de gênero, mas também de gerações, são fundamentais para compreender os pilares que sustentam as trajetórias migratórias.

As famílias funcionam como unidades de sustentação dos processos migratórios; o padrão, a motivação e as estratégias migratórias são influenciadas pelo nível de recursos das residências, pela estrutura de sexo e idade da família, pelos estágios do ciclo de vida familiar.<sup>44</sup>

É neste âmbito familiar, e em sua dinâmica ao longo das trajetórias migratórias, que se chama a atenção para as experiências das mulheres. Segundo Castro<sup>45</sup>, a articulação das redes de parentesco, bem como a formação de vínculos entre os membros da família e a criação de redes de apoio mútuo foram habilidades observadas especialmente entre as mulheres.

---

<sup>43</sup> SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. Collas y Cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. *Revista Brasileira de Estudos de População*, n.º. 25, v. 2, 2008, p. 4.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>45</sup> CASTRO, J. Y. C. *Ahora las mujeres se mandan solas*. *Op. cit.*

Para Peres e Baeninger<sup>46</sup> a incorporação das diferenças marcadas entre homens e mulheres na migração, demonstra a importância das diferenças socialmente construídas ao longo das trajetórias migratórias. A perspectiva regional se acentua sendo transposta e corporificada em certa autonomia. As pesquisas sobre o deslocamento dos jovens apontam como fatores: as dificuldades enfrentadas pelos jovens no campo, principalmente quanto ao acesso à escola e o trabalho e a atração do jovem pelo meio urbano, sobretudo, pelo estilo de vida urbano.<sup>47</sup>

Especialmente as mulheres solteiras elaboram um projeto migratório autônomo e também migram em resposta a necessidades individuais – expressas principalmente na necessidade de ganhar dinheiro e na “falta do que fazer no lugar” – mas também como estratégia auxiliar na reprodução social da unidade familiar, através da “expulsão” de um dos seus membros.<sup>48</sup>

Com isso, se faz necessário discutir sobre o papel desempenhado pelas mulheres diante de seus processos migratórios, ou seja, abordar a temática da migração pelo viés feminino é fazer com que essa perspectiva seja vista como objeto de análise, levando em consideração dentre tantos, os motivos que as fizeram partir, ou melhor, os motivos de sair de lá.

### **1.3 Uma difícil decisão**

#### *1.3.1 Por que partir?*

A migração pode ser compreendida como uma ação social, seja ela de caráter coletivo ou individual, seja espontânea ou forçada, e é caracterizada pelo deslocamento interno (dentro de um país) ou externo (de um país para outro) que é marcada pelo desenraizamento do local de origem e por um novo enraizamento na nova sociedade.

Muitos são os motivos que levam as pessoas ou grupos de indivíduos a se deslocarem de sua terra de origem para recomeçar a vida em outra terra, muitas vezes desconhecida. Pode ser tanto pela falta de emprego e de melhores oportunidades em sua terra de origem, bem como pela vontade individual do migrante melhorar a sua condição

---

<sup>46</sup> PERES, R. G.; BAENINGER, R. Migração feminina. Op. cit.

<sup>47</sup> FARIA, G. J. A. de; FERREIRA, M. L. A.; PAULA, A. M. N. R. de. “Desinibilizando as mulheres em contexto migratório interno”: interfaces entre migração, trabalho e gênero. *Anais XVII Seminário sobre a economia mineira*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2016.

<sup>48</sup> Ibid.

socioeconômica. Os motivos da migração também podem ter causas políticas, como ainda estar associados a dimensões subjetivas.<sup>49</sup>

Ao analisarmos as entrevistas, o motivo maior que surge na migração consiste na procura de estudo e qualificação profissional. Assim, existe uma grande gama de motivações, encabeçada pela procura de prosseguimento dos estudos, que levou essas mulheres a migrarem. Cabe, porém, detalhar esses motivos, olhando-os pormenorizadamente, a partir das relações e dos arranjos familiares.

Isto é, o deslocamento é um processo social e coletivo, que não ocorre apenas a partir de decisões individuais. Num sentido geral, o migrante, mesmo o pioneiro, não migra simplesmente porque deseja migrar, e por mais aleatória que pareça a escolha do destino, existem constrangimentos estruturais que seguem uma lógica própria da ordem coletiva.<sup>50</sup>

O que se evidencia, a partir disso, é que os fluxos migratórios realmente não partem de decisões individuais, descoladas do contexto social no qual está inserido o sujeito, bem como não são apenas reflexos de constrangimentos econômicos, embora possam estar também correlacionados às estruturas econômicas capitalistas na contemporaneidade. Mesmo assim, Fazito revela que, os fluxos migratórios são impulsionados e sustentados por outras causas estruturais como é o caso das redes sociais articuladas na origem e no destino por vizinhos, amigos e, especialmente, familiares.

As mulheres aqui pesquisadas efetivaram a migração para Manaus, seja ela direta (migração para Manaus a partir do local de nascimento), seja ela indireta (migração para Manaus a partir de outras localidades que não a de nascimento), por intermédio de redes migratórias, no caso, por redes de parentesco. Isso implica dizer que, no processo migratório em questão, as determinações econômicas, como a falta ou a oferta de empregos, por exemplo, não se sobrepuseram às determinações relacionais e culturais, mas ambos tiveram um grau de contribuição nesse processo.

Percebe-se isso quando nossas colaboradoras saem de Terra Santa para morar com parentes, familiares ou conhecidos em Manaus, ou mesmo, partem do município sendo influenciadas por eles. Falas como a de Dona Adriana nos elucidam sobre esse processo dentro da cidade de Terra Santa e como foi sua decisão de ir para Manaus no ano de 1994.

---

<sup>49</sup> LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 3, v. 15, p. 805-821, set./dez. 2007.

<sup>50</sup> FAZITO, Dimitri. A configuração estrutural dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação. *Seminário "As famílias e as políticas públicas no Brasil"*, 21-22 de novembro, ABEP, Belo Horizonte, 2005, p. 2.

[...] foi que eu falei com meus pais aí eles me apoiarem nessa decisão de ir para Manaus. Eu disse que não queria fazer o magistério que eu queria procurar outros cursos, aí um primo nosso falou que dava a moradia pra nós, aí foi que fui eu, a minha prima, tinha também outros primos envolvidos nessa moradia, aí nós fomos para Manaus.<sup>51</sup>

Assim, por mais que as mulheres migrantes tenham migrado para Manaus à procura de estudo, qualificação profissional ou de melhores condições de vida, a efetivação do projeto migratório só ocorreu por intermédio de redes de parentesco. Portanto, a compreensão da trajetória de migração das mulheres terrasantenses, por meio de redes, pressupõe que o fenômeno migratório não se limita às determinações econômicas, mas fundamenta-se numa complexa trama de decisões que implicam também outras questões alinhadas a elas.

A análise dos relatos revela que os contatos entre os parentes que realizaram esse trânsito anteriormente e os potenciais migrantes influenciaram decisivamente na efetivação do projeto migratório. Por um lado, as informações trazidas do local de destino por familiares que outrora haviam partido, bem como os informativos sobre a sua condição socioeconômica, e por outro lado, a confiabilidade depositada pelos potenciais migrantes nessas informações foram cruciais para a trajetória de migração das mulheres.

Nesse sentido, Angelin nos elucida que o processo migratório deve ser compreendido a partir de uma perspectiva relacional, como um sistema capaz de conectar satisfatoriamente as regiões de origem e destino, sustentado por mecanismos intermediários, como agentes, recrutadores, amigos e, especialmente, as famílias. Ou seja, essas instâncias mediadoras formam uma rede social capaz de sustentar todo um processo migratório, evidenciando, assim, o seu caráter relacional com a sociedade de partida e de destino.<sup>52</sup>

Segundo Dornelas, o projeto migratório, ao ser analisado sob o ponto de vista das redes sociais, pode ser entendido, antes de tudo, como um projeto familiar, ao passo que é no universo do grupo familiar amplo, composto por parentes e compadres, que as pressões de ordem estrutural, como as questões de sobrevivência do grupo, a melhoria

---

<sup>51</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada em sua residência, no dia 17 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>52</sup> ANGELIN, Paulo Eduardo. *Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Carlos, 2012, p. 44.

das condições de vida etc., são pensadas, vividas e combatidas<sup>53</sup>. A partir daí, pode-se definir o projeto de migrar, seja definitivamente, seja temporariamente.

Com a consumação da migração, tal rede de parentesco alarga-se no espaço, em diferentes localidades, aumentando o leque de alternativas e estratégias de sobrevivência de cada um e do grupo familiar como um todo. Nesse momento, a rede tenderia a fortalecer-se, diante da necessidade de renovação dos laços de fidelidade, confiança e das obrigações morais que unem uns aos outros.

Percebemos ainda a força que as redes de parentesco têm, já que parentes que migraram anteriormente vão influenciando e trazendo outros parentes e, estes, por sua vez, trazem outros e, assim sucessivamente, forma-se uma cadeia de migração, fortalecendo cada vez mais a rede dos migrantes na cidade de Manaus. Em geral, cada migrante novo faz crescer uma rede em torno de si, incluindo outras pessoas migrantes ou não. Essas redes proliferam-se e sustentam-se.

Assim que se inserem no novo espaço, essas mulheres passam a servir de apoio para migrações de outros parentes e familiares, como foi o caso de Dona Adriana. Assim que se estabeleceu em Manaus, acabou exercendo o papel de receptora de sua irmã, Andreza, que em sua narrativa diz que se sentia “*um peixinho fora d’água*” nesse ambiente que diferia do qual estava acostumada, tendo encontrado o “*suporte que precisava*” na irmã que já havia passado pelo processo ao qual ela estava tendo contato.

De acordo com Angelin<sup>54</sup>, a rede social é capaz de possibilitar também a inserção de cada migrante na sociedade de destino. Ela funciona como mediadora em seu ingresso no mercado de trabalho e facilita os contatos com os códigos sociais, culturais e morais, bem como com as instituições públicas e privadas da nova sociedade do recém-chegado.

Elza Lira, que vive em uma união estável e trabalha no município como administradora de produção, nos elucida isso em sua narrativa. Ela, sua irmã e mais 2 primos, todos solteiros e jovens, resolveram se “*aventurar em Manaus*” no ano de 2001, com o objetivo de trabalhar e estudar, já que a família dos mesmos não tinha condições de mantê-los por lá. Eles acabaram recebendo ajuda de conterrâneos e parentes, para que pudessem conseguir emprego, além de receber outros tipos de ajuda.

[...] fizemos logo amizade, que na rua que nós morávamos nós encontramos logo uns paraenses, que nos ajudaram muito. Uma pessoa que nos ajudou muito, hoje ela já não está mais aqui, seu Inezildo, pai

---

<sup>53</sup> DORNELAS, Sidnei Marco. Redes sociais na migração: questionamentos a partir da pastoral. *Travessia*, ano XIV, nº 40, maio-agosto, 2001.

<sup>54</sup> ANGELIN, P. E. *Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero...* Op. cit. p. 48.

do Junior Silva que chamam de Júnior Gordo. Ele que nos deu uma televisão e um som, que nós não tínhamos. Depois eu consegui uma liberação de um cartão na Bemol, meu primo era gerente Bemol, tipo assim, comprei uma geladeira e um fogão, eu levei um fogão de duas bocas.

[...] ficamos uma semana em casa sem saber o que fazer. A gente começou entrar em contato com os conterrâneos que trabalhavam já lá em Manaus né, Nelson Barbosa com o finado Léo, o Elton Barbosa irmão do Edilson. E aí passamos um tempo aí os meninos foram logo chamados, o Clédson e o Reginaldo para trabalhar na Evadim, a Alana, minha irmã, foi trabalhar como terceirizada na Caixa Econômica, depois eu fui trabalhar na Evadir, no Polo Industrial de Manaus.<sup>55</sup>

Ao analisarmos essa situação, percebemos claramente a importância do suporte dado pelos parentes na localidade de destino e como essas redes de parentesco são calcadas em laços fortes em Manaus, muitas delas enraizadas. Evidentemente, facilita-se assim, a inserção dos novos migrantes na sociedade de destino, pois as redes são responsáveis por proporcionar ao migrante recém-chegado acolhimento, ajuda na conquista de emprego, companheirismo e ajuda em outras necessidades, especialmente em momentos de crise financeira e de outra ordem.

Independente dos motivos da migração, em geral, a efetivação do projeto migratório, especialmente para Manaus, passam por esse processo através de parentes que já haviam migrado anteriormente para a cidade e, depois que reestabeleceram a vida na nova localidade, conseguindo moradia e emprego, passam a incentivar a vinda de seus familiares. É claro que em alguns casos, a migração pode ter ocorrido por outros motivos.

A seletividade do local de destino acontece, dessa forma, baseada no grau de consolidação das redes, já que as redes mais consolidadas representam maior possibilidade de se atenuar os riscos das migrações de longa distância, aumentando as chances do migrante no seu destino<sup>56</sup>. Estas redes migratórias configuram-se como grupos sociais informais, constituídos por conterrâneos que desenvolvem práticas organizativas muito próprias no que se refere ao favorecimento e a efetivação do processo migratório.

### *1.3.2 Para onde ir?*

Grande parte dos estudos que articulam redes a processos migratórios se referem à migração internacional, podendo, contudo, ter vários aspectos redimensionados numa

---

<sup>55</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>56</sup> ASSIS, G. O. *De Criciúma para o mundo. Op. cit.*

perspectiva regional. Contemplando o cenário da migração interna, as redes constituídas também implicam, inegavelmente, na percepção e na manutenção de fortes vínculos culturais e econômicos entre os grupos migrantes, se constituindo em um lugar de reconhecimento social.

A migração tende a acontecer apoiada, principalmente, nas redes de parentesco e sociabilidade. Uma ajuda que pode acontecer tanto na origem (por meio de ajuda financeira para a viagem, ou até mesmo na hora de tomar a decisão de partir), quanto no destino, com a viabilização do primeiro emprego e da hospedagem/moradia inicial e, muitas vezes, acontece em ambos. Assim, a escolha do destino migratório acaba sendo determinada pela existência de um grupo de conterrâneos, parentes ou não, no local de origem, o que vai delineando, com o passar do tempo, fluxos migratórios que se acabam por se estabelecer.

Nesse sentido, a migração ocorre a partir dos fatores de repulsão do local de origem por meio de características como a falta de empregos, de oportunidades, de estudos etc., e pelos fatores de atração que acabam por direcionar esse fluxo migratório para novos locais, baseando-se não somente a partir de questões econômicas, mas também por outros fatores que nos cabem analisar aqui.

Dona Elba, é casada, tem uma filha e trabalha atualmente como gestora de uma das escolas da rede municipal de Terra Santa. Ela nos revela um panorama dos motivos que levaram-na escolher sair da cidade e ir para Manaus no ano de 1988, dentre eles o fato de que sair de Terra Santa já havia se tornado uma tradição dentro das famílias do município.

[...] já era tradição, terminar o fundamental e ter que ir embora né. Como os demais da família fizeram esse caminho a gente também era mandado para lá, eu, meus irmãos, meus primos. A gente já crescia sabendo né que ia, então chegava naquela série, como era chamada né, a gente já sabia que no outro ano a gente ia ter que viajar, ir embora estudar, quem quisesse continuar os estudos [...] a gente já tinha família lá, todos os nossos familiares tanto maternos quanto paternos moravam para lá, e os meus primos com quem eu morava também, já foram para lá cedo, estudaram, já eram profissionais e aí já acolheram a gente lá. A nossa referência era Manaus.<sup>57</sup>

Dessa maneira, nem sempre é o fator econômico que impera nas escolhas dos indivíduos, e isso pode ser atestado quando nos debruçamos sobre os relatos de nossas

---

<sup>57</sup> Elba Aparecida Almeida Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 15 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

colaboradoras, que decidiram o local de destino baseado não apenas pela rede de sociabilidade ou de parentesco, mas também pela proximidade do seu novo ambiente com seu local de origem.

Percebe-se isso em suas entrevistas, quando questionadas ao porquê de migrarem para Manaus, pesa tanto o fato de terem uma rede de parentesco já traçada, ou como elas mesmo dizem “porque era lá que eu tinha mais familiares que eu pudesse morar com eles”<sup>58</sup>, como a proximidade da cidade de origem para a cidade de destino.

Dona Elza Lira, ao ser questionada por que da decisão de ir para Manaus, nos revela como primeiro ponto o fato de que era muito mais fácil ir para lá, por conta da proximidade com o município, o que lhes permitiria obter ajuda dos pais, através das encomendas que poderiam ser mandadas por barco, e logo em seguida traz o viés econômico, com a possibilidade maior de conseguir emprego em Manaus do que em Belém, por exemplo.

[...] Manaus é muito mais perto né, por exemplo, eu tenho parente tanto em Manaus quanto em Belém, mas era muito difícil pra Belém, é muito mais longe, a parte econômica saia muito mais cara. E Manaus, assim, sendo mais perto os meus pais poderiam mandar nosso alimento, a carne, o peixe, a farinha, tudo, o rancho logo. A princípio eles nos ajudavam mesmo, tanto meus pais quando os pais do Reginaldo e do Clédson. Acho então que era mais fácil, a acessibilidade era muito melhor para Manaus de que pra Belém né. E também Manaus parece que tem mais portas de emprego, te facilita mais pra conseguir um emprego né, até porque na época, graças a Deus nós temos filhos da terra muito bem empregados, no qual já nos encaminhavam, nos ajudavam a conseguir um emprego.<sup>59</sup>

Por meio desses relatos, entendemos o porquê da cidade de Manaus ascender à condição de metrópole em 1991, concentrando 67% do total da população urbana da região<sup>60</sup>, sendo este o resultado da implementação do Polo Industrial de Manaus, que estava dentre os programas que tinham como objetivo de desenvolvimento econômico da Amazônia, projetando um grande fenômeno migratório para a região especialmente para a capital amazonense. Essa parte da população passou a vir para a região em busca de uma melhor qualidade de vida, se estabelecendo geralmente nas regiões periféricas da cidade.

---

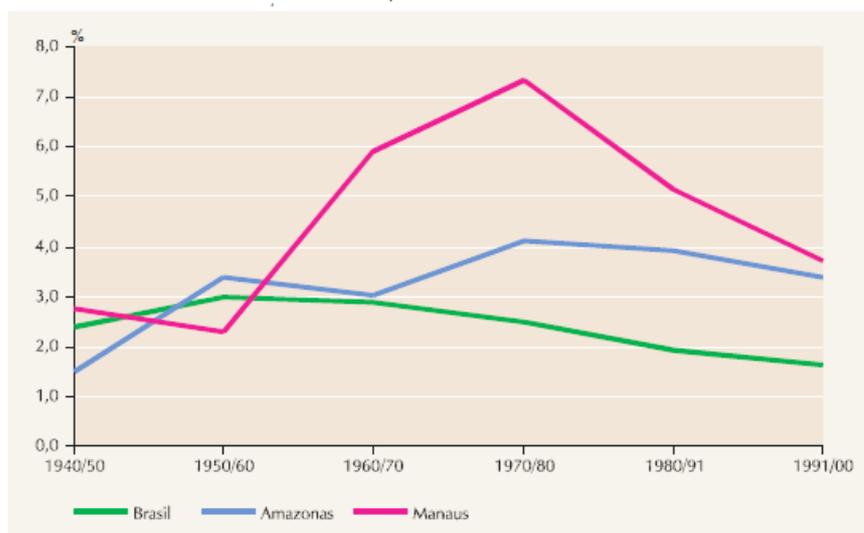
<sup>58</sup> Lúcia Maria Guimarães Pereira. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>59</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>60</sup> VICENTINI, Y. *Cidade e história na Amazônia*. Op. cit.

A taxa de crescimento populacional da cidade de Manaus dá um salto a partir da implantação da ZFM<sup>61</sup>. Na década de 1950, o crescimento era de 2,3% ao ano, inferior ao do Brasil e ao do Estado do Amazonas. Já nos anos 1960 a população cresceu 5,9% a.a., chegando a 7,4 % a.a. na década de 1970, superando em muito o ritmo de crescimento do Brasil e mesmo do total apresentado pelo Estado do Amazonas.

GRÁFICO 1  
TAXA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL MÉDIO ANUAL -  
1940/2000 - BRASIL, AMAZONAS E MANAUS<sup>62</sup>



FONTE: IBGE - Censos Demográficos de 1940-2000

Conforme se observou, o comportamento das migrações mostrou forte intensidade nas décadas de 1960 a 1990. Como verificado no gráfico 01, nota-se um pequeno declínio do fluxo migratório na década de 1990 em relação às décadas anteriores.

Isso porque a década de 1990 tem como peculiaridade a redução da mão de obra empregada no polo industrial de Manaus devido à abertura econômica, que provocou profundas mudanças no modo de produção da ZFM, com reflexos em toda a economia amazonense<sup>63</sup>. Infere-se que o crescimento populacional verificado na cidade de Manaus reflete o contexto econômico e político no qual a cidade esteve inserida nas últimas décadas.

Quanto à origem dos migrantes, conforme o gráfico abaixo, o Censo de 1980 mostrou que aproximadamente 60% das pessoas com menos de cinco anos de residência

<sup>61</sup> NAZARETH, Tayana; BRASIL, Marília; TEIXEIRA, Pery. Manaus: crescimento populacional e migrações nos anos 1990. *Revista paranaense de desenvolvimento*, Curitiba, n.121, p.201-217, jul./dez. 2011.

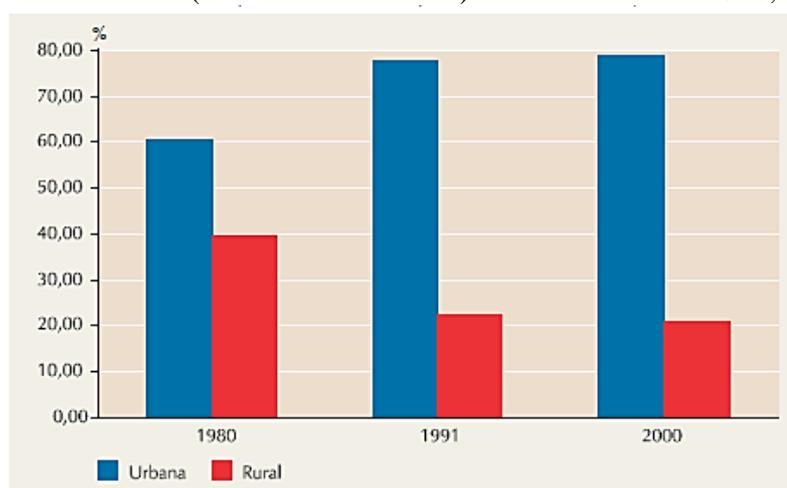
<sup>62</sup> Ibid.

<sup>63</sup> Ibid.

em Manaus eram originárias de áreas urbanas, fossem elas migrantes intraestaduais ou interestaduais.

A cidade de Manaus passou a exercer força de atração sobre muitas pessoas tanto dos diversos municípios do Estado quanto de Estados vizinhos, pela possibilidade de oferta de emprego e melhores condições de vida. Falamos em possibilidade, porque efetivamente nem todos os que migraram para a Manaus trabalharam no PIM ou tiveram condições de vida mais favoráveis ao se tornarem industriários.

GRÁFICO 2  
LOCAL DE MORADIA ANTERIOR, RURAL E URBANA, DOS  
MIGRANTES RECENTES (MENOS DE 5 ANOS) NOS CENSOS DE 1980, 1991 E 2000<sup>64</sup>



FONTE: IBGE - Censos Demográficos de 1980-2000.

Tal força de atração tem contribuído significativamente para que, a cada censo demográfico, deparemo-nos com a multiplicação dos índices populacionais, que são incrementados continuamente pelos fluxos migratórios, que favorecem as transformações na configuração da cidade de Manaus.

Nesse sentido, por ser um movimento complexo, podemos destacar não apenas um, mas vários possíveis motivos desencadeadores da migração para Manaus, pode-se dizer que são basicamente familiares, educacionais, econômicos e financeiros, trabalho, pessoais, locais e a Zona Franca de Manaus.

Ficam explícitos essas motivações nas falas das mulheres que partiram de Terra Santa para a capital amazonense, já que a cidade natal não possuía recursos suficientes que garantisse a essas pessoas a possibilidade de ficarem em seu município de origem, tendo que saírem em busca de algo melhor na cidade de Manaus.

<sup>64</sup> Ibid.

Conseqüentemente, as questões econômicas são amplamente visualizadas nas trajetórias e sonhos de vidas dos sujeitos repelidos de suas localidades no interior da Amazônia, lugares representados por eles como “*sem muita opção*” sendo atraídos pelo grande espaço produzido e reatualizado para uma nova frente do capital na Amazônia Ocidental, que foi o que ocorreu com a cidade de Manaus a partir da década de 1960.

Sayad<sup>65</sup> nos afirma que, conseqüentemente, o ato de migrar pressupõe o abandono do espaço social de origem, exigindo a busca por trabalho e moradia. O trabalho e a residência para os migrantes, mais do que para os demais trabalhadores, têm uma estreita relação de dependência mútua. Apesar de a procura por trabalho ser a disposição central da migração, a questão da moradia não é de menor importância.

Essa análise contudo, não pode ser aplicada à trajetória de vida das mulheres oriundas da cidade de Terra Santa, onde o trabalho não era tido como prioridade, mas seria uma consequência da estadia dessas mulheres na cidade, sendo pensados em um segundo momento por algumas delas, muitas vezes quando do término do curso que estariam fazendo<sup>66</sup>.

Algumas dessas mulheres partiram muito novas, para que pudessem concluir seus estudos, e por serem menores de idade eram colocadas sob a responsabilidade do conhecido ou parente ao qual fossem morar, tendo a tarefa de “*ajudar*”<sup>67</sup> no que era preciso na casa, ou seja, fazer o trabalho doméstico como forma de “*agradecimento*” pela estadia na cidade. Outras ainda, por serem de famílias menos favorecidas economicamente, acabavam tendo que estudar e trabalhar no Distrito ou em outros ambientes, para que pudessem se sustentar, mesmo que recebessem ajuda dos familiares que permaneceram em Terra Santa.

A partida dessas mulheres para a cidade de Manaus, acontecia por meio das relações de parentesco que possuíam com alguém da cidade que oferecia o suporte necessário para começar a vida na capital. Elas almejavam e almejam - se formos visualizar os traços desse processo na contemporaneidade – terminar seus estudos, ou

---

<sup>65</sup> SAYAD, A. *A Imigração*. Op. cit.

<sup>66</sup> Isso quando a família tinha condições de mantê-las para que seguissem apenas com os estudos, sem interrupções, como é mencionado por Dona Adriana quando diz “[...] a gente foi pra estudar, a oportunidade era pra estudar.”. Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada em sua residência, no dia 17 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>67</sup> As três colaboradoras que revelaram passar por essa situação não usavam o termo trabalho, pois não recebiam salários, mas por estarem morando na casa e não arcarem com as despesas, isso era uma espécie de ajuda às pessoas que acolheram elas na capital.

mesmo cursar o ensino superior e se qualificar profissionalmente, o que em outras épocas não era ofertado no município de Terra Santa<sup>68</sup>, fazendo desse seu objetivo principal.

Percebemos essa situação ao analisarmos a fala de Dona Andreza, solteira, pedagoga, trabalhando atualmente como gestora em uma das escolas do município de Terra Santa, quando nos diz o que a motivou partir para Manaus no ano de 2002, “[...] eu fui mesmo porque queria um objetivo na vida, que como não tinha faculdade então eu tinha que ir mesmo”<sup>69</sup>.

Na fala de Liene, solteira, agora trabalhando como Diretora Financeira em um Clínica de Saúde Ocupacional em Manaus, percebemos que para saírem da cidade de Terra Santa precisavam realmente desse suporte, por irem muito jovens, os pais acabavam se preocupando, dessa forma essa decisão de partir e para onde ir precisava ser conversada e acertada entre elas e a família.

A decisão foi só minha né, no primeiro momento. Aí depois houve uma conversa, porquê assim, meus pais não queriam não é que eu era muito jovem para ir morar com pessoas estranhas, eles sempre diziam que casa dos outros não é casa de pai né, que eu ia enfrentar uma dificuldade muito grande porque eu nunca tinha ido, eu nunca tinha saído de Terra Santa [...] foi a primeira oportunidade que eu tive, foi de ir pra Manaus, foi a primeira oportunidade que surgiu aí eu aproveitei de ir com uma pessoa que minha mãe conhecia e aí a princípio deu tudo certo.<sup>70</sup>

O onde morar e de que forma, transcreve-se intrinsecamente como preocupação para quem passa por um processo de migração. Aqui se estabelece as redes de relações sociais, já que o migrante que não possui condições financeiras suficientes para aquisição de residência própria ou mesmo locação ao chegar no local de destino, geralmente se estabelece, provisoriamente, em razão das trocas recíprocas, na casa de parentes ou amigos.<sup>71</sup>

Contudo, essas redes de parentesco, fundamentados em compromissos morais solidificados pela proximidade dos laços afetivos, facilitam a fixação do migrante recém-

---

<sup>68</sup> Como elucidado no início do capítulo a cidade oferece faculdades privadas à distância e alguns cursos técnicos também pagos, porém estes não suprem a demanda do município, tendo os jovens saído em sua maioria para cursar o nível superior no estado do Amazonas, tanto em Parintins como em Manaus, mas também se projetando para cidades como Santarém, dependendo muito das redes familiares.

<sup>69</sup> Andreza Costa Barbosa. Entrevista realizada na escola municipal São Sebastião, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>70</sup> Liene Valente Fonseca Kitsinger. Entrevista realizada na residência de seus pais, em Terra Santa, no dia 13 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>71</sup> SERTÓRIO, Lidiane Bruno; SANTOS, Miriam de Oliveira. Relações entre trabalho, educação, gênero e migração. *Anais Seminário do Trabalho: trabalho, educação e sociabilidade*. Marília, 24 a 28 de maio de 2010.

chegado, ajudando na busca de moradia e de ocupações. De acordo com Angelin<sup>72</sup>, isso pode resultar na intensificação dos laços de parentesco entre os já estabelecidos e os recém-chegados, não apenas pelo potencial de mobilização dessas relações para enfrentar as múltiplas carências de um grupo, mas também pela segurança emocional que a convivência familiar proporciona no novo ambiente.

Nesse sentido, o migrante sente a necessidade de fixar-se próximo a pessoas de seu círculo social, para poder alcançar uma sensação de bem-estar, aliviando o incômodo sentimento de incerteza e instabilidade que perdura e se reforça com a ausência do lugar. O envolvimento de um indivíduo com o lugar é um processo complexo que não ocorre aleatoriamente. Alguns fatores encorajam/incentivam esse envolvimento, enquanto outros repelem qualquer tentativa ou interesse em fazê-lo.

A inserção nas redes sociais possibilita a identificação e o pertencimento, podendo gerar alívio/amortecimento ao impacto das mudanças espaciais vividas pelos migrantes, por fornecerem um espaço de segurança onde o seu modo de ser é reconhecido, ligando-o ao lugar-natal. Em vista disso, são importantes para amenizar os estresses causados pela migração.

Essa característica também pode ser observada no diálogo com nossas colaboradoras. Ter alguém da família por perto dava alívio e calma, por não estarem sozinhas, e o fato de suas redes pessoais estarem ligadas a pessoas conhecidas da terra natal, aumentavam a confiança quanto aos problemas enfrentados durante suas trajetórias.

A necessidade por parte das migrantes de preservar sua personalidade, sua identidade e voltar a ter a sensação do pertencimento leva a um gradual e contínuo processo de edificação de "lugares próprios", os quais permitem às migrantes enraizar-se. Esses lugares se configuram como base e fundamento das redes sociais estabelecidas por elas.

Nesse sentido, se estabelece uma proximidade da rede social com a rede pessoal e a própria rede migratória. Em todos os casos, pensar o papel das redes no fenômeno migratório permite entender a dimensão estrutural das escolhas e motivos da migração. Por outro lado, a partir das redes sociais é possível compreender também o capital simbólico e material a que o migrante tem acesso no local de destino e em que medida elas conseguem diminuir o impacto da ruptura com o lugar de origem.

---

<sup>72</sup> ANGELIN, P. E. *Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero...* Op. cit. p. 50.

#### **1.4 “Eu fui mesmo porque eu queria um objetivo na vida”: O processo de despedida e a busca por novas oportunidades.**

Observamos durante esse capítulo que a conquista de oportunidades, autonomia e liberdade são questões consideradas como metas para a maioria das mulheres migrantes. O investimento nisso se inicia em Terra Santa, principalmente por meio dos estudos, pois são mulheres que se deslocam em busca de melhores condições de vida, e que veem na continuação de seus estudos a qualificação necessária, traçando esse objetivo em suas vidas.

De acordo com Silva, nesse ato de partir, o lugar de origem pode se apresentar como um espaço de saudade ou um espaço que fala sobre o não conformismo de quem está saindo, o não aceitar as dificuldades da vida, tendo como medida a decisão de ir embora. “Nesse caso, os que tomam essa decisão de querer sair só ou levando consigo os familiares rompem com vínculos estabelecidos e abrem caminhos na intenção de construir outros rastros de oportunidades”<sup>73</sup>.

A experiência de ter que sair do local que você mora pode não ser boa, mas nem sempre aquilo que é necessário é bom. Para algumas das jovens de Terra Santa, partir poderia gerar tristeza e dor, para outras a despedida era necessária e muitas vezes não era tão sofrida por ser desejada. Sair de perto da família era doloroso, mas ao mesmo tempo confortante, já que através do adeus vinham novas possibilidades que não poderiam ser encontradas sem a presença dele. Partir solteira, com um compromisso, ou com um sonho e um objetivo de vencer na vida, davam o estímulo necessário a essas mulheres.

Através das vozes delas percebemos o processo da tristeza por ter que se afastar da família, tendo um sentimento conflitante durante a partida, o sentimento de querer ir e o de querer ficar se misturam, mas não as fazem mudar de ideia, pois sabiam que para conquistarem seus objetivos, precisariam crivar esses sentimentos. Nesse sentido Dona Adriana nos ilustra como se processa a dor da partida, da despedida.

Foi difícil, assim porque nós éramos novas né, novinha né, 15 anos, aí ficar longe dos pais foi difícil, a gente chorava bastante. Todo tempo que a gente vinha para cá a gente não queria mais voltar, eu principalmente porque sempre era mais apegada aqui em casa, mais apegada com meus pais e família. Então todo tempo eu chorava, não tinha uma viagem que eu fosse que eu não chorasse para querer ficar. Mas assim, depois que eu entrava no barco parece que eu entendia que tinha que ir, passava um pouco. Mas nunca me deu vontade de desistir e nem de tentar voltar sem o objetivo que eu queria ter feito né, pra

---

<sup>73</sup> SILVA, P. R. L. *Do espaço lembrado ao espaço vivido*: Op. cit. p. 41.

alcançar. [...] a gente passou vários momentos de saudade, tristeza, muitos momentos difíceis também, mas nunca senti vontade de desistir, sempre a gente limpava o rosto, passava e seguia em frente.<sup>74</sup>

Dona Andreza nos mostra uma visão parecida desse momento, mesmo se aportando em sua irmã mais velha, ela revela ter sofrido ao ter que se afastar de seu local de origem, ao passo de que tudo nele é diferente- entende-se por diferente algo bom - comparada a vida em uma capital.

Fui sozinha, mas a minha irmã já estava lá, já morava lá então ela já me deu todo o suporte que a gente precisa lá em Manaus. A partida foi muito triste, eu senti muito, porque a vida em Terra Santa era totalmente, é totalmente diferente, então eu fui mesmo porque eu queria um objetivo na vida, que como não tinha faculdade então eu tinha que ir mesmo, mas não foi fácil! Eu chorava. Eu cheguei em Manaus em março de 2002, então eu fui me adaptar só pelos meados de outubro.<sup>75</sup>

É por isso que a desestabilização da ligação essencial causa um abalo na segurança existencial e identidade territorial do migrante, que tem de enfrentar um desencaixe espacial. Isso o torna suscetível à angústia e ansiedade, impondo a necessidade de enraizar-se no lugar de destino, ou de manter os vínculos com o lugar natal, apesar de ter migrado. A segurança existencial e a identidade dependem de a pessoa estabelecer e cultivar laços com o lugar, envolvendo-se com ele.

Análises que têm como base as redes sociais, enfatizam sua importância na migração feminina, percebendo que o contínuo desses movimentos cria no destino uma comunidade que se apresenta com dupla função para a comunidade de origem: protege, acolhe e ampara as migrantes, ao mesmo tempo em que zela para que seu comportamento reflita as tradições e os costumes das áreas de origem.

Outros autores consideram a relevância das redes sociais ainda maior na migração feminina porque muitas vezes elas se particularizam, isto é, constituem-se apenas de mulheres e aí atuam de forma significativa no atendimento a necessidades específicas das migrantes, ao mesmo tempo em que acolhem e protegem aquelas que buscam na migração uma forma para escapar das amarras da sociedade de origem, da mesma forma que ocorreu com Dona Andreza ao ser acolhida pela irmã, Dona Adriana, que foi quem a amparou nesse processo de reconhecimento do seu novo espaço de vivência, ou seja,

---

<sup>74</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 17 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>75</sup> Andreza Costa Barbosa. Entrevista realizada na escola municipal São Sebastião, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

ajudou tanto no reconhecimento da cidade como no processo de escolha do destino da irmã.

Dessa forma, quando o sentimento de saudade e tristeza se impõem mais que o estabelecimento de laços com o lugar de destino, a adaptação por parte do migrante não se concretiza, fazendo com que ele determine uma volta mais rápida para sua sociedade de origem. Dona Elba nos apresenta de forma sistemática como isso acontece.

Foi muito triste...eu não, assim, eu queria ir, mas ao mesmo tempo não, e esse foi um dos motivos que me fez voltar tão logo eu me formei, porque eu não me adaptei, durante os seis anos que eu passei lá eu não consegui me adaptar totalmente em Manaus. Todas as férias que eu vinha era uma choradeira para voltar. Os meus irmãos não, ficaram muito bem, mas eu não me adaptei.<sup>76</sup>

A dor da despedida é muito relativa, variando entre as mulheres migrantes. Mesmo elas passando pelos mesmos processos, recebendo o apoio da família nesse momento - tanto no local de origem como no de destino - ou mesmo, tendo o desejo de realizar as suas trajetórias, esse sentimento de tristeza é vivido de forma muito diferente entre elas, ou seja, há aquelas como Dona Eliçandra, que não sofreram durante a partida.

Eu te confesso que eu não sofri tanto (risos), não sei, foi porque era o que eu queria né. A gente sente pelo fato de ser mãe, de ser pai, e deixar minha vida, onde eu nasci, onde eu cresci, mas era o que eu queria. Era realmente uma oportunidade de sair de Terra Santa e ver outros horizontes né. [...] me despedi da minha mãe, do meu pai, eu tive toda uma preparação, inclusive enxoval, algumas coisas, alguns detalhes, até porque estava saindo do lar né, saindo da minha família pra viver com uma outra pessoa. Então a despedida entre a família, e nessa época a minha família na verdade me deu muita força tá, então eu vi na minha família que na verdade “eles estão deixando”, mas eles também estavam felizes.<sup>77</sup>

Seu relato apenas evidencia como os constrangimentos e sentimentos que envolvem a decisão de migração tendem a ser distintos. Estes últimos são supostamente mais fáceis de serem superados pelas mulheres, particularmente aquelas que migram de forma autônoma ou independente em estágios iniciais de seu ciclo vital.

Desse ponto de vista a migração estaria mais vinculada à busca de maiores oportunidades no mercado de trabalho, melhor qualificação e aumento da escolaridade. Com isso, mais mulheres donas de seu destino, possibilitam à sua descendência, além da

---

<sup>76</sup> Elba Aparecida Almeida Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 15 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro

<sup>77</sup> Eliçandra Costa Guerreiro. Entrevista realizada na secretaria de assistência social, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro

condição de migrante, melhores oportunidades de vida. O retorno à área ou estado de origem com chances de melhor inserção, ao menos em relação às que lá ficaram, é outra possibilidade que se coloca para essas mulheres, possivelmente mais bem qualificadas após certo tempo de permanência. Em outras palavras, além da pretensão da melhoria econômica, para essas mulheres ainda pode caber a visão da migração como possibilidade de mobilidade social.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> CHAVES, M. F. G. *Mulheres migrantes*. Op. cit.

## Capítulo 2

### CHEGAR:

---

#### *“TÔ EM MANAUS, AGORA VAI SER TUDO DIFERENTE”<sup>79</sup>*

Na dinâmica migratória, o habitar, entendido aqui como o viver no cotidianamente foi a questão central para analisar como se deu a integração e adaptação das migrantes terrasantenses na cidade de Manaus. Ao chegar em um lugar “desconhecido” os sentimentos que perpassam são os de “medo, insegurança, apreensão, saudade”, mas, sobretudo o de certeza quanto ao seu objetivo. Sem dúvida para quem veio do interior o desafio se torna ainda maior, pois além da diferença cultural, a cidade possui múltiplas características, dentre elas a diversidade.

Para algumas de nossas colaboradoras, como Dona Elba, a chegada em Manaus era “tranquila” e elas chegavam a “*se sentir em casa*”, ou como relata Dona Heloisa, acabava sendo bom, por morar com a mãe e os irmãos, aos quais passou alguns anos sem ver. Dona Elzinete chega a ser ainda mais enfática quanto a alegria de chegar na capital, “pra mim foi maravilhoso, eu queria sair daqui e conhecer outros lugares”<sup>80</sup>.

Para outras esse momento pode ser marcado de forma negativa, principalmente se você viaja aos 13 anos, sozinha, e não tem ninguém aguardando sua chegada, como nos relata Dona Lúcia, em tom de tristeza, ao trazer em sua memória um dos primeiros desafios ao chegar na Capital. Ela relata ter que atravessar para o outro lado de Manaus com a irmã da sua tia (que a esqueceu no porto), sendo buscada somente no dia seguinte.

De acordo com Dona Andreza “*era uma realidade totalmente diferente*”, e a forma como seriam incluídas nesse novo ambiente, nessa nova realidade, afetaria em como se sentiriam e, em certa medida, na configuração e adaptação dentro da capital. Conforme Liene “ao primeiro momento quando tu chega, tu sofre aquele choque de realidade. Meu Deus! Tô em Manaus, agora vai ser tudo diferente”<sup>81</sup>. E realmente seria, pois a partir do momento que aportaram em Manaus, suas vidas seriam modificadas, expectativas superadas outras frustradas, mas sempre com uma enorme coragem que movia os sonhos dessas jovens.

---

<sup>79</sup> Liene Valente Fonseca Kitsinger. Entrevista realizada na residência de seus pais, em Terra Santa, no dia 13 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>80</sup> Elzinete Santos Souza. Entrevista realizada na escola onde trabalha, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>81</sup> Liene Valente Fonseca Kitsinger. Entrevista realizada na residência de seus pais, em Terra Santa, no dia 13 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

As mulheres migrantes entrevistadas de uma maneira geral eram adolescentes e jovens, solteiras, parte delas teve que migrar para continuar os estudos e a outra parte tinha um razoável nível de escolaridade, a maioria tendo uma renda muito baixa. Como dito, essas jovens foram para Manaus para estudar e conseguir uma melhoria de vida, mas para conseguirem alcançar seus objetivos, algumas delas acabaram, em um primeiro momento, exercendo atividades tradicionalmente femininas dentro da capital.

Percebemos na fala de maior parte de nossas colaboradoras que a ida para Manaus não estava diretamente ligada ao processo de atração via zona franca, mas sim por uma rede de parentesco que acabava atraindo-as principalmente pela falta de recurso no município de Terra Santa quanto as demandas educacionais e de trabalho. Em suas falas o ato de migrar se relaciona ao fato de terem primos, irmãos e parentes que poderiam dar apoio em um local distante, principalmente distante da realidade em que viviam. Esse processo se reatualiza durante as décadas seguintes em que novas mulheres passam a viver esse processo na busca por uma melhor qualidade de vida via qualificação profissional.

Mesmo com todas as limitações e dificuldades, o universo feminino pesquisado teve uma adaptação favorável, facilitado, de certa forma, por esse apoio, em especial da família, amigos, conterrâneos e conhecidos. O habitar, o dia a dia, o cotidiano, principalmente no âmbito laboral, foi essencial para uma integração positiva entre as migrantes terrasantenses, pois o apoio das redes interfere de maneira considerável no que se refere à integração da mulher migrante no espaço urbano.

Entretanto, para entender a relação da imagem do espaço para essas migrantes, é preciso, mais do que procurar uma imagem da cidade para elas, ir além das sensações que o lugar de destino lhe oferece. É necessário, a partir da imagem, buscar a compreensão da relação do novo habitante com o espaço, pois nela poderão ser encontradas as formas sociais, culturais e econômicas que fazem manter seus laços com o local de escolha da migração tornando esse local um espaço de identificação e reconhecimento, ou seja, o seu lugar, ou não.

## **2. 1 Manaus: uma metrópole na selva**

A localização da cidade de Manaus é altamente privilegiada, conforme apontam vários autores. A vasta rede hidrográfica possibilita a conexão entre a cidade e as diferentes localidades da Amazônia Ocidental e constituiu, desde sua origem, um centro

importante para a circulação de mercadorias e de pessoas desta região com o restante do país e de outras partes do mundo.<sup>82</sup>

Esse processo influencia a dinâmica urbana de Manaus e está associado aos sucessivos eventos da história socioeconômica da região. A economia da cidade foi marcada por períodos de crescimento fortemente dependentes do mercado internacional, como o da borracha e da implantação da Zona Franca, intercalados por outros de estagnação. Por conta disso, Manaus por toda sua história passou por períodos de apogeu e declínios econômicos significativos, fatos estes que marcaram de maneira contundente o seu espaço urbano.

Todavia, a História de Manaus, como tantas outras cidades é marcada pela presença de migrantes vindos de outras regiões e países que, por motivos distintos, acabaram encontrando na cidade um espaço de sobrevivência. São muitos os estudos que falam das migrações para a Amazônia e parte da historiografia sobre o assunto é referente ao final do século XIX, quando milhares de pessoas migraram para esta região.

E diante da crise que se instalou na cidade, nas primeiras décadas do século XX, com a decadência da borracha, seringais foram abandonados e a população migrou para a cidade de Manaus, redesenhando a cidade e submetendo-se a condições precárias. O espaço urbano foi rearticulado e o capital, adequado a novos investimentos, como ampliação da produção extrativista e agrícola de várzea.

O século XX pode ser considerado o “século da urbanização”. Período em que as cidades, de um modo geral, receberam um grande contingente de migrantes, alterando a sua rotina<sup>83</sup>. Com a cidade de Manaus, a partir do último quartel do século XX, não foi diferente, visto que, com a chegada dos migrantes de diversas regiões do país e da região do Baixo Amazonas em especial, o centro urbanístico passou por modificações, tanto na sua estrutura física quanto social, à medida que novos bairros foram surgindo.

De acordo com Barcellos e Costa “a partir de 1970, as políticas do Governo para a Amazônia visam ocupar o espaço, incentivando a migração, e a valorização dela através de empresas de grupos econômicos. Estes grupos, muitos dos quais de capital multinacional, na maioria das vezes sediados em São Paulo, visam, como alternativa de investimentos, à apropriação das terras”<sup>84</sup>. A partir dessa estratégia governamental, o

---

<sup>82</sup> OLIVEIRA, José Aldemir de. Espaço-tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano. *Espaço e cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 23, p. 33-41, jan./jun., 2008.

<sup>83</sup> BARROS, José D’Assunção. *Cidade e história*. 2ª ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 7.

<sup>84</sup> BARCELLOS, M. M; COSTA, W. S. População. In: *FIBGE. Geografia do Brasil – Região Norte*. Rio de Janeiro, 1991.

processo migratório na Amazônia foi intensificado em meados dos anos 70. No entanto, o aumento dos fluxos migratórios provocados por essa intensificação vem demonstrando um crescimento muito heterogêneo nas diferentes unidades da Região Amazônica, fato que evidencia as desigualdades intrarregionais acentuadas principalmente em detrimento da política do Estado de alocação de projetos.

Dessa maneira percebemos que, embora se identifiquem causas pontuais, com maior ou menor relevância, o processo de urbanização recente de Manaus resulta da interação e do balanço de fatores de expulsão da área de origem e de atração da área de destino. Como fator de atração, a partir dos anos sessenta, há que se considerar a criação da Zona Franca. A partir desse evento, Manaus ampliou seus domínios espaciais, com a interiorização pelas “terras firmes”, um modelo de ocupação mista, entre as intervenções planejadas pelo Estado e as ocupações espontâneas.<sup>85</sup>

As políticas de ocupação e desenvolvimento, principalmente durante o governo militar, constituíram-se num alto teor indutor da migração para a região. Foi a Zona Franca que, a partir de sua implementação, em 1967, como área de livre comércio e de incentivos fiscais, passou a ser a grande propulsora da economia do Estado do Amazonas. Vinculado ao crescimento econômico, ocorreu o incremento populacional.

A sua implantação muda a configuração política e social da região. De acordo com os censos demográficos, a cidade de Manaus passou de 171.343 habitantes em 1960 a 1.802.525 habitantes em 2010, grande parte deste crescimento como fruto do intenso processo migratório desde os anos 60.<sup>86</sup>

### *2.1.1. A implantação da Zona Franca e o aumento da migração para Manaus*

A mobilidade de populações na região amazônica não é algo recente, mas foi durante o período do governo civil-militar, em que o foco era planejar o desenvolvimento da região amazônica através de programas do governo, que ela se intensificou. O órgão que passou a ser responsável por tal planejamento foi a SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), que dentre outras coisas, passou a implementar os objetivos econômicos para o crescimento da Amazônia.

Esse planejamento pode ser dividido em cinco fases principais de acordo com Kohlhepp, que seriam: 1- O Programa para Integração Nacional (PIN), na primeira metade

---

<sup>85</sup> Ibid.

<sup>86</sup> NAZARETH, T; BRASIL, M; TEIXEIRA, P. Manaus: crescimento populacional... Op. cit., p. 201-217.

dos anos 1970; 2- O Programa Polamazônia de 1974 a 1980; 3- Os Programas de desenvolvimento rural integrados do início dos anos 1980; 4- Os Megaprogramas e Projetos dos anos 1980; 5- O Programa Piloto na primeira metade dos anos 1990.<sup>87</sup>

A mentalidade predominante na década de 1970, que era a do Eldorado, fez com que houvesse a exploração econômica e a quase ilimitada distribuição das áreas periféricas da região amazônica. Então, a partir do II Plano de Desenvolvimento para a Amazônia, as estratégias foram concentradas no conceito de “pólos de desenvolvimento”. Este foi baseado em pontos separados, como por exemplo, a extração de recursos minerais ou áreas com possível processo industrial.<sup>88</sup>

E há consequências nesses novos processos de povoamento na Amazônia, pois, se de um lado houve a contribuição para a expansão demográfica, mineral e a criação de novos centros de produção industrial, de outro ela reiniciou também os surtos de muitas tensões sociais, indicando um grande processo de mudança e transformação na região.

A Zona Franca de Manaus por ser a principal propulsora da economia amazonense, foi e é responsável pelo crescimento econômico e por grande parte do crescimento populacional da cidade de Manaus, sendo fator de atração de migrantes, seja da área rural estagnada economicamente ou mesmo de áreas urbanas. Pode-se perceber isso por meio da operacionalização da ZFM, na década de 1960, que coincide com o início do acentuado crescimento populacional da cidade.

Isso se dá por conta do grande aumento da população urbana e ao crescimento da capital amazonense. Manaus se torna a partir da década de 1960, a metrópole regional da Amazônia Ocidental, apresentando mais de 150 mil habitantes em 1960, chegando a 700 mil em 1991, mantendo sempre uma restrita população rural, exercendo assim um poder de atração de população, extrapolando seu âmbito regional.<sup>89</sup>

Com a criação da Zona Franca, em 1967, Manaus experimentou uma nova fase de crescimento demográfico, atraindo particularmente migrantes do interior do Amazonas, de outros estados da Região Norte e Nordeste. Não obstante, os altos e baixos da economia, afetando diretamente o parque industrial de Manaus, essa cidade continua atraindo migrantes internos, em sua maioria do interior do próprio Estado, para vários

---

<sup>87</sup> KOHLHEPP, Gerd. Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia Brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, nº16, 2002.

<sup>88</sup> Ibid.

<sup>89</sup> VICENTINI, Y. *Cidade e história na Amazônia*. Op. cit.

setores da sua economia, porém, com menor intensidade que em décadas anteriores e cada vez menos para a atividade industrial.

Os fluxos migratórios destinados à Manaus podem ser encarados a partir de várias interpretações, que permitem identificar essas diferenças de contextos e estruturas sociais presentes nos deslocamentos populacionais. Desta maneira, ao nos voltarmos para os movimentos contemporâneos, verificamos entre Oeste Paraense e Leste Amazonense intensa movimentação em busca de oportunidades de formação educacional e profissional em centros regionais maiores.

Percebemos assim, que os grandes projetos realizados na Amazônia passam também a decidir as trajetórias e destinos dos sujeitos da região, e é no trânsito que se produz e transformam-se as suas identidades. Nessa perspectiva o migrante é interpretado enquanto sujeito dos processos migratórios que (re)definem novos espaços e espacialidades, especialmente nas dinâmicas interna e intrarregional.

A dinâmica do desenvolvimento urbano de Manaus, em boa medida materializada na forma de “booms econômicos” periódicos, tendeu a impulsionar a cidade para processos modernizadores repentinos e de curta duração, seguidos por momentos de forte retração e até letargia. A cada nova dinamização econômica assistia-se um surto renovador associado a implementação de projetos urbanísticos de grande envergadura que traziam, invariavelmente, a marca da superação de um passado tido como problemático.<sup>90</sup>

Desde fins do século XIX a Amazônia é alvo de incentivos governamentais de povoamento via mão-de-obra. Durante a economia da borracha grandes contingentes de migrantes nordestinos partiam para a região com grandes ilusões de riqueza, mas ao chegarem ao lugar de destino não encontravam nenhum apoio do governo. Os trabalhadores viviam em regime de servidão sem nunca conseguir saldar suas dívidas, além de sobreviver em péssima qualidade de vida. Aos nordestinos que se aventuraram no interior da Amazônia restavam poucas alternativas: alguns morriam nos seringais e outros partiam rumo às periferias da cidade de Manaus. Lá viviam em extrema miséria e sem perspectiva de melhores dias.

Já a Zona Franca de Manaus, em seus “anos dourados” (1970-1980), absorveu um número expressivo de trabalhadores em seu parque industrial, mas deixou de fora outros tantos, que foram obrigados a inserir-se no trabalho informal. Isto significa dizer que o

---

<sup>90</sup> PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Manaus: mudar com ou contra o passado? *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011.

desemprego e o trabalho precário não se constituem numa novidade histórica assim como sua interface com a exclusão. Ou seja, mesmo com todo o sucesso ocasionado pela sua implementação, a situação da cidade de Manaus é no mínimo paradoxal. Manaus hoje é uma das maiores cidades brasileiras em população, além de ser uma das cidades mais ricas do país, no entanto, apesar de todos esses resultados, metade da população vive na pobreza.<sup>91</sup>

Pode-se perceber dessa forma, que o Estado incorreu no mesmo erro das políticas de ocupação do século XIX: modelos altamente concentradores de renda e que findaram por suscitar várias questões sociais. O fastígio da borracha trouxe consigo uma grande e rápida urbanização para a cidade de Manaus, assim como a Zona Franca de Manaus acarretou o crescimento econômico do município. Assim como as belas edificações da época áurea da borracha destoavam dos casebres da época, a modernização do município ocasionada pela ZFM também contrasta com as palafitas à beira dos igarapés e com a parcela da população que vive nas periferias.

De lá para cá, assistiu-se a uma explosão demográfica sem paralelo na história da cidade, fazendo-a alcançar, em poucos anos, dimensões geográficas que extrapolavam em muito à área alcançada pela expansão urbana do momento que a antecedeu. Com tal expansão populacional e geográfica, a cidade transforma-se, com uma população de carentes a demandar serviços dos mais diversos, como saúde, educação, moradia, transporte, segurança, lazer e cidadania.

O fluxo migratório em direção à cidade de Manaus, apresentado a partir dos anos 60 do século passado com a criação da Zona Franca de Manaus, em 1967, fez com que a cidade multiplicasse por oito o número de habitantes no período de 1960 a 2000, conforme a tabela a seguir.

---

<sup>91</sup> SCHERER, Elenise. Desemprego, trabalho precário e des-cidanização na Zona Franca de Manaus. *Somanlu*, Manaus, ano 4, n. 1, jan./jun. 2004.

TABELA 1  
MUNICÍPIO DE MANAUS:  
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO - 1960 – 2000.<sup>92</sup>

Ano	Amazonas (a)	Cresc. anual (%)	Manaus (b)	Cresc. anual (%)	(a)/(b) (%)
		3,44		2,30	
1960	721.215		175.343		24,3
		2,85		5,92	
1970	955.235		311.622		32,6
		4,12		7,35	
1980	1.430.089		633.383		44,3
		3,57		4,35	
1991	2.103.243		1.011.501		48,1
		3,40		3,73	
2000	2.812.557		1.405.835		50,0

FONTE: Extraído de Teixeira e Brasil, 2006.

Conforme dados de Teixeira e Brasil, é possível considerar o movimento migratório inter-regional, sendo que, no caso de Manaus, ele é originário especialmente do Estado do Pará. O número de migrantes paraenses vem aumentando desde 1970, tendo chegado na década de 80, com mais do dobro do referente aos demais migrantes da Região Norte. A partir desse mesmo período, passou a superar os efetivos migratórios oriundos da Região Nordeste.<sup>93</sup>

De acordo com Marineide Ribeiro<sup>94</sup>, foi a instalação/regulamentação da Zona Franca de Manaus, em 1967, que acabou por gerar a “necessidade” de força de trabalho, ao mesmo tempo em que criou expectativas nas populações interioranas do estado do Amazonas e também dos demais estados brasileiros.

Dessa forma, percebemos que entre os milhares de migrantes em Manaus, os paraenses têm representado uma significativa presença. Podemos ter uma ideia dessa afirmação, ao compararmos os números de migrantes paraenses com os de outros estados brasileiros através de dados do IBGE entre os anos de 2000 e 2010 sobre a origem de migrantes para o Estado do Amazonas, conforme o Quadro 1.

<sup>92</sup> TEIXEIRA, Pery; BRASIL, Marília. *População: características de dinâmica demográfica em Manaus*. Manaus: UFAM, 2006, Atlas de Desenvolvimento Humano em Manaus.

<sup>93</sup> Ibid.

<sup>94</sup> RIBEIRO, Marineide da Silva. *“A gente veio do interior sem saber muita coisa da capital”*: vivências de paraenses interioranos em Manaus (1970-2014). Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2015.

QUADRO 1  
ORIGEM DOS MIGRANTES PARA O AMAZONAS

Estado	Ano 2000	Ano 2010
População do estado	2.810.353	3.474.208
Migrantes paraenses	132.461	146.081
Migrantes maranhenses	27.014	31.355
Migrantes cearenses	36.029	30.366

FONTE: Extraído de RIBEIRO, 2015.

A capital amazonense tem sido vista por muitos paraenses como lugar de oportunidades, visto que eles são contagiados pela propaganda de prosperidade, progresso e emprego, principalmente por conta do Polo Industrial de Manaus (PIM). Aumentam ano a ano as estatísticas da migração, e, de acordo com o censo demográfico de 2010 – realizado pelo IBGE - a cidade tem cerca de 1.802,14 milhão de habitantes, dos quais 125.936 são paraenses.<sup>95</sup>

José Aldemir de Oliveira<sup>96</sup> reforça a perspectiva sobre o fato de essas pessoas virem para Manaus atraídas pelos rumores que pairavam no estado vizinho. As notícias que corriam davam conta de que, no Amazonas, se viviam “os anos dourados” com a Zona Franca, e o Distrito Industrial era o carro-chefe dessa nova realidade na sociedade manauara.

De acordo com esse autor, por meio de resultados obtidos pelo levantamento feito pelo CESEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – através da pesquisa realizada em Manaus em 2008, pelo Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia, metade dos entrevistados, 50%, são migrantes oriundos dos municípios do interior do Amazonas. A segunda maior porcentagem, representando 28% dos entrevistados, veio do Estado do Pará, mais expressivamente de municípios da região do Baixo Rio Amazonas, como podemos ver através da tabela abaixo.

---

<sup>95</sup> Ibid.

<sup>96</sup> OLIVEIRA, José de Aldemir. *Gente em movimento: migração no contexto regional da Amazônia*. In: *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: Edua, 2010.

TABELA 2  
ESTADO DE ORIGEM DOS MIGRANTES ENTREVISTADOS EM MANAUS

Estados	Total de Migrantes	Percentual
Amazonas <sup>2</sup>	82	50%
Pará	33	28%
Maranhão	09	11%
Ceará	06	03%
Rondônia	03	2%
Bahia	02	1%
Minas Gerais	02	1%
Acre	02	1%
DF	01	0%
Piauí	01	0%
Rio de Janeiro	01	0%
Amapá	01	0%
Roraima	01	0%
Goiás	01	0%

FONTE: Extraído de Oliveira, 2010

Somadas as duas principais cifras obtém-se o equivalente a 78% do universo pesquisado que equivale justamente à migração intraestadual e inter-regional. Esta última representa justamente os municípios paraenses localizados no chamado Baixo Amazonas. A espacialização demonstra que a maioria dos migrantes é oriunda de municípios da porção Noroeste do estado, estando estes situados mais próximos da divisa com estado do Amazonas e possuindo suas sedes as margens do rio Amazonas.<sup>97</sup>

Os dados nos revelam informações importantes, dentre elas, a ausência de políticas públicas capazes de garantir que os sujeitos não tenham que se submeter à migração marcadamente compulsória.<sup>98</sup> Esses dados nos instigam a refletir sobre a forte presença de migrantes paraenses na cidade de Manaus nos dias de hoje.

É preciso relacionar a dinâmica dos deslocamentos com o advento dos grandes projetos políticos e econômicos implantados na Amazônia de forma arbitrária e inconsequente, ocasionando impactos ambientais e socioculturais diversos.

É interessante observamos a relação existente de homens e de mulheres interioranos com os grandes centros, como os que se deslocam para Manaus. José D'Assunção Barros diz que antes, esse espaço representava uma exceção e um ambiente pouco familiar para as pessoas. A partir do momento em que tais indivíduos passam a

<sup>97</sup> COSTA, Danielle Pereira da. Migrantes urbanos em Manaus: perfil, percurso migratório e mobilidade intraurbana. In: *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: Edua, 2010.

<sup>98</sup> OLIVEIRA, J. A. Gente em movimento. Op. cit.

frequentá-lo, despertam a vontade de viver no espaço urbano. A vivência e a constante chegada de novos moradores ajudam a construir uma nova realidade, a qual exige mudanças econômicas e sociais.<sup>99</sup>

Portanto, mais do que conhecer os fatos que envolvem o processo migratório de nossas colaboradoras, o que muito nos instiga nesse momento, é compreender os sentidos atribuídos por elas às suas trajetórias de vida dentro da capital, suas experiências vivenciadas, suas culturas – entendidas aqui como todo um modo de vida – e a resistência para permanecer na mesma.

Deve-se, dessa forma, pensar a migração como um processo articulado entre vários elementos, que possibilita os deslocamentos de homens e mulheres, e não apenas como algo que, seja visto apenas pelos meios de atração ou expulsão, dependendo do local de saída ou chegada.<sup>100</sup>

Entre os inúmeros condicionantes da migração, os arranjos familiares também exercem um papel central na organização do processo migratório. Mesmo quando a família não migra conjuntamente, são projetadas as possibilidades para a migração do restante da família. A participação da família nos processos migratórios é ativa e abrangente, apresentando funções diversificadas como recrutamento, intermediação, suporte social na origem e no destino como o provimento de moradia temporária ou definitiva, e provimento dos contatos necessários à alocação profissional.<sup>101</sup>

Assim, vamos encontrar redes sociais que envolvem imigrantes estabelecendo laços profissionais, de amizade, de solidariedade e de interesses diversos. Essas redes auxiliam os chegantes em sua inserção no mercado de trabalho, na convivência social, na propagação de informações sobre o lugar e seus serviços básicos, acomodam os imigrantes em moradias e em outras relações socioespaciais, assim como ocorre com as migrantes terrasantenses que movem esta pesquisa.

## **2.2 Facilidades e dilemas do acolhimento**

No ato de se deslocar para um local desconhecido em busca de algo novo e marcado pela expectativa ou não do que pode ser, a importância dos laços familiares, não

---

<sup>99</sup> BARROS, J. D. *Cidade e história*. Op. cit.

<sup>100</sup> SILVA, P. R. L. *Do espaço lembrado ao espaço vivido*: Op. cit. p. 70.

<sup>101</sup> GOIS, Sarah Campelo Cruz. *As linhas tortas da migração: estado e família nos deslocamentos para a Amazônia (1942-1944)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013, p. 158.

só nesse processo de migração, mas como os demais, é o que possibilita o estabelecimento das jovens que saíram de Terra Santa para a capital Amazonense.

Não se pode esquecer que durante a migração o apoio das redes familiares é muito importante, pois são essas redes que ora viabilizam, ora incentivam-na, e quando esse ponto de apoio já está estabelecido no destino, ter para onde ir ou com quem contar, nos mais diversos aspectos em um lugar desconhecido, torna-se extremamente necessário.

A decisão de partir em busca de estudo, trabalho ou outras possibilidades acontece dentro de uma teia social<sup>102</sup>, que se forma a partir das redes de solidariedade e sociabilidade que se configuram e se (re)inventam durante os deslocamentos. Dessa forma a constituição familiar, se mostrou como o elemento primordial que motivou e movimentou Elba, Heloisa, Adriana, Andreza, Lúcia, Eliçandra, Elza Lira, Elzinete e tantas outras em seus processos migratórios.

Percebemos com isso que, entre nossas colaboradoras, a família, não só norteia a decisão de partir, pois aparece como parte fundamental na tomada de decisão, como também age sob a forma de um elo necessário entre os que vão embora e os que ficam. Ela se configura num importante suporte que minimiza as dificuldades e os contrastes ocasionados pelo deslocamento.

[...] podemos entender esse elo em duas perspectivas de ação: o elo efetivo e o elo afetivo. Por essa perspectiva em que a família se enquadra, não podemos dissociar uma relação da outra, ou seja, não há como separar a efetividade e afetividade imbuídas na trajetória migratória. É necessário perceber a participação familiar como elo efetivo/afetivo uma vez que age como frente de apoio dando condições físicas e emocionais tanto na partida quanto na chegada.<sup>103</sup>

Isso pode ser percebido em todas as falas de nossas jovens migrantes, pois muitas delas ou fizeram a viagem acompanhadas de algum parente como primos, tias, irmãos, ou se encontraram com eles na chegada à cidade, tendo inclusive residido em suas casas. Muitos desses parentes já haviam se estabelecido na capital, tinham casa, emprego e estavam acolhendo e dando suporte aos que chegavam na capital pela primeira vez.

---

<sup>102</sup> Compreendendo uma teia social como conjunto de acontecimentos cotidianos. Sejam eles, de ordem econômica, política e social. Dessa forma, não há como explicitar dentro de uma única área do conhecimento um conceito fechado e definitivo, visto que, a amplitude das ações empreendidas por um ou mais sujeitos no corpo social é de caráter tanto multi quanto interdisciplinar. REIS, Daswanny Araújo dos. *Por um novo cenário: a mulher na política partidária*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Amazonas, 2011.

<sup>103</sup> SILVA, P. R. L. *Do espaço lembrado ao espaço vivido*: Op. cit. p. 70.

Ao configurar algumas das redes sociais de migração que são estabelecidas na capital amazonense, sejam elas no âmbito da família, do trabalho, dos amigos, de universidades, ou até de casamentos, vamos nos deter na discussão das redes existentes nesse espaço urbano, mas não direcionando-as para o estudo das disparidades ou do número de conexões existentes.

Por meio do Quadro 2, sistematizamos as informações sobre as redes migratórias utilizadas pelas adolescentes e jovens que partiram do município de Terra Santa para a capital Amazonense. Maior parte delas viajou sozinha, mas ao chegarem em Manaus já possuíam a rede de apoio, na maioria das vezes, familiar, que deu o suporte desde o processo de buscá-las no porto, à ida para o local onde iriam residir na cidade.

**QUADRO 2**  
**REDES MIGRATÓRIAS DAS JOVENS QUE PARTIRAM DE TERRA SANTA**

<b>MULHERES MIGRANTES DE TERRA SANTA</b>	<b>ANO/IDADE EM QUE MIGROU</b>	<b>COM QUEM MIGROU</b>	<b>COM QUEM MOROU EM MANAUS</b>
<b>Heloisa Helena</b>	1969 – 11 anos	Sozinha	Com a mãe e os irmãos
<b>Lúcia Maria</b>	1971 – 13 anos	Sozinha	Com os tios por parte de pai
<b>Elba Barbosa</b>	1988 – 16 anos	Com os irmãos e primos	Com os irmãos e primos
<b>Elzinete Santos</b>	1990 – 16 anos	Sozinha	Com a irmã
<b>Adriana Barbosa</b>	1994 – 15 anos	Ela e sua prima, que foram levadas por uma tia	Com primos e posteriormente com sua irmã
<b>Eliçandra Guerreiro</b>	1999 – 19 anos	Sozinha	Com namorado que posteriormente se tornou marido
<b>Elza Lira Guerreiro</b>	2000 – 24 anos	Com a irmã e dois primos	Com a irmã e dois primos
<b>Andreza Barbosa</b>	2002 – 22 anos	Sozinha	Com a irmã
<b>Liene Valente</b>	2006 – 14 anos	Com a mãe da tia da amiga da sua mãe	Com a tia da amiga de sua mãe

FONTE: Entrevistas realizadas pela autora, 2018.

Esse processo talvez esteja ligado ao fato de as migrantes partirem ainda muito novas de sua terra natal. Isso faz com que as famílias tenham um cuidado redobrado sobre onde e com quem essas meninas ficam, pois na época em que algumas delas viajaram não tinha a facilidade na comunicação, como telefones celulares ou nem mesmo internet acessíveis, sendo as cartas o meio de saber ou mandar notícias e posteriormente através das ligações em telefones convencionais.

Através dos relatos de nossas colaboradoras, percebemos a diversidade de situações dentro do processo migratório de Terra Santa à Manaus. Nem sempre essas meninas eram bem acolhidas e isso influenciava na forma como viviam e como percebiam

o novo local em que estavam vivendo. Por serem muito jovens havia muitas perguntas que gostariam que tivessem sido respondidas, e para algumas delas, por mais que estivessem com parte da família por perto acabavam estranhando e muitas vezes se sentindo só.

### 2.2.1 *Redes de sociabilidades e solidariedades à chegada*

O estudo sobre as redes sociais com relação às migrações tem crescido muito nos últimos anos. Para tanto, o instrumental da “análise das redes sociais” tem sido usado, particularmente no campo das migrações internacionais, no estudo das estratégias usadas pelos emigrantes brasileiros na sua inserção nos Estados Unidos. Essa referência às redes tem aumentado em função de uma maior consciência sobre a complexidade das formas de inserção econômica e social dos migrantes no interior de diferentes sociedades.<sup>104</sup>

Muitos estudiosos, principalmente os geógrafos se detêm no conceito de redes para compreender certos aspectos da organização dos centros urbanos e da forma como estes se articulam no território. Matos<sup>105</sup> afirma que as redes urbanas, em particular, fornecem importantes subsídios ao estudo das desigualdades regionais no Brasil, já que, o conjunto de suas articulações pode indicar quais são os subespaços dotados de um maior número de conexões, capazes de gerar economias de aglomerações suficientes fortes para atrair fatores de desenvolvimento.

Todas essas redes sociais são estratégias construídas pelas pessoas para potencializar seus trabalhos, desejos, interesses, ações sociais encontradas em distintas sociedades e em tempos históricos<sup>106</sup>. Nosso objeto de estudo permeia diretamente as redes sociais de migração. Dentre elas, um tipo especial em particular, aquelas localizadas na cidade de Manaus, um local de chegada para milhares de pessoas em busca de sobrevivência e oportunidades.

De acordo com Truzzi<sup>107</sup>, compreende-se que os vínculos sociais possam ser valorizados não apenas na sociedade de origem, instruindo a decisão de emigrar, mas

---

<sup>104</sup> DORNELAS, Sidnei Marco. Estratégias de inserção dos migrantes nas cidades e a acolhida institucionalizada. In: *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: Edua, 2010.

<sup>105</sup> MATOS, Ralfo. *Espacialidades em rede: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte: Arte, 2005.

<sup>106</sup> GUERRA, Danyelle Mota Ricardo. *Redes sociais de migração como crítica social às políticas públicas: estudos de casos em fortaleza*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UECE. Fortaleza, 2007.

<sup>107</sup> TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 20, n. 1, 2008, p. 210.

também na sociedade de recepção, após a emigração. Daí o valor estratégico dos vínculos comunitários também no período de integração à nova sociedade.

Enfim, a ideia de “rede” nos lembra as relações mais simples que constituem a humanidade e a sociabilidade dos seres humanos em seu cotidiano, sobretudo no âmbito da família, do trabalho e da sua participação comunitária e associativa. Para os migrantes, são essas relações primárias, que os unem ao seu meio de origem, e aquelas que o ajudam a se inserir na sociedade de recepção, que definem as formas concretas de sua sociabilidade.

Em torno dessas relações desenvolvem-se os rituais e práticas simbólicas e culturais que lhes permitem reelaborar o quadro significativo de suas vidas em meio ao processo migratório. À medida que se firma esse quadro social e significativo, permitindo-lhes integrar-se ao novo meio, os migrantes também vão desenvolvendo e aprimorando sua inserção.<sup>108</sup>

Para Massey<sup>109</sup>, redes migratórias podem ser definidas como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”. Uma outra definição que acentua algumas das funções sociais das redes, é a de que elas funcionam como agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos.<sup>110</sup>

Ao chegarem em Manaus, as mulheres migrantes encontram nas redes sociais – familiares, na vizinhança ou amigos – os principais espaços de solidariedade. São eles que auxiliam no processo de socialização à sociedade urbana. Conforme destaca Dona Elba, ter acesso a esse tipo de rede facilita o trânsito de uma cidade à outra, como no caso dela, de Terra Santa para Manaus. Ao ser questionada sobre como foi sua chegada em Manaus ela destaca:

Tranquila. Meus irmãos, meus primos que já foram também comigo. Que junto comigo foram mais duas primas, pra morar lá. Normal. A gente era ligado né, chegou lá me senti em casa sim, porque a gente era conhecido. Quem foi me buscar no porto foi meu irmão e dois primos, o barco chegava lá de madrugada aí a gente tinha que esperar eles irem buscar.<sup>111</sup>

---

<sup>108</sup> DORNELAS, S. M. Estratégias de inserção dos migrantes nas cidades ... Op. cit., p. 281.

<sup>109</sup> MASSEY, 1988, p. 396 apud TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. Op. cit.

<sup>110</sup> Ibid., p. 203.

<sup>111</sup> Elba Aparecida Almeida Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 15 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

Dona Elza Lira quando resolveu “*se aventurar*” em Manaus nos anos 2000, aos 24 anos, em busca de seu objetivo que era fazer uma faculdade, também viajou com a irmã e mais dois primos. Para ela, ter eles por perto facilitou o processo de chegada e adaptação na capital, em suas palavras foi “muito mais fácil, porque todo mundo era de uma família só”<sup>112</sup>.

A importância da rede familiar foi um dos motivos mais decisivos na ida de muitas mulheres terrasantenses para Manaus. O fato de terem alguém com quem morar que pudesse auxiliá-las sobre o funcionamento da cidade, conseguir um emprego ou até mesmo ajudar em diferentes situações, fazia com que elas se sentissem, em certa medida, acolhidas.

Essa experiência é também vivida por Dona Adriana, que aos 15 anos migrou pra Manaus para concluir seus estudos. Em sua fala ela confessa querer morar em um lugar mais próximo ao município de Terra Santa, visto que ela era muito ligada a sua família, mas na época ela “só tinha parente em Manaus.”. Quem ajudou no suporte, da ida à chegada na capital, foi um primo que morava lá há algum tempo, e não apenas ela, mas também sua prima que a acompanhou durante a viagem.

Quem veio falar com meu pai e minha mãe pra eu ir pra Manaus foi um primo nosso que se disponibilizou de a gente não pagar o aluguel [...] foi pra Manaus porque como ele deu essa oportunidade, a gente não teve oportunidade para outra cidade. Por conta de ter familiar, conhecido, de ter parente. Já estava saindo né no caso, já ia sair daqui de Terra Santa, da cidade que a gente gosta, para ir pra um local que a gente não conhece as pessoas? Se tornou mais fácil pra gente porque ele também é um porto seguro lá, né, parente, a gente se dava bem, a convivência era boa, então tudo isso ajudava pra que a gente tivesse força para ficar.<sup>113</sup>

No que se refere ao processo migratório de Terra Santa para Manaus, isso é bastante recorrente, onde há um ciclo que acaba sendo constantemente atualizado pelos novos migrantes que chegam à capital. Assim como o primo de Dona Adriana assume o papel de mediador e oferece a oportunidade para ela se inserir nesse novo ambiente, ela também o faz com sua irmã anos depois, dando suporte e morando junto com ela, dando continuidade à rede familiar pré-estabelecida na cidade de Manaus.

---

<sup>112</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>113</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada em sua residência, no dia 17 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

Da mesma forma esse processo se repete na trajetória de Dona Eliçandra, quando acolheu suas duas irmãs, também migrantes que moravam em Manaus e passaram por problemas financeiros; com Dona Elzinete, quando se mudou para a capital por intermédio da irmã; e ocorrendo situação semelhante com Dona Heloisa, que em seu relato nos diz que teve a oportunidade de levar várias pessoas e até mesmo parentes para sua casa em Manaus.

Toda essa situação nos dá um panorama de como o processo das redes é importante dentro dos estudos migratórios internos na Amazônia. Essas redes são formadas, reformuladas e mantidas durante um longo período, conforme afirmativa de Boyd apud Truzzi:

A rede associa migrantes a não-migrantes através do tempo e do espaço. Uma vez iniciados, os fluxos migratórios tornam-se auto-alimentados, na medida em que refletem a instauração de laços e de redes de informação, assistência e obrigação que se desenvolvem entre o imigrado na sociedade de destino e amigos e parentes que permaneceram na área de origem.<sup>114</sup>

De acordo com Dornelas, é possível perceber a atuação das redes dos migrantes no sentido de que seus membros possam encontrar colocação no trabalho, permanecer unidos ao grupo de origem, reforçando seus laços familiares, contribuindo social, cultural e economicamente na manutenção desses laços.

[...] é nesse quadro de relações de mútua ajuda e fidelidade que se criam e recriam as estratégias dos migrantes para a sua inserção no espaço urbano. Produzem assim, verdadeiros “territórios” na metrópole que refletem suas formas concretas de identificação, e a partir dos quais procuram se relacionar com outras redes, formais e informais, que estão presentes na cidade.<sup>115</sup>

Isso ocorre, principalmente, através dos encontros nas casas dos parentes ou conterrâneos que se tornavam um fundamental espaço de socialização entre as migrantes terrasantenses em Manaus. Eles eram realizados em suas próprias casas, em espaços como repúblicas de estudantes que eram de Terra Santa, ou em visitas em bairros diferentes do qual moravam. Através dos relatos, percebemos como era que se constituía o espaço em que moravam.

[...] a gente poderia ficar lá onde vários outros primos nosso estavam. Então os quartos eram com beliches cada um tinha o seu espaço, a gente

---

<sup>114</sup> BOYD, 1989, p. 641 apud TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. Op. cit., p. 209.

<sup>115</sup> DORNELAS, S. M. Estratégias de inserção dos migrantes nas cidades ... Op. cit., p. 285.

se familiarizava, se dava muito bem. A casa mais ou menos tinha umas dez pessoas morando, todos eram estudantes, alguns já trabalhavam.<sup>116</sup>

Dona Adriana nos elucida sobre as formas de socialização vivenciadas por ela e por algumas das jovens oriundas do município de Terra Santa. Segundo ela “*a estadia foi ótima*” porque eram uma família. Os que já estavam há mais tempo morando na capital ensinavam às que estavam chegando “*os caminhos, as coisas mais fáceis*”, fazendo com que houvesse a facilidade de adaptação na cidade.

As cidades são complexas, repletas de códigos e dificuldades requerendo de seus habitantes certas habilidades e destrezas que as recém-chegadas necessitavam saber, e as redes sociais de migração vão ajudá-las a adquiri-las. As migrantes ficam fragilizadas, deslocadas e ansiosas com as novidades das práticas sociais e cotidianas. Aqui, também, as redes sociais de migração vão desempenhar o papel de tranquilizá-las e informá-las, dando-lhes a sensação de pertencimento ao grupo social e ao novo lugar.

Mas isso não é algo comum. Dona Elba, por exemplo, também morou em uma casa com uma faixa de 12 pessoas, entre seus irmãos e seus primos. Mas para ela o estranhamento era inevitável, pois mesmo com muitas pessoas ao seu redor ela acabava se sentindo sozinha, por ser muito jovem, queria alguém que a aconselhasse e conversasse, mas não tinha essa oportunidade, somente após a chegada de mais meninas na casa ela se sentiu melhor.

Dona Andreza, chegou na cidade em 2002, e passou a morar em um local alugado, junto com sua irmã Adriana. A adaptação foi bastante difícil também, mesmo em meio aos seus conterrâneos. Segundo ela, o local onde moravam inicialmente, “*tinha 12 apartamentos tipo república*”, onde havia vários estudantes de Terra Santa, dentre eles os seus primos. Nesse ambiente todos se conheciam, mas cada um tinha o seu espaço.

Se a importância das redes sociais estabelecidas pelas migrantes fica evidente no ambiente das casas, elas continuavam decisivas no processo de instalação nos bairros. Conforme relatam, os laços identitários acabavam por unir e em certa medida ajudavam as migrantes no seu processo de constituição dentro da cidade. Fazer amizades com as pessoas da rua, do bairro onde moravam e ter parentes em bairros distintos, fazia com que aumentassem as redes de apoio dentro da cidade.

Como citado no capítulo anterior, Dona Elza Lira, sua irmã e um primo, acabaram recebendo a ajuda de conterrâneos e parentes, e usaram do contato com essas redes para

---

<sup>116</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada em sua residência, no dia 17 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

conseguirem os elementos essenciais que precisavam para viver na capital. Durante sua entrevista, ela revive a alegria em saber que próximo onde moravam, no bairro cidade nova, também havia outros migrantes terrasantenses, muitos deles conhecidos que moravam próximo a sua casa em Terra Santa.

[...] tinha esse pessoal que nos ajudou muito, a vizinhança que era muito gente boa, muito mesmo, era vários paraenses que moravam, então facilitava mais. E numa rua após a nossa morava pessoal, até hoje, do Seu Antônio Cavalcante bem aqui na esquina, eles moram nessa rua, um pessoal dali do seu filho Filizola, da irmã da dona Iolene, mulher do seu Filizola. Então quando a gente descobriu esse pessoal de Terra Santa na outra rua [...] ficou assim parece que a gente tava em Terra Santa, então isso nos ajudou muito, como se tivesse em Terra Santa. E no final de semana os meninos iam pra bola, a bola de Terra Santa que é conhecida e famosa de Manaus e nós íamos pra casa da Euzinoca, então assim final de semana reunia uma turma.<sup>117</sup>

Considerando ainda a migração em si como um fenômeno geográfico que possui implicações territoriais e existenciais, Marandola<sup>118</sup> dispõe que os estudos sobre o tema também corroboram para identificar a construção de novas territorialidades e tessituras na relação com o espaço e o lugar. É necessário compreender que o afastamento geográfico não impede que o migrante tenha o seu lugar de origem como referência, mesmo que sofra a influência de um contexto cultural mais amplo, reorganiza e reestrutura seu grupo familiar nos moldes do lugar onde está. O migrante se sente “do lugar” quando a festa migra com ele. Aqui parece confirmar-se a afirmação de Lévi-Strauss de que “os homens não produzem suas culturas isoladas de todas as outras”<sup>119</sup>.

Esse processo não pode ser considerado exclusivamente pelo econômico, pois tem dimensões culturais, políticas e ideológicas e retrata o vivido de quem o constrói, no caso específico. Esse processo é produzido socialmente, sendo o resultado datado num determinado tempo e lugar.<sup>120</sup>

Percebe-se nestes exemplos uma trajetória similar desenvolvida pelas diferentes redes de migrantes em sua inserção na cidade, que passam pelas estratégias mais informais, em que os laços de fidelidade primária, ligadas à família e ao grupo de origem sustentam as estratégias de busca de moradia, colocação no trabalho e de participação

---

<sup>117</sup> Ibid.

<sup>118</sup> MARANDOLA JR. E. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. In: Anais do Encontro Nacional sobre Migrações. Belo Horizonte, 2009.

<sup>119</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p. 36.

<sup>120</sup> OLIVEIRA, J. A. Gente em movimento. Op. cit.

social e cultural. Com o tempo, os migrantes, passando por um processo de socialização na cidade através dessas redes, começam a se organizar coletivamente de maneira mais formal, reelaborando suas práticas culturais e construindo outros territórios de identificação.<sup>121</sup>

Conforme Truzzi, isso se deve a um processo de migração em cadeia, que facilita a vinda e inserção de novos migrantes na sociedade de destino dos migrantes.

De outro modo, é natural que uma emigração com características circulares acabe deixando residualmente, com o decorrer dos anos, alguns indivíduos estabelecidos no local de destino. Esses pioneiros, sobretudo se bem-sucedidos, podem agir como elementos de atração para que outros eventualmente se estabeleçam, facilitando a fixação de novos ingressantes em caráter permanente. Ao cabo de alguns anos, a emigração outrora circular pode assumir uma característica de cadeia. Migrações em cadeia surgem assim como o modo natural de desenvolvimento de um fluxo migratório para aqueles que não são os pioneiros, os desbravadores de um novo destino.<sup>122</sup>

Ao analisarmos os relatos das mulheres migrantes terrasantenses, percebemos claramente a importância do suporte dado pelos parentes na localidade de destino e como essas redes de parentesco são calcadas em laços fortes em Manaus, muitas delas enraizadas. Evidentemente, facilita-se, assim, a inserção dos novos migrantes na sociedade de destino, pois as redes são responsáveis por proporcionar ao migrante recém-chegado acolhimento, ajuda na conquista de emprego, companheirismo e ajuda em outras necessidades, especialmente em momentos de crise financeira e de outra ordem.

### **2.3 Vivências manauaras: “A gente passou vários momentos de saudade, tristeza, muitos momentos difíceis também, mas nunca sentiu vontade de desistir”**

As experiências de vida e migratórias das mulheres acontecem onde e com quem? E como elas constroem suas relações em seus novos espaços de vivência? Essas perguntas nos ajudam a entender que as experiências migratórias femininas são vivenciadas no espaço da família a partir de lugares, situações e pessoas. É a vivência dessas mulheres dentro desses novos espaços que nos revelam como elas constroem e reconstróem suas vidas nos diferentes âmbitos sociais, e de forma ainda mais complexa quando realizadas durante os períodos da infância, adolescência e juventude.

---

<sup>121</sup> Ibid.

<sup>122</sup> TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. Op. cit., p. 201.

Uma das particularidades do processo migratório de Terra Santa à Manaus, deve-se ao fato de maior parte das mulheres que participaram desse trânsito serem muito jovens, em diferentes décadas, mas com idades entre 11 e 24 anos. Conforme seus relatos, concluir os estudos era o principal objetivo de todas elas e para que pudessem alcançá-lo passaram por todas as situações possíveis.

A partir disso percebemos que a migração estaria mais vinculada à busca de melhor qualificação, aumento da escolaridade e de maiores oportunidades no mercado de trabalho. Tal hipótese ratifica-se por meio dos trabalhos de Baeninger e de Melo, no qual visualiza-se que a migração intraestadual, nas idades entre 15 e 34 anos é composta, em sua maioria, por mulheres, e parte dessa seletividade pode ser explicada pela migração para as áreas metropolitanas, especialmente para suas sedes, onde esse fenômeno é bastante acentuado.<sup>123</sup>

A especificidade da migração feminina do ponto de vista de sua intensidade nas idades mais jovens pode, grosso modo, ser pensada como decorrente de dois aspectos dentro do processo migratório vivenciado pelas terrasantenses. Primeiramente dentro das redes sociais, especificamente as redes familiares, que serão responsáveis pela ida de muitas dessas meninas, para que aproveitem os recursos que a capital oferece. O segundo, e não menos importante aspecto, deve-se ao desejo e vontade dessas jovens em terminar os estudos e vivenciarem certa autonomia no que diz respeito ao curso de suas vidas, o que iam estudar ou em que trabalhariam, são fatores que se aliam às poucas oportunidades que o município de origem oferece.

Percebemos também a diferença na posição social que cada uma das jovens migrantes representa. Para aquelas que tem oportunidades e mais recursos financeiros, a vida na capital é “boa”, “fácil” e de “boa adaptação”. Para aquelas que migram para trabalhar nas casas de famílias - muitas vezes de próprio parentesco - ou para trabalhar, estudar e se manter na capital por conta própria, a vida na cidade grande acaba não sendo um mar de rosas.

Esse é um dos elementos importantes revelado na pesquisa, que é a concepção das migrantes sobre pertencimento à cidade. Considerando que esta pode ser a primeira

---

<sup>123</sup> De acordo com Baeninger, a presença da migração feminina nos núcleos das Regiões Metropolitanas corresponde a mais da metade da migração jovem. Sobre essa afirmação, ver: BAENINGER, R. Juventude e movimentos migratórios no Brasil. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998; MELO, H. P. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v.15, n.1, p.125-132, jan./jun.1998.

experiência de vida urbana de maior amplitude dessas jovens, é possível compreender alguns impactos sofridos no processo de adaptação.

As migrantes, ao longo do percurso migratório, traçam caminhos que vão atribuindo novas significações à experiência vivida. Suas trajetórias nos mostram que a intensidade do êxodo juvenil feminino não se dá apenas por uma suposta atração especialmente favorável que o mercado urbano de trabalho seria capaz de exercer sobre as moças.

Um outro aspecto que merece destaque é o impacto em suas vidas cotidianas, expresso no ponto anterior: muitas vezes chegam e veem-se sozinhas, “sem ter o que fazer” ou “sem ter com quem conversar”. Nos relatos de nossas colaboradoras, elas tentaram descrever o que sentiram neste primeiro momento com expressões como “tristeza” e “saudade”. Além disso, as migrantes terrasantenses encaram um desafio que muitos desconhecem, o passo à frente que são obrigadas a dar muitas vezes gera um amadurecimento precoce, e todo o processo pode ser conflitante para elas.

### *2.3.1 “A gente ajudava nas tarefas da casa”: as migrantes e o trabalho doméstico infanto-juvenil*

Na gramática social das desigualdades em relação às mulheres migrantes brasileiras, além do gênero, fatores como raça e condições socioeconômicas de origem realizam importantes crivos. Assim, mulheres em condições econômicas mais desfavorecidas, por exemplo, costumam ter um acesso mais restrito a educação e a qualificação profissional, de modo que, ao migrar, acabam configurando um enorme contingente de mão-de-obra assistencial. Por outro lado, mulheres mais qualificadas profissionalmente, fazem parte das estatísticas da chamada “fuga de cérebros”, migrando em condições bastante favoráveis e confortáveis.<sup>124</sup>

A trajetória de Dona Lúcia, mostra-nos esse panorama, no qual meninas de famílias com situação econômica desfavorável, que queriam estudar um pouco mais e sair de Terra Santa, tinham que ir para a casa de algum familiar ou conhecido, que residisse na capital, tendo dessa forma que “ajudar” nas obrigações domiciliares.

[...] eu fui para eu ajudar ela a cuidar dos quatro filhos dela e também estudar, e era meio difícil porque pelo fato dela ter 4 filhos sempre eu

---

<sup>124</sup> D’AVILA NETO, Maria Inácia; NAZARETH, Juliana. Redes sociais na experiência migratória de mulheres nordestinas. *Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO: Psicologia social e política da existência: fronteiras e conflitos*. Maceió, 2009.

faltava na minha educação física que era pela parte da manhã, eu estudava a tarde e de manhã eu tinha educação física e pelo fato de eu cuidar dos meninos quase sempre eu não ia fazer [...] uma vez eu fiquei reprovada em educação física por falta, mas não era culpa minha é porque eu não podia ir que minha tia quase que não deixava, por causa dos meninos que eu tinha que cuidar.<sup>125</sup>

O trabalho doméstico constitui as tarefas desempenhadas pelos membros da própria família, que têm por objetivo contribuir para a manutenção da ordem do lar. No caso de crianças e adolescentes, os afazeres domésticos não devem comprometer a frequência e o aproveitamento escolar, nem os momentos de lazer.

Percebemos dessa forma que o trabalho de babá realizado por ela, acabava interferindo no seu processo de aprendizagem, configurando a exploração de trabalho infantil, por parte de seus tios. Para ela, cuidar de seus primos não passava de uma mera ajuda, pois talvez em seu pensamento, por estarem lhe oferecendo um teto e comida, realizar esse serviço era uma forma de compensar os gastos que ela eventualmente estava gerando para eles.

Guidis<sup>126</sup> ao nos dar a definição de trabalho doméstico infantil, sendo aquele realizado por crianças com idade inferior a 16 anos, em casas de família, na forma assalariada ou não, revela-nos que como esse tipo de trabalho ocorre no espaço privado das residências é mais difícil de desvendá-lo em larga escala. Sua realidade é oculta, uma vez que o lar brasileiro é inviolável, de acordo com a lei, dificultando assim a ação dos organismos de inspeção.

Neste contexto,

O trabalho infantil doméstico é considerado como a realização do trabalho alienado prestado por crianças e adolescentes. Além disso, é necessário fazer uma observação quanto à caracterização do espaço do trabalho. Isso porque o trabalho infantil doméstico pode ser caracterizado mesmo quando realizado em âmbito familiar. Essa condição é estabelecida quando crianças e adolescentes assumem responsabilidades relativas ao trabalho doméstico, que são típicas dos adultos, ou seja, suportam responsabilidades para além das suas próprias capacidades e em prejuízo ao seu próprio desenvolvimento. No entanto, é o trabalho doméstico, prestado em casa de terceiros, que se destaca como o principal elemento de exploração do trabalho infantil.<sup>127</sup>

---

<sup>125</sup> Lúcia Maria Guimarães Pereira. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>126</sup> GUIDIS, Aline Oliveira. *Análise da participação do segmento infanto-juvenil no trabalho doméstico não-remunerado – Viçosa/MG*. Viçosa: UFV, 2006.

<sup>127</sup> CUSTÓDIO, A. V. *A exploração do trabalho infantil doméstico no Brasil Contemporâneo: limites e perspectivas para sua erradicação*. 2006, 152 f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006, p. 14.

Conforme sinalizam Faria e Macedo, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), anualmente realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e que representa a principal pesquisa socioeconômica do País, revelou que em 2012 existiam 3.518 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos trabalhando. Destas, 81 mil tinham de 5 a 9 anos, 473 mil, de 10 a 13 anos, cerca de 3 milhões entre 15 e 17 anos. Segundo dados da PNAD/ IBGE, o trabalho infantil doméstico em casa de terceiros atingia 258 mil brasileiros dos 10 aos 17 anos, em 2011. No mundo todo, de acordo com estimativa da Organização Internacional do Trabalho divulgada em 2011, haveria pelo menos 15,5 milhões de crianças e adolescentes no trabalho infantil doméstico.<sup>128</sup>

Desde o momento que chegou na capital, Dona Lúcia passou por alguns momentos difíceis, no que se refere a família que a acolheu. Ela viajou sozinha e quando chegou em Manaus percebeu que não havia ninguém esperando por ela. Relatou ter ficado sozinha com os tripulantes no barco e esperou sem sucesso a chegada de sua tia para buscá-la. Não podia sair dali, pois era apenas uma adolescente que não conhecia a capital e muito menos sabia onde moravam seus tios.

Aí eu fui, cheguei lá no porto a minha tia que tinha essa tia que eu falei que eu fui morar com ela, ela ficou de me apanhar a bordo. Quando eu cheguei lá, a primeira vez que eu tinha ido né, não tinha ninguém me esperando. Aí os passageiros saíram tudinho fiquei só eu lá bordo com os tripulantes.<sup>129</sup>

Consegui ir para a casa deles por meio de uma feliz coincidência, a irmã da sua tia que trabalhava no porto vendendo leite de gado e que trabalhava em uma fazenda do outro lado da cidade a reconheceu e levou ela para a sua casa. Quando chegaram no dia seguinte em Manaus, a tia de Dona Lúcia já estava aguardando-a no porto. Em suas palavras *“foi assim que eu comecei a minha vida lá”*<sup>130</sup>.

Dona Heloisa, também migrou muito nova, aos 11 anos, viajou primeiramente para Belém para concluir os estudos, pois em Terra Santa não poderia e na capital paraense era onde se encontravam as suas primeiras redes familiares.

---

<sup>128</sup> FARIA, Guélmér Júnior Almeida; MACEDO, Luiz Antônio de Matos. Meninas migrantes: a migração infanto-juvenil rural e sua inserção no trabalho doméstico urbano. *Faz ciência*. Volume 15, Número 22, Jul/Dez, 2013.

<sup>129</sup> Lúcia Maria Guimarães Pereira. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>130</sup> Ibid.

[...] os pais, geralmente eles colocavam os filhos na casa de uma família, de um irmão de uma irmã, e nessa a gente ia como uma pessoa assim para ajudar mesmo né a gente não ia só estudar, eu pelo menos quando eu morei em Belém, porque eu queria mesmo estudar e aqui não tinha, então foi uma decisão minha junto com a minha mãe né e eu passei três anos em Belém.<sup>131</sup>

Todavia, esse momento foi marcante em sua trajetória, pois sua estadia na casa de seu tio passou por uma série de explorações e abusos com relação às tarefas desempenhadas por ela.

[...] eu morei em Belém três anos, eu fazia de tudo, eu era a empregada da casa da minha tia. Digamos assim, eu era até a escrava, naquele tempo a minha tia me usava mesmo, eu era dona de casa. Eu tinha 11 anos de idade, mas eu limpava a casa, eu fazia comida, eu fazia o cafuné dela, eu acordava cinco horas da manhã lavava o carro. Então foram 3 anos para mim que... eu nunca fui num círio né, só para tu ter uma ideia, e então minha vida assim nesses três anos foi assim muito com o objetivo mesmo de passar tudo que eu passei para estudar.<sup>132</sup>

Mas para ela ainda hoje a imagem que se tem desse momento não é a de exploração e de trabalho infantil, mas sim um momento positivo e de amadurecimento pessoal, um aprendizado que levou para o restante de sua vida.

[...] esse é um capítulo que eu conto, não achando que eu fui sacrificada, que eu fui usada, que eu fui escravizada, não. Por que nesses momentos pra mim foi um aprendizado, hoje eu sou uma pessoa que modéstia parte eu sei fazer tudo, tudo, entendeu? Eu sou capaz de desempenhar qualquer tarefa, resolver qualquer situação né, mas acho que é porque eu tive esse aprendizado muito cedo né.<sup>133</sup>

Em um segundo momento de sua narrativa, ela destaca que foi para Manaus, aos seus 14 anos, local onde se localizava sua mãe e mais seis irmãos. Ela enfatiza que esse momento “foi muito bom”, que não queria mais morar com seus tios onde a convivência já não era tão boa por conta do trabalho pesado e dos assédios que vinha sofrendo.

Olha pra mim foi bom, porque a minha família já estava lá né, eu fui pra casa da minha mãe, saindo da casa de um tio de uma tia onde pra mim já não estava ficando legal né, então aquele momento pra mim foi... que minha mãe costurava muito para fora então eu fui a pessoa assim certa para chegar lá e ajudar minha mãe, eu comprava os botões dela, ela costurava muito a minha mãe, até vestido de noiva ela fazia. E

---

<sup>131</sup> Heloisa Helena de Souza Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 10 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>132</sup> Ibid.

<sup>133</sup> Ibid.

a essa altura do campeonato meus irmãos todos trabalhavam e eu comecei trabalhar.<sup>134</sup>

Liene também foi uma das jovens que foram para Manaus em busca de seu objetivo maior que era estudar, e em seus primeiros meses na capital teve momentos nada agradáveis. Ela foi morar na casa da tia de uma amiga de sua mãe, que naquele momento precisava de uma babá para cuidar de sua neta. Ela relata o quanto foi difícil e sofrido morar nesse ambiente em que não podia usufruir dos recursos básicos, sendo proibida de fazer ou usar muitas coisas.

Eu não podia nem usar as coisas básicas da casa que eram usar creme dental, essas coisas, então isso pra mim era quase que desumano né, porque na casa da minha mãe eu tinha tudo né, e aí o que me motivava a continuar ali era mesmo o desejo de estudar.  
[...] Na verdade foi 2 pessoas eu e a sobrinha dela pra cuidar da bebê, eu estudava à tarde e a sobrinha dela de manhã [...] sempre puxou mais para a sobrinha dela né, era família.<sup>135</sup>

Nossas colaboradoras afirmam que mesmo recebendo comida e teto vivenciaram situações de discriminação, se sentiam sozinhas e desprotegidas porque, ao não fazer parte daquela família, muitas vezes, não era permitido que utilizassem as coisas básicas da casa, sofrendo por conta das humilhações, assim como relatou Liene. Ela nos revela que o que lhe fez permanecer e aguentar esse tipo de situação, a princípio, foram as palavras que seu pai lhe falou.

Foi bem sofrido para mim né, foi bem difícil. Uma das coisas que me motivaram a ficar foi as palavras do meu pai, foi isso que eu te falei no começo, é que se eu voltasse eu não ia ser daqui mais pra canto nenhum, então eu ficava pensando “não, eu tenho que suportar tudo, eu tenho que aguentar, isso aqui vai passar, e quando chegar lá na frente eu vou eu vou agradecer”, mas as minhas palavras de motivação era do meu pai mesmo, que eu não queria voltar mesmo que eu estivesse passando dificuldade.<sup>136</sup>

Ela morou durante um mês na casa dessa mulher, que a entregou para outra senhora (os motivos para essa ação não são revelados por nossa colaboradora). Segundo ela a partir desse momento foi “tudo um pouco diferente”. Naquele momento, mesmo tendo um trabalho e responsabilidade maior, o fato de ser bem tratada e incentivada tornou a memória sobre esse momento de sua vida marcante.

---

<sup>134</sup> Ibid.

<sup>135</sup> Liene Valente Fonseca Kitsinger. Entrevista realizada na residência de seus pais, em Terra Santa, no dia 13 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>136</sup> Ibid.

[...] na outra casa quando cheguei, cuidava primeiro do cachorro, depois eu cuidei do pai dela, depois já administrava tudo pra ela né, a casa, fazia comida, era uma espécie de secretaria de tudo da casa né [...] ela me ensinou muitas coisas, o que eu sei, onde eu cheguei hoje foi essa mulher que me ensinou. Ela me ensinou mesmo, dizia como eu falar, vai que voce é capaz, corra atrás dos seus objetivos, estude, essa é a melhor herança que voce pode ter são seus estudos. Então eu tenho uma palavra que eu levo comigo hoje conhecendo Jesus é que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”, havia um propósito de Deus de eu ir pra aquele lugar, e eu sou muito grata a ela apesar de hoje ela não estar mais entre nós né, mas eu sou muito grata, o que eu aprendi, o que eu sei, as pessoas que eu conheci no meio em que ela convivia, me valeram até hoje.<sup>137</sup>

Percebe-se dessa forma que o trabalho doméstico infanto-juvenil realizado pelas migrantes, acabou por colocar essas adolescentes em situação de risco social, passíveis dos efeitos perversos deste tipo de serviço, como, a precariedade, instabilidade, exploração, dominação e até mesmo o abuso sexual, e que esse tipo de experiência pode tanto funcionar como impulso na busca de seus objetivos ou pode ser o elemento que incentivará o retorno ou a busca por novas rotas.

### 2.3.2 “*Eu tinha que conciliar tudo, a casa, a faculdade, o trabalho, as crianças*”: *Trajetória e cotidiano das migrantes em Manaus*

A abordagem do tópico anterior referente ao trabalho infantil realizado pelas nossas colaboradoras enquanto migrantes em Manaus, não pode ser generalizado. Como dito anteriormente as condições socioeconômicas definem em grande parte a forma como essas jovens se inserem na vida cotidiana na capital, principalmente nos âmbitos do estudo e do trabalho.

E para que possamos entender as trajetórias dentro dessas duas esferas, precisamos entender as mudanças sociais e políticas da última década do século XX e começo do século XXI, mudanças essas que favoreceram a participação massiva das mulheres no sistema educativo, na incorporação ao trabalho remunerado e em uma crescente participação na política. Tudo isso proporcionou uma transformação das atitudes, trajetórias vitais, formas na busca de identidades próprias e importantes transformações nas relações entre mulheres e homens.

Nas gerações mais jovens de mulheres destaca-se o desejo de individuação e de autonomia pessoal: há uma constante busca da própria identidade; compreensão da

---

<sup>137</sup> Ibid.

educação como base das mudanças acontecidas na esfera pessoal e profissional; valorização do trabalho não só como instrumento para independência econômica, mas como um instrumento de definição da identidade; maior preocupação do que os homens por manter e enriquecer as relações afetivas e pessoais.<sup>138</sup>

A expansão da escolaridade, à qual as brasileiras têm tido cada vez mais acesso, é um dos fatores de maior impacto sobre o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Para as migrantes presentes nesta pesquisa, esse foi um dos maiores motivos de saída de seu local de origem, assim como um dos fatores essenciais na conquista de seus objetivos e de emprego na capital amazonense.

Como já foi apontado anteriormente, a relação entre educação e participação laboral é direta no contingente migratório feminino. As mulheres se preocupam mais com sua formação profissional do que a maioria dos homens, por isso se destacam mais por sua diversidade e processos multifuncionais. Com a elevação dos níveis de escolaridade, as mulheres aumentam as suas conquistas, como maior qualificação, facilitando ainda mais sua entrada no mercado de trabalho.<sup>139</sup>

Ao visualizar a experiência de Dona Adriana, nos damos conta do quanto é importante para as migrantes essa formação intelectual, sendo esse o impulso que move essas jovens durante seu processo de mobilidade social e que é requisitado logo na chegada delas na capital.

Morávamos na Japurá, lá no centro de Manaus, e aí eu fui estudar o segundo grau. Primeiro não tinha vaga, eu queria ir para o colégio de freira, só que eu não consegui vaga no primeiro ano que eu fui, porque nós decidimos tipo assim em cima da hora né, mas tinha que ter um tempo maior para tomar essa decisão. Aí fui pro colégio Ajuricaba fazer o ensino científico que era o preparatório pro vestibular. Aí quando foi pro segundo ano, que nós já estávamos um ano lá em Manaus aí nós conseguimos ir para o Colégio Auxiliadora. Colégio Auxiliadora é um colégio que fica na Praça 14 em Manaus, era próximo da nossa casa, nós íamos a pé pro colégio. E aí foi que a gente conseguiu estudar lá estudava o científico. Aí foi que nós terminamos o científico e aí eu prestei vestibular e eu não passei de primeira, passei só de segunda [...] depois que finalizou o colégio fui para fazer cursinho, aí fomos para o cursinho para poder prestar o vestibular para enfermagem. O vestibular era composto de duas fases, então era dissertativa e era as provas de marcar. Passava na primeira fase, mas ainda tinha a segunda fase. Foi

---

<sup>138</sup> FOLGUERA, 2007 apud VICENTE, Teresa Aracena. *As mulheres e seus tempos: dupla jornada de trabalho, cuidado de si e lazer na promoção da saúde*. Tese de Doutorado da Faculdade de Medicina de São Paulo, 2018.

<sup>139</sup> AZEVEDO, Sérgio G. de; MENEZES, Wilson Ferreira; FERNANDES, Cláudia Monteiro. *Fora de lugar: crianças e adolescentes no mercado de trabalho*. Salvador: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), v. 3, 2000.

aí que a gente lutou, lutei dois anos no cursinho. Não foi fácil, na época era muito concorrido por causa dessas duas fases, que a gente passa lá na primeira quando era na segunda a gente ficava. Aí foi que a gente foi já foi para outros cursinhos, também já foi se aprimorando, já pegou o ritmo, aí foi que nós conseguimos passar, eu consegui passar né, na universidade, aí cursei enfermagem na Unip.<sup>140</sup>

Essa formação permite que as migrantes tenham acesso a muitas oportunidades de trabalho em Manaus. Situação que pode ser vista e exemplificada através da fala de Dona Adriana, quando questionada sobre as oportunidades de emprego que teve.

Na época da faculdade eu sempre fui estagiária da Secretaria de Saúde lá de Manaus, da Secretaria Municipal, da SEMSA. Eu fui estagiária desde a época da Universidade, quando eu me formei eles me contrataram já como profissional. Aí eu tinha dois empregos, eu tinha um na secretaria e um numa clínica de gastro, do Doutor Isaac Tayah, eu trabalhei também como enfermeira lá. Então eu trabalhava de manhã e de tarde lá na secretaria e à noite eu entrava na clínica, entrava às 6:30h e saía 10:30h-11:00h. Era corrido, cansativo, mas deu certo né, Graças a Deus.<sup>141</sup>

Mesmo para as migrantes que possuíam apenas o segundo grau, era visível a conquista delas em várias áreas de atuação no âmbito laboral em Manaus. Essa afirmação pode ser entendida a partir da experiência de Dona Heloisa, quando questionada sobre os lugares onde trabalhou ela nos conta o seguinte:

[...] eu comecei a trabalhar, em 75 eu comecei a trabalhar, foi meu primeiro emprego foi no Oana Publicidade. Eu entrei como recepcionista, telefonista, secretária da diretoria, eu trabalhei 16 anos na Oana, foi meu primeiro emprego e saí de lá como secretária-executiva né dos diretores, meu primeiro emprego, meu primeiro aprendizado [...] aí eu saí da Oana e fui para IBM Brasil que é uma empresa multinacional, e eu gosto muito de trabalhar, sempre gostei, gosto. Então sempre me dediquei muito no meu trabalho sempre me dedicava muito, me dedico até hoje, sou muito pontual eu gosto de fazer as coisas certinhas. E depois que eu saí da IBM, trabalhei 9 anos na IBM, aí eu fui para a Rede Amazônica de televisão, trabalhei 6 anos lá.<sup>142</sup>

Mesmo tendo essas várias oportunidades de emprego, o desejo de iniciar o seu ensino superior era muito grande, mas era dificultado por conta de seu marido na época, que não concordava e não a apoiava na realização de seus objetivos. Ela então iniciou a

---

<sup>140</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada em sua residência, no dia 17 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>141</sup> Ibid.

<sup>142</sup> Ibid.

graduação em administração aos 40 anos de idade, dando continuidade em seu projeto de vida após se divorciar.

Eu comecei a estudar em 2000, eu tinha 40 anos, eu comecei a minha faculdade com 40 anos de idade foi quando eu me divorciei, meu marido não concordava muito que eu trabalhasse né, não queria que eu estudasse, me divorciei fui fazer tudo aquilo né... a gente fica um pouco limitada quando tem família né.<sup>143</sup>

Esse foi considerado o momento de maior dificuldade durante sua trajetória em Manaus. Para ela foi um desafio muito grande criar e educar os filhos de 7, 5 e 3 anos sozinha, já que o seu ex-marido não ajudava nesta tarefa. Durante os 4 anos em que cursou a faculdade não foi fácil conciliar o estudo, as tarefas domésticas, o trabalho e a criação de seus filhos.

A inserção no mercado de trabalho passa a ser movida dessa maneira por um conjunto de situações e tem especificidades em cada história de vida, como sustentar os filhos, ajudar a família, busca por independência, dentre outras situações. A mulher apodera-se de diversos espaços, principalmente da esfera pública, que outrora lhes eram recusados. No entanto, nessas conquistas ainda permeiam desigualdades, visto que mesmo se deslocando para a esfera pública é subjugada a continuar também na esfera privada, acabando por exercer uma dupla jornada de trabalho.

Partindo dessa perspectiva, percebe-se que a conquista da inserção da mulher no trabalho trouxe consigo consequências não tão favoráveis assim tais como a dupla jornada de trabalho, visto que além de trabalhar fora a mulher não foi desresponsabilizada de suas atividades domésticas, e a divisão sexual do trabalho que é também uma construção social e histórica. Se é certo que o capitalismo utiliza uma estratégia de “dividir para reinar”, a configuração dessas divisões é construída socialmente através das relações de classe, de raça, de gênero e das práticas sociais.<sup>144</sup>

Em situação oposta à de Dona Heloisa, com relação ao apoio e ajuda por parte do marido, temos a trajetória de Dona Eliçandra. No caso dela, o seu companheiro foi de total importância no que tange à conquista de seus objetivos. Nas palavras dela, “*ele foi o pilar*” para que hoje ela tenha uma profissão. Em Manaus ela teve a oportunidade de realizar um curso técnico e a faculdade de enfermagem, além de sua pós-graduação.

---

<sup>143</sup> Ibid.

<sup>144</sup> SOUZA LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo; Brasiliense, 1991, p. 170.

Trabalhando como dona de casa e “cuidando do marido”, ela não exerceu qualquer função fora do âmbito domiciliar durante o período que morou na capital.

Mas o processo de dupla jornada, evidenciado por Dona Heloisa, fica explícito na fala de outras mulheres migrantes, mesmo aquelas que não tinham filho, muito menos marido, Dona Elba é uma delas. Ela viajou para Manaus afim de cursar algo na área de saúde, mas teve que a “contragosto” cursar o magistério que era a área a qual não queria estudar em Terra Santa.

Quando morou em Manaus estudava à noite, cursando o ensino médio profissionalizante e fazendo cursinhos pela parte da tarde. Antes de terminar seu estudo, passou a assumir a turma que estava estagiando. Durante esse período houve a mudança e separação dos primos que moravam na casa em que ela residia também. A partir desse momento, com ela sendo a única mulher dentro do lar, a responsabilidade sobre os afazeres domésticos ficou por conta dela.

[...] eu tive que assumir a responsabilidade da casa, tudo era eu, comida, roupa. E na época eu já fazia cursinho, eu tava dando aula de manhã, fazia cursinho à tarde e estudava à noite, e eu tinha que dar conta de tudo isso [...] ficava só eu e mais dois primos, aí quando eu ia para escola de manhã, que eu já dava aula, eu já deixava tudo adiantado, comida, a roupa já tava lavada para eles estenderem e quando eu retornava eu ia ver a comida que eles não sabiam fazer muito bem (risos), já ia limpando que umas 2h, 3h eu tinha que ir para o cursinho, retornar do cursinho, ver o que tinha para fazer pra ir para a aula à noite. Então ficou uma rotina muito pesada para mim, também eu era a única mulher na casa. Eles ajudavam, mas a responsabilidade era minha porque eles não sabiam muito bem os serviços de casa.  
[...] os meninos saíam e a gente ficava, então quando eles chegavam, a roupa deles tinha que estar lavada, tinha que ter comida pronta [...] não era assim de exigir, mas era a gente tinha como nossa obrigação, nós que ficávamos em casa né.<sup>145</sup>

É inegável que essa situação vivida pelas mulheres tem desdobramento em diversos papéis. Quando sobrecarregadas deixam de viver sua vida em prol do “cuidar” dos outros. Tudo isso porque a ideologia de família se constitui no papel privado de mulher. Por não resultar em mercadoria, o trabalho ou o serviço doméstico desenvolvido em favor do próprio grupo familiar é entendido como uma forma de respeito, reciprocidade e obediência, portanto, pouco valorizado, mesmo quando isso contribui para liberar alguns membros da família para outras atividades remuneradas.

---

<sup>145</sup> Elba Aparecida Almeida Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 15 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

A divisão entre o masculino e o feminino organizou-se, segundo Bourdieu, em torno da oposição entre o interior e o exterior, ou seja, entre a casa, com a educação das crianças, e o mundo do trabalho, “[...] com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a fronteira deslocou-se sem se anular, pois que setores protegidos se constituíram no interior do mundo do trabalho”<sup>146</sup>. Para o autor, a dominação masculina estende-se aos próprios corpos humanos que são adestrados por meio de práticas e rituais coletivos que produzem corpos sexuados e sexuantes, cuja identidade social é baseada nesse mundo simbolicamente construído.

Nas famílias em que as mulheres cônjuges têm filhos dependentes e têm parentes no mesmo domicílio, a jornada de trabalho remunerado aumenta em uma hora em relação àquelas que não possuem este apoio. Um dado importante trazido pela pesquisa de Sorj é o qual diz que:

[...] as mulheres que se sobressaem no mercado de trabalho, ou seja, que conseguem obter um nível de renda mais alto e se inserir em empregos melhores (quase 60% delas são empregadas com carteira de trabalho assinada, funcionárias públicas ou empregadoras), estão sozinhas. Não formaram ainda uma família, ou já formaram uma família e agora estão sozinhas, separadas e com filhos já adultos que vivem em outros domicílios, constituindo, possivelmente uma outra família.<sup>147</sup>

Para as migrantes que moram sozinhas ou com outras mulheres, a jornada diária na capital, mesmo sendo “muito corrida”, não gerava sobrecarga com o trabalho doméstico. Na fala de algumas delas, o cansaço se dava mais pela rotina de conciliação entre estudo e trabalho. Como no caso de Dona Elza Lira, que ao chegar na capital conseguiu um emprego no Pólo Industrial de Manaus, mas teve que conciliar este trabalho com seus estudos.

[...] não é fácil né, morar na casa dos outros, trabalhar o dia inteiro para a noite fazer faculdade. Eu trabalhava assim, entrava no distrito às 2:30h para trabalhar, às 2:30h da tarde, saía do distrito 10:30h pra chegar em casa meia-noite, porque a rota vai distribuindo né, aí chegava meia-noite ia dormir duas horas, seis horas eu me acordava e me arrumava pra ir para faculdade, estudava de manhã, para mim era melhor estudar de manhã, do que sair do trabalho e ir fazer faculdade à noite. [...] A dificuldade que nós tivemos mesmo foi de enfrentar a distância, tipo assim, de se locomover de casa para o trabalho. Era longe, da Cidade Nova a gente pegava um ônibus para o terminal, do

---

<sup>146</sup> BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 156.

<sup>147</sup> SORJ, Bila. *Trabalho e responsabilidades familiares: Um estudo sobre o Brasil*. Relatório final. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004, p. 27.

terminal três para o terminal um, que era o da Constantino, e de lá eu ia para o terminal da cachoeirinha pra ir para o meu trabalho, então assim era muito cansativo, era muito distante, então isso era um pouco agonizante.<sup>148</sup>

Mesmo não sendo o motivo que se destaca como atrativo direto das migrantes terrasantenses, a Zona Franca de Manaus ofereceu para algumas delas portas de emprego ao chegarem na capital amazonense. Dona Andreza também passou a trabalhar no distrito em dois momentos diferentes, intercalado entre estágios, até concluir sua faculdade de pedagogia e conseguir certa estabilidade na cidade.

Primeiramente eu já queria trabalhar, aí eu encarei o distrito, aí eu era assistente administrativo no distrito. Depois, logo quando eu cheguei né passou um ano e aí eu fui pro distrito, e logo depois na faculdade eu já consegui um estágio, eu estagiava numa escola, depois terminou o estágio, mas já era remunerado que a gente conseguiu aí eu fiz estagiar na Dagmar Feitosa que era daqueles pequenos infratores [...] aí eu fiquei também lá por um mês, porque eu não aguentei, era muita pressão mesmo, eles não respeitavam, aí depois eu voltei para escola. Eu concluí a faculdade, depois eu voltei novamente para o distrito, de novo, pra uma transportadora e aí consegui passar no processo seletivo e eu fui professora, já passei a ser professora mesmo, trabalhava numa escola de educação infantil municipal.<sup>149</sup>

Dona Andreza foi uma das migrantes que tiveram acesso às várias oportunidades que a capital oferece, assim como outras citadas nesta pesquisa. Mas nem todas elas tiveram o privilégio de realizar em Manaus o objetivo que desenharam ao sair de Terra Santa. Dona Lúcia, por exemplo não conseguiu concluir seu ensino fundamental, pois parou de estudar por conta de sua gravidez. Devido a isso, sua tia lhe disse que ela não poderia mais morar com eles, tendo ela que morar com o pai de seu filho, interrompendo seus estudos, conseqüentemente não podendo conseguir um emprego na capital, já que por fatores que aconteceriam dali para frente ela decidiria voltar para seu lugar de origem.

Dona Elzinete, também foi outra migrante que não teve seu sonho realizado. Ao passar por situações que não estava acostumada, como ter que morar em uma casa muito menor do que a que morava com sua família em Terra Santa, ter que se responsabilizar pelo cuidado dos sobrinhos e ver as brigas entre sua irmã e seu cunhado, decidiu parar de estudar, para que dessa forma conseguisse voltar para casa. Ao ter suas expectativas

---

<sup>148</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>149</sup> Andreza Costa Barbosa. Entrevista realizada na escola municipal São Sebastião, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

frustradas ela decidiu que não permaneceria mais na capital, mas teve que ficar ainda por um período, já que sua irmã não queria que ela voltasse.

Dessa maneira, percebemos através da trajetória dessas mulheres, que migraram ainda jovens, que independente da época em que migraram, suas histórias se cruzam mas ao mesmo tempo se diferem, levando-nos a entender que as dinâmicas migratórias são particulares de cada pessoa e devem ser compreendidas em suas especificidades, pois os padrões migratórios diferem quanto às relações espaciais, pessoais, estrutura etária e nível de educação e renda, tanto no seu local de origem, quanto no de destino.

Porém, algo que não passa despercebido em seus relatos é a percepção da família como eixo central na vida de cada uma dessas mulheres, seja como ponto de apoio dentro de Manaus ou fora dela, fosse abrigando essas jovens na capital ou mesmo mandando suprimentos em formas de encomendas com produtos regionais para que elas conseguissem se sentir mais perto de casa, da família, do seu lar. Estar conectado com o ambiente de origem era importante para muitas delas, por isso estar perto dos parentes, amigos e conterrâneos era uma forma de amenizar a saudade, sendo esse o momento de maior lazer dentro da cidade de Manaus.

Todo final de semana ninguém saía assim, só para os estudos, trabalho e visitar a família. A gente ia visitar os parentes, ia na casa das pessoas [...] tinha meus tios em outros bairros né, Santo Agostinho, a minha prima morava no Nova Cidade, então a gente às vezes tirava o final de semana para visitar, para se encontrar. Uns da Cidade Nova, aí eles convidaram a gente nós íamos, mesmo a gente morando na Praça 14, mas nós íamos [...] a gente visitava as pessoas, os conterrâneos daqui de Terra Santa, e nós tínhamos um bom relacionamento no Eldorado, na casa de um primo nosso.<sup>150</sup>

Observamos de forma explícita, através do relato de Dona Adriana, a perspectiva de redes familiares evidenciando as relações sociais das migrantes terrassantenses dentro de Manaus. Sayad, nos mostra que tal questão necessariamente pressupõe vários modos de relações – com o tempo (de ontem e do futuro), com a terra (a natal e a nova) e com “o grupo: aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou e ao qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar”<sup>151</sup>.

---

<sup>150</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada em sua residência, no dia 17 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>151</sup> SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”. *Travessia: Revista do Migrante*, ano XIII (número especial), 2000, p. 12.

A expectativa individual de cada uma das mulheres presentes na pesquisa soma-se as realidades experimentadas e ganham diferentes pesos nas narrativas, mostrando-nos que a iniciativa e coragem para ficar perpassam a conquista financeira e recaem sobre a necessidade de convivência com a cultura da qual se faz parte. Contudo, dentro de suas trajetórias, verificamos que se destacam os imprevistos que escaparam ao planejamento da vida, como a saudade de casa, a gravidez indesejada, a violência urbana e uma série de outros fatores que no processo de migração irão definir se elas retornam para sua terra natal ou não.

### CAPÍTULO 3:

#### RETORNAR:

---

#### *“EU QUERIA VOLTAR PARA MINHA TERRA”*<sup>152</sup>

Todos somos movidos pelo desejo de realizar o novo, e para isso precisamos encarar vários desafios, sendo o primeiro deles sair da zona de conforto e passar por diversas mudanças. Para as colaboradoras desta pesquisa, sair de sua zona de conforto implicava literalmente sair do conforto de suas vidas, de suas famílias, de suas casas, amigos, e deixar em sua cidade natal muitos momentos e construir novos caminhos.

Sair de Terra Santa, para elas, se baseou em uma escolha, seja para estudar, trabalhar ou constituir suas próprias famílias. Neste sentido, elas foram protagonistas de suas histórias quando decidiram ter uma vida melhor, mesmo que isso implicasse viver longe, em um local novo e sem ter a certeza do que aconteceria dali em diante.

A coragem impulsionou seus desejos, a união e laços familiares ajudaram-nas a encontrar o caminho que naquele momento era possível seguir. A cidade grande trouxe muitas perspectivas para elas, mas muitas frustrações que, por hora, interromperam o curso de suas vidas e trouxeram muitos questionamentos sobre o futuro, que refletiram em tudo que foi decidido por essas mulheres, que no momento de suas decisões eram ainda apenas jovens ou, na maioria dos casos, mulheres com decisões firmes e objetivos pré-estabelecidos.

Falamos aqui de algo extremamente complexo, o processo migratório, mesmo que em suas diferentes versões. Por ser baseado pelas escolhas e experiências dos próprios sujeitos que participam de sua construção, ele sofre uma série de mudanças que estão diretamente ligadas à vivências deles, sendo assim, não temos um denominador comum que leve a uma decisão por determinados motivos, mas são várias as situações que fazem com que essa decisão de ficar ou voltar seja extremamente maleável e indefinida.

Mesmo que indefinido, esse processo do retorno à terra de origem é o que permeia o pensamento da maioria das migrantes de Terra Santa, visto que a saída delas da cidade é realizada pelo mesmo fator, concluir os estudos e se qualificar profissionalmente. Muitas delas concretizam estes planos, enquanto outras vão adiando o retorno e dando um caráter de maior permanência à sua migração. Nesse sentido, o tempo de permanência

---

<sup>152</sup> Heloisa Helena de Souza Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 10 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

na cidade de destino é o que será definido por elas, visto que as circunstâncias da vida que escapam à sua escolha é que adiará ou não a decisão dessas mulheres de voltar

De acordo com Sayad<sup>153</sup>, é o retorno que dá sentido ao processo da migração, sendo ele fator fundamental na condição de migrar, ou seja:

Os sistemas empíricos de migração podem ser representados por modelos de redes sociais justamente porque existe a condição do “retorno”. De um lado, tal condição *essencializa* o fenômeno migratório, imputando-lhe uma causa fundamental singular, isto é, a idéia original para todo migrante de que seu projeto de deslocamento só encontra sentido se o ciclo vital da migração se fecha no retorno à terra natal – um princípio simbólico que inscreve a circularidade nas migrações.<sup>154</sup>

Na perspectiva de Sayad a ideia de retorno está presente na maioria dos projetos migratórios. Ela indica que, mesmo a curto ou longo prazo, um dia retornarão para seu ponto de partida ou local de origem. E mesmo existindo este princípio simbólico do retorno, esse processo também se exerce formalmente, por meio da estrutura que constitui o sistema de migração. Assim, conforme Fazito “[...] observamos a estruturação de fluxos e pólos de origem e destino como num circuito integrado, ou seja, operado mediante padrões relacionais das redes sociais – e, em contrapartida à essencialização, o retorno também dinamiza o processo migratório”<sup>155</sup>.

Quando trabalhamos no capítulo anterior a importância das redes sociais e, principalmente, familiares, atentamos ao fato de que as jovens migrantes só realizaram as viagens por conta desse suporte que teriam em Manaus, caso contrário, não haveria a possibilidade de saírem para estudar. Sendo assim, não podemos somente encaixar nossas migrantes em um critério fixo de deslocamento, mas tentar entender e compreender as motivações pessoais que irão criar um vínculo com a Capital, ou irão encaminhá-las para sua cidade de origem.

Esse retorno pode estar vinculado a inúmeras condições, como a dificuldade de emprego para se manter, um salário baixo, que impossibilita que elas se fixem em Manaus, a violência urbana, a baixa qualidade de vida, uma gravidez indesejada, a não adaptação na cidade.

---

<sup>153</sup> SAYAD, A. “O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante”. Op. cit., p. 7-32.

<sup>154</sup> SAYAD, 2000 apud FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 25 n° 72 fevereiro/2010, p. 89.

<sup>155</sup> Ibid.

Portanto, no retorno à sua cidade de origem, além de determinantes econômicos, estão presentes outros elementos, como a necessidade de voltar às raízes para reencontrar com sua identidade, sua família e os amigos. Aliás, as dimensões emocional, afetiva e familiar interagem com a dimensão econômica na tomada de decisão de retornar, constituindo um elemento muitas vezes central no processo de retorno.

Apesar de o retorno ser constitutivo do projeto migratório pode-se afirmar que está diretamente relacionado com as condições de vida no destino, e é nesse sentido que a dimensão econômica entra em cena, pois essa questão perpassa pelo contexto e a interação das jovens migrantes com as várias possibilidades que se apresentam para elas durante o período da migração e o capital social de cada migrante que, como percebemos nessa pesquisa, se dá de modo bastante diferenciado, tanto no momento de partida quanto na estadia no local de destino.

A identidade dessas migrantes está relacionada a alguns fatores que tornam difícil uma generalização, como o momento socioeconômico em que ocorreu a migração, o lugar de chegada, o tempo em que ficou fora do lugar de origem, a idade delas, a composição ou não de laços familiares e amizades no lugar de chegada, enfim, uma série de pequenas coisas que somadas irão definir cada uma dessas trajetórias.

Pautamos então nossa pesquisa, sobre o processo de migração feminina, em uma significativa dose de individualidade, ou de sua rede, pois entendemos que é a partir das múltiplas experiências territoriais de cada uma dessas migrantes que podemos compreender os porquês de suas decisões, ou pelo menos tentar, já que seria um grande equívoco tentar agrupá-las levando em conta apenas um fator.

O fato é que mesmo após muitos anos morando e trabalhando em Manaus, a maioria dessas mulheres resolvem voltar a morar na cidade de Terra Santa. Quais os motivos que trazem estas mulheres de volta a cidade de origem depois de anos residindo e trabalhando na cidade de Manaus? Será que encontraram melhores condições de vida em Terra Santa? O que esse retorno significa para essas mulheres, uma melhoria econômica ou uma melhor qualidade de vida?

Pode-se dizer que, é a decisão delas de ficar ou voltar que permite dar um significado a esse processo que mergulha em um ciclo interminável, e que conta principalmente com as redes familiares que apoiam e constituem um sentido único no que se refere à migração feminina nos confins da Amazônia.

### **3.1 “A circunstância levou que eu voltasse, eu voltei e hoje tô feliz!”: Ficar, retornar, um dilema real?**

O processo migratório em si não é somente uma questão de trânsito, mas de transição social, envolvendo não apenas um indivíduo, mas todo um conjunto social de relações que são fragmentadas e é muito mais complexo do que um simples deslocamento físico, como nessa pesquisa, por exemplo, na qual são envolvidos os laços familiares que podem ser fortalecidos durante este processo.

Os motivos para o retorno variam muito, e vão desde fatores que independem das escolhas dessas migrantes, como a falta de emprego, a violência urbana, ou uma gravidez, por exemplo. Mas podem ocorrer também por fatores internos, como a saudade de casa, da cidade e de viver ao lado de suas famílias. Esses fatores, muitas vezes, podem estar relacionados e conectados, e dependendo disso esse retorno pode ser feito de forma imediata ou não.

Apesar de Manaus ter uma possibilidade enorme em relação a cursos, formações e empregos, na maioria dos casos, é na cidade de onde saíram que são oferecidas novas chances em muitos momentos críticos, onde era necessário fazer uma escolha. A maioria delas, já qualificadas profissionalmente, encontraram a chance de poder retribuir e atribuir sentido a um retorno que não estava “tão” planejado assim.

Essa situação se torna bastante complexa, uma vez que durante a migração temporária as migrantes vivenciam um processo de dessocialização e logo em seguida de ressocialização na cidade de onde saíram. Isso gera novas configurações sociais não apenas no local de origem, mas no local de destino que é buscado, gerando uma gama de possibilidades para elas, o que pode, em alguns casos, afetar diretamente em suas decisões.

Não podemos perder de vista, nesse sentido, duas abordagens importantes: primeiro, do que foi destacado no primeiro capítulo, sobre os possíveis motivos da saída de Terra Santa, e em segundo, destacar como nossas colaboradoras vivenciaram esse retorno, destacando quais as mudanças ocasionadas após essa decisão.

As motivações do retorno não podem ser trabalhadas de forma simplista, visto que elas podem partir de diferentes situações e perspectivas vivenciadas pelas migrantes, e há uma diferença significativa nesse caso, pois há aquelas que delimitaram já em sua saída que iriam retornar, por outro lado, teremos as migrantes que serão “forçadas” a retornar. E para que possamos compreender qual o tipo de partida vivenciada por elas, precisamos

conhecer suas motivações, saber o que cada uma delas estava vivenciando dentro da capital, e como essa experiência vai afetar sua decisão.

Como já visto, nossas colaboradoras viveram experiências completamente distintas. Sabemos que a maioria delas migrou muito jovem, com o objetivo principal de estudar, mas nem todas conseguiram alcançar seu objetivo. Dona Lúcia, a qual vimos parte de sua trajetória, foi uma delas. Ela migrou com apenas 13 anos e ficou responsável por cuidar dos 4 filhos da mulher do seu tio, tendo que conciliar isso com seu estudo.

Ela relata que estudou até a oitava série do ensino fundamental, mas não conseguiu concluir, pois engravidou e devido a isso parou de estudar. Por esse motivo teve que sair da casa dos tios e passou a morar com o rapaz que a engravidou, na casa dos pais dele, “[...] só que ele era um homem muito mulherengo, ele se envolveu com mulheres da rua, tanto que eu tive meu filho e quando tava com 3 anos eu me separei dele, porque ele engravidou a prima dele que mora na casa junto comigo”<sup>156</sup>.

De acordo com Dona Lúcia, esse foi o principal motivo que a fez tomar a decisão de voltar para Terra Santa, depois de sete anos morando em Manaus, aos 20 anos de idade. Esse retorno para ela não era algo previsto, mas ela se sentia muito humilhada depois que descobriu a gravidez da prima de seu namorado. Conforme ela relata, seu “*sonho era estudar e trabalhar*”, mas como não pensou melhor, se envolveu e engravidou, e depois que descobriu que seu namorado “*aprontava essas coisas*” foi que se separou dele e quis ir embora, porque não tinha como ficar morando com ele, muito menos na mesma cidade.

Para esse momento do retorno contou com o apoio de seu sogro, mas em uma medida para ficar com seu filho acabou tomando uma atitude um pouco ousada. Ela levou a criança para Terra Santa e avisou que não voltaria mais, mas o pai da criança resolveu ir atrás dela e fizeram um acordo para que ambos pudessem acompanhar a vida do filho, mas ele não cumpriu com sua palavra e seus pais acabaram levando a criança para morar em Brasília, tirando-a dos braços da mãe.

Eu tive o apoio do meu próprio sogro, que era o pai do homem que eu tinha o filho, ele me apoiou de eu voltar. Só que eu enganei eles, eu disse que eu vinha e voltava, porque o velho e a velha gostavam muito da criança, só que eu disse para eles que eu voltava, mas quando eu vim eu já sabia que pra lá eu não voltava mais. Aí eu vim, trouxe meu filho e aí quando eu já estava aqui que eu tomei a decisão mesmo definitivo, aí eu liguei pra eles, liguei não, que na época a gente não ligava a gente só escrevia carta, mandava carta. Aí eu mandei a carta, dizendo para ele

---

<sup>156</sup> Lúcia Maria Guimarães Pereira. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

que era para ele me esquecer que pra lá eu não voltava mais. Sabe o que ele fez? Ele veio atrás de mim pra querer que eu voltasse com ele, eu não voltei, aí ele fez um acordo comigo, levava o menino de volta para lá, porque o os pais dele estavam sofrendo muito por causa do garoto, que eles conviviam conosco né, os pais dele, aí ele levou o menino e nós fizemos um acordo assim: quando fosse todo mês de julho eu pegava o menino pra ficar comigo, e aí quando terminasse as férias de julho ele ficava com menino, aí todo mês de julho eu pegava também. Só que ele não cumpriu com a palavra dele, assim que ele pegou o menino eles se mudaram pra Brasília, ele veio de lá quando ele já tinha 8 anos.<sup>157</sup>

Esse período em que ficou separada de seu filho foi de muito sofrimento para ela, e nesses 8 anos a única notícia que tinha da criança era por meio de cartas, nas quais sua ex-sogra dizia que não iriam demorar em Brasília.

Eu sofri muito, sofri muito porque não foi o acordo que ele fez, o acordo ele não cumpriu, aí eu sofri muito com a falta do meu filho. A ausência dele eu sofri demais, muito, muito mesmo. A mãe dele mandava notícia pra mim todo tempo, ela escrevia, aí chegava carta pelo correio. Ela mandava foto dele, contando que ele tava bem e que eles iam ficar só por um período lá em Brasília, mas depois eles iam voltar pra Manaus. E também, o menino, ele não foi pra Brasília, só os pais dele que foram e levaram o menino, ele ficou em Manaus porque ele trabalhava, ficou aí, depois ele se casou com uma menina, mas aí ele não foi. Depois que meu filho voltou, ele veio passar dois meses aqui comigo. E aí o meu relacionamento nunca perdi com ele, tanto que ele só chama de mãe pra mim, ele não chama pra mais ninguém. A vó dele que criou ele, ele chama de avó para ela, e até hoje a gente tem um bom relacionamento.<sup>158</sup>

Além do “apoio” dos ex-sogros para retornar, ela recebeu o apoio da família também, “minha família me acolheu bem, aí também logo que eu vim para cá não demorou me envolvi com outro homem, que é o pai dos meus dois filhos, aí eu fiquei com ele, ele era mais velho do que eu 21 anos”<sup>159</sup>. A partir desse retorno é que Dona Lúcia passou a organizar sua vida, nesse momento em sua cidade de origem, onde ela continuou na busca pelo seu sonho de concluir seus estudos, mesmo que tivesse que encarar alguns empecilhos pela frente.

Até então, quando eu comecei a viver com esse outro marido que eu tive, ele não deixava eu estudar, porque ele era muito ciumento. Pelo fato dele ser muito mais velho do que eu ele tinha ciúme de mim, até de botar minha cara na janela. Eu tinha vontade de estudar, mas ele não deixava. Eu só vim continuar meus estudos depois que eu me separei dele, que aí eu fiz o supletivo, que é de quinta à oitava série, na época,

---

<sup>157</sup> Ibid.

<sup>158</sup> Ibid.

<sup>159</sup> Ibid.

depois eu fiz o modular, que era o ensino médio agora né, e aí foi assim que eu estudei. E depois eu vim fazer a faculdade, depois de eu já trabalhar e já ter uma certa idade, fiz de pedagogia. Eu sempre tive a vontade de estudar e de ser professora, a minha profissão, eu desde criança eu escolhi ela. Quando eu era criança eu brincava de ser professora, como eu não tinha giz, e as primeiras casas eram taipadas né, aí eu escrevia com carvão na parede que dava pra escrever e eu sempre pensava que um dia ia ser professora. Segui a carreira que eu sonhava, e até hoje eu estou na ativa, ainda não tô aposentada, já tenho 60 anos, mas eu não tenho meu tempo de contribuição, ainda falta quatro anos, porque pelo fato de eu viver com esse homem que ele tinha ciúme de mim, ele não deixava eu estudar e nem trabalhar, porque na época o cunhado dele era prefeito e queria arrumar um contrato para mim pelo Estado, e ele não permitiu, e como eu não era esclarecida tudo que ele queria eu fazia, eu era submissa a ele.<sup>160</sup>

Quando questionada sobre o período em que viveu em Manaus ela afirma que pelo fato de ser muito nova, não ter suporte emocional e esclarecimento sobre muitas coisas, acabou não aproveitando melhor a oportunidade que se apresentou para ela naquele momento. O sentimento era de querer ficar e realizar seus sonhos estando na capital, mas não foi possível por conta dos acontecimentos que se sucederam em sua vida.

Olha, esse tempo que eu passei lá em Manaus foi um período bom, eu é que era muito nova e não pensava bem, porque eu tinha mais chance se eu tivesse pensado melhor, eu tinha condição de ter estudado e depois eu podia até trabalhar, mas só que eu não pensava assim. Era um período que eu devia ter aproveitado da minha vida e eu não soube aproveitar, por falta talvez de esclarecimento, que na época não esclareciam as coisas pra gente, né. Aí eu enfrentei muitas dificuldades [...] talvez eu tivesse tido uma vida bem melhor né, porque faltou assim, nunca ninguém me explicou certas coisas que eu precisava né, eu acho que faltou mais assim, como que eu posso dizer, mais conselho né. Assim, a minha tia ela não aconselhava, ela só fazia dizer assim “olha vocês têm que ter cuidado”, mas não dizia com detalhe que uma gravidez ia dar problema, que ia acabar mais com as minhas coisas e eu não ia aproveitar mais a minha vida, essas coisas ela nunca falou, e eu era muito nova, muito nova.<sup>161</sup>

Dona Elzinete, compartilha em partes o mesmo pensamento que Dona Lúcia. Ela migrou para Manaus para morar com sua irmã, e sendo muito nova acabou tendo algumas atitudes que ao seu ver não deveriam ter sido tomadas naquele momento. “Eu tinha vontade de conhecer Manaus principalmente que todo mundo falava e como minha irmã

---

<sup>160</sup> Ibid.

<sup>161</sup> Ibid.

já morava lá surgiu a oportunidade de ir pra lá”<sup>162</sup>, e foi por conta disso que migrou aos 16 anos para a capital amazonense, em 1990.

No momento foi bom, foi alegre, era o que eu queria muito. Pra mim foi divertido, era a primeira vez que eu estava viajando, e eu fui sozinha, ainda era aqueles barcos pequenos que tinha, né. E pra mim foi maravilhoso, porque eu queria sair daqui, eu queria conhecer outros lugares. A mamãe na época ficou meio triste né, porque preocupação de eu nunca realmente ter saído, como é que eu ia sair de perto, sabe como é, coisa de mãe, principalmente de antigamente, mas pra mim era tudo que eu queria, eu fui feliz da vida.<sup>163</sup>

Essa alegria da viagem e a expectativa de como seria sua vida na capital logo deram lugar às primeiras impressões ao chegar em Manaus. Seu cunhado foi buscá-la e levou-a para onde seria seu novo lar, no bairro Cachoeirinha.

Lá era uma casa simples, ela morava de aluguel na época. Era uma casa simples, completamente diferente da nossa que era simples, mas pra nós era muito bom, era grande o espaço né, mas lá como já era uma casa pequena, aqueles quartos pequenos né, pra morar eu, o marido dela e os filhinhos dela que ela já tinha, já tinha 2 filhos, mas era bom. Não era o que a gente estava acostumado, mas era diferente do que eu estava acostumado a viver aqui, casa mesmo, casa grande, e ir pra lá morar em um quartozinho, num cômodo pequeno.<sup>164</sup>

Seu primeiro plano era conhecer a capital e concluir seus estudos, mas uma situação lhe incomodou e a fez sentir vontade de retornar. Ela ficou responsável por cuidar dos seus sobrinhos, pois sua irmã e cunhado saíam para trabalhar, mas esse não foi o motivo principal e sim as constantes brigas entre os dois.

Eu fui pra morar com ela, mas pra estudar. Eu cheguei lá pra estudar, falhou agora o nome da escola, Carvalho Leal, lá mesmo na Cachoeirinha, mas cheguei a estudar só uns 6 a 7 meses eu acho, deu vontade de voltar, porque eu via meu cunhado brigar com a minha irmã e eu não tava acostumada, não era o que a gente estava acostumado a viver assim, e assim ele brigava muito com ela eu me sentia mal e decidi que queria voltar. E por causa disso eu parei de estudar, mas achando que se eu parasse de estudar minha irmã ia me mandar logo de volta e não aconteceu isso, porque ela não queria, ela ficava falando pra mim voltar a estudar, ficar, e com tudo isso eu fui ficando, mas sem estudar e acabei ficando lá por um período de 1 ano, 1 ano e meio por aí.<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> Elzinete Santos Souza. Entrevista realizada na escola onde trabalha, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>163</sup> Ibid.

<sup>164</sup> Ibid.

<sup>165</sup> Ibid.

Essa situação vivenciada por Dona Elzinete a fez repensar sobre os rumos que seguiria a partir daquele momento, pois as expectativas criadas por ela foram colocadas abaixo por conta de tudo que presenciou desde sua chegada na capital. Parar seus estudos foi uma medida desesperada e pensada como uma forma de conseguir voltar para Terra Santa, visto que mesmo saindo do município por conta de um desejo e curiosidade, ela também queria estudar e se qualificar.

Eu tinha um pensamento de ficar, pra mim na época eu pensava em ir, estudar, trabalhar e como eu via as outras pessoas que iam daqui fazer isso no meu pensamento eu fui com esse objetivo, mas não foi muito do jeito que eu que eu planejei, talvez por culpa minha, não sei, mas não foi do jeito que eu planejei, que eu pensava em chegar lá na época, não ficar direto lá com a minha irmã, mas arrumar um trabalho de alguma coisa mesmo que fosse pra cuidar de criança, em outra casa, mas a minha vontade era ir trabalhar. Talvez isso não fez com que eu ficasse mais tempo lá, então a minha vontade sempre foi ir pra trabalhar e conseguir minhas coisas, aí como não deu muito certo tive que voltar pra Terra Santa.<sup>166</sup>

Em seu relato ela revela seu descontentamento em relação ao que aconteceu, de acordo com ela o fato de ser muito nova quando decidiu migrar a fez tomar decisões precipitadas. Um outro fator destacado por ela é justamente a saudade de casa, da família e do seu conforto, mesmo que tenha ido morar com sua irmã. As expectativas criadas foram superadas pela realidade intensa que viveu, e apesar de ter ficado por pouco tempo esse período foi suficiente para que ela tomasse uma decisão.

Eu sentia muita falta da minha família aqui, porque eu acredito assim, que quando a gente é muito novo a gente tem muita curiosidade de conhecer as coisas só que a gente não está preparado, né. E eu só não me sentia pior digamos assim por que eu estava também com a minha família tinha os meus sobrinhos e eu gostava muito, mas aí não era muito muito legal quando a gente não está acostumado que a gente sai pra viver assim.<sup>167</sup>

Apesar de ter tomado sua decisão, ela não poderia ser concretizada pois sua irmã não queria que ela retornasse, por conta disso ela preferiu esperar uma oportunidade em que pudesse realizar seu desejo de voltar para casa. “Eu já tinha decidido há muito tempo eu não vim por falta de oportunidade, mas foi em 91, já no início do ano, logo no início do ano no mês de maio, por aí que eu vim, pra passar o Dia das Mães e aí não retornei mais. Já usei essa data pra vim e não retornei mais”<sup>168</sup>.

---

<sup>166</sup> Ibid.

<sup>167</sup> Ibid.

<sup>168</sup> Ibid.

Tanto sua decisão de partir, quanto de retornar foram pautados e decididos pela própria colaboradora, as decisões tomadas por ela é que organizaram seu caminho, mas mesmo assim ela precisou contar com sua rede de apoio familiar para que suas ações fossem concretizadas. O ato de voltar, mesmo que seja em um momento turbulento na vida dessas mulheres, acaba sendo um momento de muita alegria e felicidade para quem espera por esse retorno, principalmente a família.

Na época o meu pai nunca gostou muito que a gente saísse de perto deles. Ele deixou mesmo porque a mamãe já deixou, e a minha irmã também insistiu muito e eu queria ir, ele deixou mais por isso, mas quando foi pra voltar acho que a alegria foi maior de que do que quando eu fui, sempre tive muito apoio deles, da família.<sup>169</sup>

Outra situação, que aqui se apresenta em uma categoria de retorno forçado, é a de Dona Adriana e Dona Andreza, as duas são irmãs. Dona Adriana teve seu processo de migração em 1994, já sua irmã migrou somente em 2002, ambas foram com o desejo de concluir seu estudo em Manaus. Elas permaneceram na capital por um longo período.

Dona Adriana já trabalhava como enfermeira e Dona Andreza havia assumido o cargo de professora em um processo seletivo. Suas vidas estavam bem encaminhadas, quando algo repentino aconteceu e mudou totalmente os planos e os caminhos delas. Elas foram assaltadas, e o assaltante levou todo o dinheiro que haviam recebido do mês, o carro delas e outros pertences.

Eu tava no processo seletivo mesmo, e eu abandonei tudo, em 2015. Foi em abril, Domingo de Ramos, eu me lembro como se fosse hoje. Então, nós fomos abordados por dois assaltantes, aí levaram o carro, levaram tudo! A gente tinha recebido nosso dinheiro do mês, então eu vim realmente de lá por conta dessa situação, se não estaria hoje até lá. Mas porque eu fico pensando, meu Deus, a gente trabalha, trabalha, trabalha e aí vem um cara e acabar com tudo, e aí eu fiquei traumatizada, fiquei uma semana praticamente internada mesmo, que foi com arma e tudo, graças a Deus que a gente saiu sãs e vivas né. Eu nunca fui assaltado em Manaus, mas nesse dia foi pra me assaltar e eu tá vindo embora pra Terra Santa.<sup>170</sup>

Dona Andreza ficou bastante traumatizada com o que aconteceu e quis imediatamente retornar para Terra Santa, seu desejo não era retornar naquele momento para seu município de origem, mas foi preciso dada as proporções do acontecimento. O retorno dela e de sua irmã aconteceu em abril de 2015, e por conta de todo o trauma

---

<sup>169</sup> Ibid.

<sup>170</sup> Andreza Costa Barbosa. Entrevista realizada na escola municipal São Sebastião, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

sofrido essa volta se transformou em um alívio, por saber que voltaria para um lugar “seguro”.

Conforme é destacado por ela, “esse desejo de voltar até então eu não tinha, mas aí a circunstância levou que eu voltasse, e eu voltei hoje eu tô feliz aqui, não tenho mais pretensão de voltar”<sup>171</sup>. Essa intenção de voltar se refere ao fato de morar novamente em Manaus, pois em seu relato ela enfatiza que ainda viaja para lá para rever seus amigos.

Percebemos o grau em que esse acontecimento afetou sua vida na forma em que ela realiza sua narrativa, com tom de preocupação e tristeza, trazendo à tona memórias de um momento que marcou sua trajetória de vida e a fez seguir uma nova rota. A princípio seus pais não queriam que ela retornasse por conta de estar aos poucos se estabilizando na capital, mas para Dona Andreza essa decisão de voltar já havia sido tomada, pois ela estava com medo de que essa situação de violência se repetisse.

Foi a minha escolha né, eles (seus pais) até que nem queriam que eu viesse, mas aí como foi, eu disse não, quem define é eu, mesmo que eu sofra, mesmo que eu tenha dificuldade de alguma coisa com relacionamento a emprego lá em Terra Santa, mas eu vou, porque eu não tinha mais paz, minha mente já ficava... eu não tinha. Não tinha como eu ter uma concentração tá, parece que todo tempo iam me assaltar de novo, fiquei transtornada mesmo, aquele medo, medo, medo, medo e ainda fui pra psicóloga, mas não deu jeito não, até hoje.<sup>172</sup>

Ela não queria retornar e acredita que se não fosse pelo assalto teria permanecido por muito mais tempo na capital “às vezes a gente fica pensando assim, como que uma pessoa pode tirar os sonhos né, que eu poderia muito bem ter galgado mais alguma coisa lá, mas eu acredito que era o momento certo para mim voltar pra minha terra, e aí eu voltei”<sup>173</sup>.

Por outro lado, sua irmã aproveitou esse momento para manifestar um sentimento antigo de voltar para sua terra natal, mas não tinha coragem de fazer ou falar sobre isso antes de acontecer esse problema, o qual elas lembram com muita angústia e medo. Dona Adriana consegue nos dar um panorama maior do que aconteceu e como processou o que houve.

A decisão foi da minha irmã, da mais nova, e aí eu resolvi acompanhar, porque eu já tinha uma... a gente sempre estava aqui né, foi fácil decidir logo porque ninguém tem filho, nem marido né, então foi fácil decidir que a gente não ia mais ficar lá por conta de muita violência, e aí nós

---

<sup>171</sup> Ibid.

<sup>172</sup> Ibid.

<sup>173</sup> Ibid.

resolvemos vir embora pra Terra Santa, 2015 para 2016, 2015. Eu sempre tive esse desejo de voltar, só que assim, a minha irmã que ficava assim, “não, fica mais um pouco”, “não, ninguém vai, vamos ficar”, aí foi passando o tempo né, “vamos ficar, vamos ficar”, aí quando aconteceu isso foi rápido a decisão dela, aí já era a minha que era difícil, que eu sempre tinha vontade, mas aí eu ficava “será que eu vou, será que eu não vou”. Quando foi dessa decisão aí, que ela tomou a decisão mais rápido que eu, aí pronto eu resolvi logo acompanhar, que eu já não tinha mais muita alternativa, já não tava querendo muito, eu digo: não, deixa eu já ir, porque já é mais fácil.<sup>174</sup>

O risco de viver numa grande metrópole, em comparação ao cotidiano dos lugares de retorno, tornou o retorno a alternativa viável e desejável. Logo, o motivo “falta de segurança” é utilizado como justificativa para o retorno.

A gente tava trabalhando lá em Manaus, todas nós, eu e minha irmã. Foi uma decisão meia brusca né, que a gente teve um assalto e nós continuávamos morando lá no Apurinã, onde nós sempre moramos, e aí a gente saiu um dia, de manhã e aí quando nós voltamos nós fomos assaltadas, eu e a minha irmã. Aí assim, a gente ficou pensando, ela, a minha irmã, ela era empregada na SEMED, e ela resolveu pedir a conta, eu resolvi também acompanhá-la, porque morávamos só eu e ela já, no caso. E aí foi que o ladrão levou tudo da gente, apontou a arma, fez um monte de situação lá, arrancou a bolsa. Foi assim um assalto muito grande né, para a proporção do assalto, foi muito grande. Então foi o que a gente pensou, que nós éramos só duas, que a gente já passava o tempo todo distante né, daqui, da família, e aí a gente decidiu vir para cá.<sup>175</sup>

Esse retorno foi facilitado também pelas redes de apoio que elas se ampararam, e por terem familiares e amigos que trabalhavam na prefeitura de Terra Santa, tiveram oportunidade de trabalho antes mesmo de voltarem para o município de origem.

A gente ligou para cá, pra ver se tinha vaga, na época o prefeito era o Marcílio, ele deu a oportunidade pra gente, aí a gente pensou que não adiantava a gente também tá lá, a gente era o mesmo, não tinha concurso lá e não tinha aqui, então tava igual, no mesmo barco. E aí a gente pensou também que poderia acontecer de novo, que a gente poderia morrer, e de nada ia valer a pena, de nada ia valer a pena o risco que a gente tava correndo, porque Manaus de 2015 pra 2016 aquela onda de violência ficou muito alta. Então quando o ladrão abordou a gente, apontou a arma, levou o nosso carro, enfim, fez muita coisa, arrancou as nossas bolsas, levou nosso dinheiro, foi um assalto assim pra proporção, foi um assalto muito feroz mesmo, então foi pra... E aí foi o ponto decisivo que eu disse “meu, não vai adiantar a gente ficar

---

<sup>174</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 17 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>175</sup> Ibid.

aqui, a gente adquire tanta coisa, aí pode morrer instantaneamente. Não nós não vamos mais ficar aqui”.<sup>176</sup>

De acordo com Dona Adriana, dado os acontecimentos, obtiveram o apoio de todos para que retornassem, com a preocupação expressa tanto por quem vivia em Manaus, quanto pela família que estava em Terra Santa. Mesmo morando a mais de 20 anos na capital e tomado a decisão de retornar de uma forma repentina, esse processo foi vivido de forma tranquila para ela, mas de forma traumática para sua irmã.

A coisa surgiu tão naturalmente, que acho que na hora todo mundo apoiou de pena mesmo, que a gente já tinha sofrido né, poderia ter morrido, naquele momento mesmo poderia ter acabado toda nossa vida, então a decisão foi muito plausível. Todo mundo, não teve assim... foi uma coisa tão... que eu falo que a gente passou em Manaus mais de 20 anos, e a saída de Manaus que eu imaginava assim “a gente vai, vai cair o mundo se a gente for”, porque a gente constrói amizades né, até a família que ficou lá, tem os parentes. E foi assim uma coisa tão... parece que preparada, não sei, parece que planejada por Deus, não sei, não sei explicar essa parte aí, porque foi tão tranquilo que a gente decidiu “vamos embora”, e todo mundo apoiou “não, vocês tão certa”, então a gente pensa que foi tudo planejado, de certa forma tudo encaminhado. Não foi nada como eu pensava, que eu sempre pensava em vir né, aí a Andreza dizia assim “Ah, tu vai chorar Adriana, eu vou chorar”, porque a gente sempre pensava em vir separado né, aí os da família “Não vai! ah a gente vai sentir falta”, hoje não, quando aconteceu tudo isso era todo mundo dando apoio pra gente, ajudando, “Não, vão. Vocês são só duas, ainda acontece alguma outra coisa”, aí todo mundo ficou falando né. Aí eu disse é, vamos embora porque depois a gente vai deixar tudo isso e ninguém vai usufruir de nada e nem aproveitar nada.<sup>177</sup>

Para as duas irmãs, essa decisão pelo retorno foi bastante tranquila, apesar da violência sofrida com o assalto na capital, pelo fato de manterem o vínculo com seu local de origem, por meio das viagens feitas em vários momentos para Terra Santa, principalmente nas férias.

Quando a gente chegou aqui graças a Deus foi bom, a gente não teve problema porque a gente nunca perdeu o vínculo né. É diferente assim a pessoa que ela sempre tá aqui, pra pessoa que demora a vir ou então que fala que não gosta daqui, fala que não vem, porque tem essas pessoas que falam né. A gente não, a gente sempre tava aqui todo tempo, então, tipo assim foi só um “Que bom que vocês já vão ficar”, era essa frase. Felicidade, felicidade porque a gente já vinha aqui, mas sempre tinha que voltar, e aí depois que teve que ficar já foi mais tranquila assim, as decisões foram mais calmas, já foram resolvidas

---

<sup>176</sup> Ibid.

<sup>177</sup> Ibid.

mais com tranquilidade. Nunca tive problemas aqui em Terra Santa de aceitação.<sup>178</sup>

Há ainda a diferença entre as migrantes que avaliam esse momento de suas vidas como uma experiência satisfatória, em contrapartida àquelas que se arrependem de não terem aproveitado da melhor maneira esse momento de suas vidas. A narrativa dessas migrantes apresenta uma série de contrapontos, muitas reticências permanecem, e hoje, para a maioria delas, a decisão de voltar foi a mais acertada, mas no momento vivido foi um dilema a ser superado.

Mesmo no caso do retorno que foi em parte planejado já na partida, as colaboradoras, nesse pensamento da provisoriedade, repensam e consideram durante o tempo em que estão em Manaus, o tempo necessário para se alcançar, entre outros objetivos, a estabilidade financeira. Mesmo que tenham o desejo de retornar, elas buscam concluir seus objetivos quanto à qualificação educacional, em seguida profissional, e quando encontram novas oportunidades esse desejo de retornar acaba se arrastando por algum tempo até que novas oportunidades apareçam, e quando ela surge de onde querem estar esse desejo aflora e muda toda a estrutura de suas vidas.

O lugar de destino, Manaus, acaba sendo um lugar de refazimento das memórias do lugar de origem. O lugar de origem (Terra Santa), se reconstrói cotidianamente no lugar de destino. Nele também se realiza o jogo de força das memórias, prevalecendo as memórias positivas acerca do lugar de origem, e conforme os anos passam essa memória é fortalecida, visto que as nossas colaboradoras migram muito jovens, tendo um amadurecimento muito rápido nesse processo. Isso constrói na maioria delas uma sensação estranha de provisoriedade no lugar de destino, e nas palavras de Sayad:

Uma das características fundamentais do fenômeno da imigração é que, fora algumas situações excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade. Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.<sup>179</sup>

Esse sentimento de provisoriedade é acionado na fala de algumas de nossas colaboradoras quando demonstram que existia o desejo do retorno, ou quando

---

<sup>178</sup> Ibid.

<sup>179</sup> SAYAD, A. *A Imigração*. Op. cit., p. 45.

mencionam a satisfação em poder retornar e contribuir com seus conhecimentos e trabalho no local que consideram seu lar. A grande questão aqui é, esse sentimento se estende por muito tempo, criando a ilusão de que realmente esse processo duraria por um período bem curto ou quando os objetivos tivessem concretizados, quando na verdade esse retorno se estende muitas vezes até o momento em que o corpo pede descanso, e troca-se a rotina exaustiva da capital pelo descanso e calma da cidade do interior.

### **3.2 “Era esse nosso objetivo, voltar para contribuir com o município”: Dever cumprido ou o fim de um ciclo?**

Para as jovens migrantes terrasantenses, morar em Manaus significava mudar de vida, mudança essa que aconteceria por meio da conclusão de seus estudos, mesmo que em diferentes etapas de ensino para cada uma delas. E mesmo que esse processo contasse com o desejo do retorno ele não acontecia somente por meio desse querer.

A forma de vida e a experiência dentro da Capital será também um fator definidor dessa decisão de voltar ou não, visto que a maioria delas acaba permanecendo por vários anos na cidade de destino, no caso Manaus. Esse tempo varia de acordo com as condições financeiras e oportunidades alcançadas por essas migrantes.

Nesse sentido, serão as circunstâncias da migração, as situações em que a vida se construiu na mobilidade e, especificamente, do modo como se deu a colocação dentro do espaço vivido no outro lugar, que contribuirão ativamente no tempo e na forma desse possível retorno. Mesmo que o desejo de retornar seja um objetivo a ser alcançado por algumas delas, para outras ele viria em um momento no qual não queriam, mas que era preciso, como vimos nas situações de Lúcia, Elzinete, Adriana e Andreza.

O que sabemos, é que as redes de sociabilidade ou familiares, na cidade de Manaus, irão contribuir bastante com toda a estrutura oferecida a elas, e as jovens que não possuem esse tipo de rede serão prejudicadas em suas vivências, tendo que reprogramar os sonhos, como o de concluir seus estudos.

Como visto no capítulo anterior, nem todas as migrantes contaram com um apoio adequado em sua chegada na capital. Para as que moravam com irmãos ou primos, a experiência, mesmo que complicada por conta da convivência e obrigações do dia a dia, acabava sendo menos negativa que das migrantes que tiveram que trabalhar na casa de seus parentes ou conhecidos.

Contudo, algo que aqui cabe destaque e que é evidenciado nessa pesquisa, é o fato de que são as redes de apoio familiar ou de sociabilidade, que serão de total importância no que diz respeito à busca pelas oportunidades, ou serão apresentados por essas mesmas redes para que essas migrantes optem por retornar. Então se as redes familiares davam apoio e suporte em suas partidas da cidade de Terra Santa, para o retorno essa posição se fortalece e toma uma nova forma.

Associando-se as noções de redes e cadeias migratórias é possível verificar o papel das redes e cadeias migratórias tanto no fluxo de migração quanto de retorno. O suporte dado por essas redes não se restringe unicamente à base material, mas sobretudo à estrutura simbólico/subjectiva na qual se firmam, que é o que determina o acesso às informações disponíveis na rede.<sup>180</sup>

Nesse sentido, trabalho e família constituem-se duas questões-chaves para a migração de retorno, sendo as razões mais fortes que fazem com que essas migrantes voltem ao seu lugar de origem. A trajetória de Elba, Elza Lira, Eliçandra e Heloisa, ilustram como esse apoio das redes acontecia e como se articulavam em relação à tomada de decisão dessas mulheres.

Dona Elba migrou aos 16 anos para a capital, morou com seus irmãos e primos, estudou o magistério, quando na verdade queria algo na área da saúde, e depois viu sua rotina mudar quando, por ser a única mulher da casa, teve que arcar com uma série de responsabilidades além de seu trabalho e estudo. Ela enfatiza em sua narrativa o desejo explícito que tinha de voltar para sua cidade e até mesmo por conta disso não se acostumou na capital. Sua vontade de ficar perto dos pais e dar toda a assistência necessária a eles, visto que eles também proporcionaram o mesmo para ela.

Eu tinha vontade, sempre falava que a minha vida ia ser aqui, o que tivesse que vir para mim, ia ser aqui em Terra Santa, eu não tinha o objetivo de morar fora, nunca tive, inclusive eu era a única filha que fiquei aqui cuidando dos meus pais. Os outros viajaram, moravam em Porto Trombetas, o outro também trabalhava só voltava final de semana, e os meus dois irmãos ficaram em Manaus, aí só eu ficava lá com eles, morando com eles, e depois me casei, mas fiquei dando assistência para eles lá, era a minha vontade era morar em Terra Santa mesmo.<sup>181</sup>

---

<sup>180</sup> SOUZA, Thiago Romeu de. *Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2015.

<sup>181</sup> Elba Aparecida Almeida Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 15 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

Seu processo de migração durou cerca de 4 anos, e após terminar seus estudos na capital decidiu que era hora de voltar e realizar o desejo que já estava em sua mente desde quando saiu de sua cidade de origem. Nesse momento importante de sua vida, teve total apoio e ajuda de seu pai.

Esse desejo de voltar eu tinha, e aí eu falei com meu pai, e o papai ele era uma pessoa assim que ele apoiava muito a decisão da gente né, e ele procurava ajudar no que podia. E aí eu fiquei, decidi ficar, eu acredito que foi na época que eu abri uma lojinha, ele me ajudou a abrir uma papelaria, foi nessa época, foi a forma que ele procurou me ajudar né. Aí depois eu consegui um emprego na prefeitura, dava aula sempre que me chamavam, antes disso eu era chamada como professora substituta, e assim eu fui levando até me profissionalizar na área.<sup>182</sup>

Percebemos nesse caso que a participação das redes familiares nos deslocamentos pode ser utilizada tanto como estratégia ou padrão, tanto para justificar o retorno ou a própria migração em si. Portanto, essa rede é um importante fator de determinação dos fluxos migratórios das mulheres terrasantenses, e é a estrutura da organização familiar que definirá como será esse processo.

Dona Elza Lira também foi uma das migrantes que tinha esse propósito já definido sobre um possível retorno à Terra Santa. Ela que migrou, junto com a irmã e dois primos para Manaus, no ano de 2000, com 24 anos, em busca de cursar em uma faculdade, trabalhou em vários lugares na capital, e apesar de querer retornar para Terra Santa esse retorno ficou somente como projeto por pelo menos 12 anos, tempo ao qual ela permaneceu na capital até conseguir concluir seu objetivo, mas apesar de querer retornar, essa volta foi apressada por uma outra situação, ela ficou desempregada após o término da faculdade e não podia mais ficar morando por lá.

Foi em 2012, foi o ano que eu terminei e foi o ano que eu voltei. Eu vim trabalhar na Semed, eu recebi um convite, aí eu vim e daí fui ficando, comecei logo a trabalhar, aí quando entrou o concurso em 2014 eu fiz, passei, e aí ficou mais estável, né. Foi em 2012, minha formatura foi dia 6 de janeiro de 2012, no dia do meu aniversário, aí logo depois eu vim me embora pra Terra Santa. E aí ficou só minha irmã, sozinha, mas ela tava bem encaminhada, graças a Deus. Aí hoje tem três em Terra Santa e um lá em Manaus dos quatro que foram. Eu tinha em mente de um dia voltar pra Terra Santa, mas não nesse período, não, ainda queria ficar mais, eu queria estudar um pouco mais, mas como eu sentia bastante dificuldade de arrumar um emprego, até porque o que pintava assim era um salário-mínimo, mas eu dizia “pô, mas tô terminando a faculdade, eu queria uma coisa melhor, né”. E também eu ficava pensando, eu já tô com uma idade que eu vou ter que me segurar em

---

<sup>182</sup> Ibid.

alguma coisa, me fixar em alguma coisa, eu não posso ficar trocando, que tu já sabe que na cidade grande a idade influencia muito. Eu disse não, ainda queria ficar, mas ao mesmo tempo tava meio complicado, aí foi quando eu recebi a proposta de trabalhar aqui em Terra Santa, aí resolvi vim, mas antecipou a minha vinda, antecipou mais por causa do desemprego, antecipou mais por causa disso mesmo, se não fosse isso tinha continuado mais um pouco.<sup>183</sup>

As redes de sociabilidade formadas por ela, ajudaram a conseguir um emprego no município de Terra Santa, esse momento foi definidor no que se refere às conquistas que ela alcançaria a partir desse momento. Na trajetória de Dona Elza Lira percebemos como trabalho e família irão atuar nesse processo de retorno. Sua volta se deu pelo trabalho que conseguiu em Terra Santa, aliado a isso o fato de poder ficar perto de sua família, que no momento de sua migração não queria que ela fosse para a capital.

Percebemos nesse sentido uma relação bastante ambígua quanto a posição das famílias dessas migrantes durante o processo, pois mesmo que não quisessem que ela fosse na época em que migrou, eles deram o suporte e a ajudaram durante o período em que viveu na capital, e em sua volta se alegraram com o retorno de uma das filhas, pois sua irmã resolveu permanecer por estar com um bom emprego na cidade de Manaus.

A minha volta foi assim, eu estava num almoço na casa da minha prima, e eu tava desempregada, na época a Jaciara já era a primeira-dama, ela estava no almoço, aí ela disse: “e aí?”, aí eu falei: “olha eu tô terminando a faculdade e tô desempregada”, aí ela falou: “mana, vem pra Terra Santa, vem que a gente consegue uma coisa”. Então quando ela falou isso já deu uma melhorada, já tem alguma coisa meio que engatilhado, e aí eu falei pra minha irmã: “mana, eu vou embora porque para mim não dá para ficar aqui desempregada e eu já tenho alguma coisa lá em Terra Santa”, aí ela disse: “mana, pode ir que eu aguento aqui sozinha”. E assim foi, e eu falei para mamãe e ela “então vem”. Aí eu vim, eu passei aqui um mês ainda desempregada, depois comecei trabalhar, aí eu tive o apoio da família sim, até porque pra mamãe foi muito bom, porque estava só ela, o papai e o Dean. Eu cheguei, então foi muito bom.<sup>184</sup>

O objetivo principal de Dona Elza Lira era se estabilizar, ela sempre teve esse pensamento, logo, quando viu a oportunidade de ficar em Terra Santa por meio de um concurso ela não pensou muito, estudou e conseguiu uma das quatro vagas a qual estava concorrendo, no ano de 2014.

Em 2012 eu comecei a trabalhar na Semed, trabalhar junto com a Gracilene, como coordenadora de projeto, ajudava ela, mas era

---

<sup>183</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>184</sup> Ibid.

contratada, e tem ali aquele período que você é descontratada, depois de novo. Aí abriu o concurso, e para minha surpresa no concurso não tinha nada na minha área, à nível superior, aí eu disse “bom, eu não posso ficar sem nada, e eu vou fazer o meu concurso, eu vou estudar e vou fazer pra alguma coisa”. Analisei todo o edital e fiz pra fiscal de obras, eram quatro vagas e 13 inscritos, só eu passei. E hoje eu sou concursada, nível médio né, porque nada veio no nível superior.<sup>185</sup>

Para ela esse momento se resumiu em uma grande felicidade, estar estabilizada, morando em sua cidade de origem, perto de sua família, foi uma grande realização, suas palavras melhor definem o como foi esse período da sua trajetória “[...] eu sou muito feliz na minha área. Só de estar em Terra Santa, eu vejo assim, que eu me realizei na verdade, porque tu sabe que morar fora não é muito bom, a gente tem todas as dificuldades do mundo”<sup>186</sup>.

Sua outra irmã, Eliçandra, migrou primeiro que ela, no ano de 1999, para constituir sua própria família, iniciando sua jornada e Boa Vista – Roraima e logo em seguida indo para Manaus, ao acompanhar seu marido, o qual havia sido transferido de localidade, mesmo querendo muito sair do município de Terra Santa em busca de novos horizontes, anos mais tarde assumiu a mesma posição que Dona Elza Lira, com a clareza em relação ao retorno para Terra Santa.

Minha irmã que morou também muito tempo em Manaus, e também tinha o mesmo objetivo que eu, de um dia voltar para Terra Santa. A gente nunca pensou em morar definitivamente em Manaus, Manaus era só passageiro, a gente sempre teve esse pensamento. Diferente da minha outra irmã, mas a minha outra irmã também pelo fato dela ter saído muito cedo de Terra Santa, de ter morado em Parintins, de ter uma outra vida, e hoje ela continua em Manaus, construiu uma família, tanto que o marido dela é de Manaus. Já da minha irmã é daqui de Terra Santa o esposo dela, então a gente pensou em voltar, sempre teve esse desejo de voltar.<sup>187</sup>

Dona Eliçandra apesar de seguir junto com seu marido, sempre teve essa visão clara a respeito de seu retorno, tanto que esse planejamento se deu inclusive na escolha do curso a qual faria a faculdade em Manaus. Ela escolheu a enfermagem, pautando-se no fato de que há sempre uma carência de profissionais nessa área em muitos locais, mas principalmente no município de Terra Santa.

---

<sup>185</sup> Ibid.

<sup>186</sup> Ibid.

<sup>187</sup> Eliçandra Costa Guerreiro. Entrevista realizada na secretaria de assistência social, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

Quando eu voltei, voltei sem emprego, foi que nesse mesmo ano, no dia 02 de julho de 2010, foi que na época da administração do Marcílio Picanço, ele me fez a proposta para eu ser enfermeira no município e eu aceitei. Eu digo para ti que eu fui muito abençoada, porque é muito comum as pessoas terminarem a faculdade e não conseguirem emprego, mas aquilo que eu sempre falei o objetivo de eu ter feito enfermagem foi porque eu sabia que em qualquer lugar sempre há uma carência na área de saúde, então o fato de eu ter escolhido esse curso foi pensando em voltar pro município de Terra Santa. Eu tinha essa visão desde o início, quando eu e ele... nós decidimos. Eu te confesso que eu não tinha aptidão, eu nunca pensei que eu seria enfermeira, mas no decorrer foi uma coisa que eu fui gostando, tu tá entendendo? Então, era a visão de que eu precisava ter uma faculdade que me desse retorno, porque tu fazer uma faculdade particular tu gasta, então era isso, e emprego, eu precisaria ter emprego para que eu pudesse executar a profissão que eu me formei.<sup>188</sup>

Dona Eliçandra e seu marido sempre tiveram um planejamento e organização em relação às suas vidas, ela nos diz o seguinte com relação a isso, “[...] quando eu me juntei com meu marido a gente desde o início teve um planejamento a gente pensou diferente das outras pessoas então a gente pensou primeiro em construir uma vida, ficar bem estruturados, para depois vir a família e os filhos”<sup>189</sup>.

Mas apesar de terem esse planejamento, esse retorno para o município aconteceu principalmente pela volta de seu marido para cuidar dos pais, pois de acordo com Dona Eliçandra ele sempre foi muito família, ele também tinha a vontade de retornar e essa situação acabou favorecendo isso.

Meu marido decidiu vir para Terra Santa um ano antes de eu terminar minha faculdade, e aí quando foi em janeiro de 2010 eu voltei para Terra Santa. Eu voltei, morei na casa da minha sogra por um bom tempo e ele na época que decidiu voltar foi também em função dos pais, por serem idosos, o pai pelo fato de estar doente, então ele tinha essa preocupação, ele sempre foi muito família, então isso pesou na decisão dele voltar pra Terra Santa. E aí não achei ruim, nós já tínhamos essa vontade de voltar, apenas contribuiu para que ele tomasse essa decisão de voltar mais rápido, foi a questão da família mesmo. E foi que quando eu voltei para Terra Santa eu morei na casa dos meus sogros, na casa da mãe e do pai dele, e vivi por um bom tempo com eles.<sup>190</sup>

Percebemos que esse retorno foi pensado e desejado de forma mútua, mas realizado por situações externas aos dois. O marido de Dona Eliçandra retornou primeiro para Terra Santa e ela, por sua vez, ficou em Manaus para concluir sua faculdade. Nesse

---

<sup>188</sup> Ibid.

<sup>189</sup> Ibid.

<sup>190</sup> Ibid.

mesmo período sua irmã precisou de suporte, pois possuía condições financeiras menos favoráveis que ela.

Dentro do sistema constitutivo do retorno, Thiago Romeu de Souza, em sua tese, nos apresenta quatro tipos diferentes de migrantes, a partir de suas aspirações, expectativas e necessidades, essas diferenças são postas a partir de uma abordagem mais conservadora da migração que se coloca a posição estruturalista, correlacionando a realidade da economia do lugar de retorno e as expectativas do migrante.

- O retorno do fracasso: relativo às pessoas que não conseguiram se integrar no país de acolhida por causa dos preconceitos e estereótipos, além das dificuldades em assumir papel ativo na sociedade de acolhida;
- O retorno conservador: são os que retornam por planejamento, levando a cabo exitosamente o projeto migratório. Por causa disso, estes retornados tendem a só atenderem as próprias necessidades, e aquelas de seus familiares, alterando pouco ou nada na realidade do lugar de retorno, aliás, muitas vezes, contribuem para conservá-lo;
- O retorno de aposentadoria: diz respeito aos migrantes aposentados que decidem regressar ao país de origem e adquirir um pedaço de terra e uma casa onde poderão passar a velhice;
- O retorno inovador: é a categoria de migrantes de retorno que se caracteriza pelo dinamismo, pois estes indivíduos procuram aproveitar ao máximo a experiência migratória com vistas ao alcance dos próprios objetivos. Porém, a realidade do lugar de retorno com suas estruturas de poder consolidadas, dificilmente possibilita a aplicação de todo o potencial de mudança deste grupo.<sup>191</sup>

A partir dessas diferenças dentro da categoria de retorno, percebemos que a migração só pode ser vista a partir da trajetória individual de cada pessoa, pois mesmo que os planos sejam definidos, é o curso da vida que vai estabelecer como isso se dará na prática.

A trajetória de volta ao município de Terra Santa realizada por Dona Heloisa Helena mostra-se relativamente diferente das outras colaboradoras que tiveram uma ida e retornaram brevemente para Terra Santa. Ela migrou com apenas 14 anos de idade, partindo primeiramente para Belém onde possuía parentes que pudessem lhe auxiliar na sua moradia na capital, e após 3 anos decidiu se juntar à sua família que já estava residindo em Manaus nessa época. Ela retornou para Terra Santa em 2014, aos 56 anos para morar, chegando a vender sua casa em Manaus para que pudesse construir sua nova residência em seu município de origem.

---

<sup>191</sup> SOUZA, T. R. *Lugar de origem, lugar de retorno*. Op. cit., p. 162.

Eu sempre dizia que quando eu me formasse, criasse minha família e cada um, porque eu criei meus filhos para o mundo né, tanto que quando eu vim pra Terra Santa eu não ficava com aquela preocupação [...] pra mim, vir pra cá era o meu sonho, eu sempre dizia que eu queria voltar pra minha terra, eu sou apaixonada por Terra Santa, ninguém fale mal de Terra Santa perto de mim. Eu acho assim Terra Santa uma cidade muito encantadora, muito hospitaleira, muito linda eu acho Terra Santa. Cada foto que eu tiro, cada momento que eu vejo, até no meu retrovisor da moto que eu subo aqui a ladeira, que eu olho aquele rio no meu retrovisor pra mim tudo é lindo, eu sou apaixonada pela minha terra, e era o meu sonho. Aí meus filhos todos casados né, quer dizer o Gabriel não é casado, mas tem a vida dele totalmente independente, cada um na sua independência, eu morava e já tava sozinha em Manaus, e como eu tinha vontade de vir para cá aí foi o momento. Eu trabalhei na Câmara Municipal de Manaus, na Prefeitura, quando eu saí da Prefeitura eu já vim para cá, saí em julho e em agosto eu vim embora, e agosto eu comecei a trabalhar aqui em 2014. [...] aí vendi minha casa em Manaus, até porque cada um já tinha seu canto né, e construí a minha aqui.<sup>192</sup>

Dona Heloisa relata que sua recepção na cidade foi muito boa, visto que ela se considera extremamente comunicativa e que não possui dificuldade de relacionamento com as pessoas, facilitando seu acesso aos lugares e sendo muito bem recebida por conta disso. Aliando-se ao fato de que ela estava sempre passeando por Terra Santa, de acordo com ela “sempre ficava fazendo isso direto, ultimamente já tava vindo aqui de quinze em quinze dias, antes de eu vim morar em Terra Santa, porque eu sempre gostei de Terra Santa, as vezes eu vinha sexta no barco, chegava sábado e voltava domingo”<sup>193</sup>.

Ela revela que o apoio dos filhos foi muito importante nesse momento também, pois como todos eles estavam com suas vidas encaminhadas ela ficou morando sozinha, e eles sabiam da sua paixão pela cidade a qual ela sempre visitava e passava suas férias, então deram esse incentivo para que ela voltasse a morar em Terra Santa.

É uma coisa que eu ficava até admirada como é que eles me empurravam pra vir para cá, porque eles sabiam que eu ia ser mais feliz aqui, e meus filhos uma coisa que eu admiro muito neles né é essa admiração que eles têm por mim, e essa vontade de que eu esteja cada vez melhor, cada vez mais feliz. Então eles sempre me deram maior apoio, me deram maior corda pra vir, e não tive...eu não sinto falta de nada lá de Manaus, não tenho saudade, nada. Porque meus filhos agora que dá saudade mesmo a gente se encontra, a gente se fala né, eles vêm aqui, eu já fui à Brasília dia desses lá ver onde meu filho mora, tudo tá bem, graças a Deus.<sup>194</sup>

---

<sup>192</sup> Heloisa Helena de Souza Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 10 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>193</sup> Ibid.

<sup>194</sup> Ibid.

Constatamos nesse sentido que as famílias desempenham um papel estrutural com relação à sustentação das redes de apoio social dessas migrantes e no processo de intermediação (travessia) entre origem e destino.

### **3.3 “Terra Santa é sem dúvida a cidade que eu quero viver para o resto da vida”: A volta ao lar doce lar**

Como percebemos nos relatos de nossas colaboradoras, a ideia do retorno estava presente no pensamento da maioria delas, para algumas em um momento mais distante, para outras em um momento mais breve, mas algo além do desejo de retorno era o vínculo que elas possuíam com seu lugar de origem, vínculos familiares e de amizades, ou as próprias redes de sociabilidade que essas migrantes possuíam.

A noção de retorno sugere uma perenidade, uma pausa no movimento. [...] a mobilidade institui-se na mentalidade dos migrantes como “um momento”, “uma fase”, superada no retorno. Atualmente, o retorno não tem tido um significado idêntico ao da “migração de retorno”. Ou seja, o movimento de volta não tem ocorrido, via-de-regra, com esse caráter mais perenizado, ainda que ele seja um projeto na mentalidade dos migrantes.<sup>195</sup>

No momento em que tomaram a decisão de retornar, apesar de para elas, muitas vezes ser preciso fazer isso, voltar significava que elas poderiam recomeçar suas vidas em um lugar do qual não queriam sair, mas precisavam para conseguirem almejar seus sonhos, desejos e realizações. E mesmo que parte delas não tenha conseguido isso em seu lugar de destino, é em Terra Santa que elas terão essa possibilidade de recomeço, de tentar e fazer dar certo.

Para Dona Elba, voltar ao seu município de origem era um propósito a ser cumprido. Ficar e morar em Terra Santa era sua vontade desde o momento em que teve que partir para Manaus. Hoje sua visão é de que voltar para sua cidade foi a melhor escolha que fez, e que sua vida não seria tão boa quanto se tivesse permanecido na Capital.

Minha vida é boa, perto de muitos colegas que ficaram para lá né. Assim, isso não me abalou em nada profissionalmente, tem colegas meus que não conseguiram concluir a faculdade, não fizeram faculdade, não tem um emprego fixo, não fizeram uma carreira profissional, e eu aqui consegui tudo isso. Hoje eu tenho duas faculdades, eu tenho duas especializações, sou concursada, sou funcionária pública, professora concursada, hoje eu tenho um emprego bom, estou na gestão de uma escola grande né, a maior de Terra Santa, maior responsabilidade, então eu vejo assim que eu não tive perdas, eu realmente eu escolhi a opção

---

<sup>195</sup> SOUZA, T. R. *Lugar de origem, lugar de retorno*. Op. cit., p. 207.

certa. Vivi perto dos meus pais né, que morreram tão cedo, e eu tava aqui do lado deles, então pra mim a opção foi boa, graças a Deus.<sup>196</sup>

Estar perto de suas famílias é um ponto muito forte que faz com que essas mulheres desejem retornar, seja para estar mais presente ou para prestar cuidados aos que necessitam desse apoio. Em uma das falas de Dona Elba, inclusive citado anteriormente, ela enfatiza que seus irmãos moravam todos fora, e mesmo depois que ela se casou ainda permaneceu cuidando dos seus pais.

Para Dona Elza Lira o retorno foi bem tranquilo visto que havia mantido muitas amizades por conta da frequência em que ia para a cidade de Terra Santa, fosse em suas férias ou em datas comemorativas. Portanto, voltar para ela significou a alegria de estar perto de seus familiares e amigos, pois em todas as viagens feitas ficava a vontade e a saudade de casa.

Foi muito bom porque eu sempre tive, sempre, em Terra Santa, essa irmã que mora em Manaus ela dizia pra mim que eu dava para ser vereadora, ela dizia “mana dá pra tu ser vereadora porque tu fala com todo mundo”. O meu grupo de amizade era muito grande, eu me relaciono muito bem com as pessoas, não tenho problema com ninguém em Terra Santa, então eu sou de fazer amizade muito fácil. Então eu vinha todo ano né, vinha sempre em Terra Santa, e isso eu não conseguia passar Natal fora de Terra Santa, eu entrava de férias do trabalho no dia que eu entrava vinha embora pra Terra Santa, e só voltava no último dia, sempre foi assim, e toda volta para lá toda vez era chorando, porque tinha que deixar Terra Santa, eu dizia que saía do sonho pra voltar pra realidade, e com o tempo vai acostumando, mas é muito difícil deixar a família [...] então quando eu falei que eu tava de volta foi uma alegria para muitos.<sup>197</sup>

Para sua irmã, Dona Eliçandra, morar em Terra Santa foi também uma grande realização pessoal, pois todo o planejamento feito (inclusive com relação a escolha da faculdade a qual realizaria) em conjunto com seu esposo, já estava presente o desejo de retornar. A cidade é representada em sua fala como um local de acolhimento, de segurança, de boas perspectivas, ou seja, o local onde ela quer “*ficar para o resto da vida*”.

Em Terra Santa hoje eu tenho a minha casa, hoje eu tenho os meus filhos que são o meu tesouro, hoje meu marido tem um emprego, hoje eu tenho um emprego, Graças a Deus estamos bem de saúde, então não

---

<sup>196</sup> Elba Aparecida Almeida Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 15 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>197</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

tem coisa melhor. Hoje eu posso criar os meus filhos perto da minha família, perto da minha mãe da minha sogra, que meu sogro eu já perdi, perto dos tios. A gente tem mais essa liberdade em relação a cidade grande, tem a violência, mas é muito menos, a gente consegue andar sem ônibus, pode ir de pé, de moto, de bicicleta. Então a minha vida por aqui por Terra Santa é, sem dúvida a cidade que eu quero viver para o resto da minha vida. A felicidade é tanto minha quanto do meu marido, nós somos realizados nesse sentido, não temos do que reclamar, graças a Deus.<sup>198</sup>

Dona Heloisa também expressa seu sentimento de realização ao conseguir retornar para Terra Santa, impulsionada por seus filhos a viver em sua terra natal, seu momento de retorno torna-se o momento do “descanso” e da “calmaria” na cidade do interior, em contrapartida à vida que levou morando anos na capital, sempre trabalhando para criar seus filhos e tendo feito isso boa parte do tempo sozinha.

Hoje eu tenho a minha casa, posso dizer pra você que eu posso pagar alguém para fazer limpeza, pra fazer o que hoje eu não quero mais fazer. Graças a Deus hoje eu sou uma pessoa realizada mesmo, tenho meu cantinho, não é grande, mas é aconchegante e tem tudo que eu quero. Me considero uma pessoa feliz, tenho três filhos espetaculares, que cada um aprendeu a viver com as minhas orientações, mas cada um com a sua determinação e hoje são muito bem na sua condição, então só tenho que agradecer.<sup>199</sup>

Para Dona Adriana o retorno para o município de Terra Santa, mesmo que de forma repentina, trouxe muitos ganhos e aprendizados, principalmente em sua área de formação. O tempo em que migrou e passou longe do município trouxeram experiências e conhecimentos necessários para que agarrasse a oportunidade que lhe foi apresentada em um momento que permanecer em Manaus não era mais uma possibilidade a ser pensada.

A minha vida hoje aqui em Terra Santa é maravilhosa, eu gosto da vida que eu levo né, eu pouco saio aqui em Terra Santa, mas quando eu saio vou pra casa dos meus familiares, aqui eu tenho muitos amigos desde a época de escola, uns já foram, mas assim eu ainda tenho umas amigadas que eu já fiz agora depois que eu cheguei, também depois que eu trabalhei aqui. Então às vezes eu saio de noite eu vou na praça ou na casa das minhas tias, então eu avalio esse momento muito bom, pra mim foi um momento, na minha idade, já tô aqui desde 2015, mesmo cargo trabalhando. Sempre eles falaram que na área de enfermagem só quem atravessa esse cargo que eu ocupo aqui em Terra Santa é depois dos 50/60 anos, lá fora né, porque é um cargo muito pesado e é uma

---

<sup>198</sup> Eliçandra Costa Guerreiro. Entrevista realizada na secretaria de assistência social, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>199</sup> Heloisa Helena de Souza Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 10 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

coordenação muito alta, e aí quando eu cheguei aqui em Terra Santa eles me deram essa oportunidade de ser coordenadora dos postos [...] pra mim é muito aprendizado, eu já aprendi demais e continuo aprendendo né porque todo dia é um aprendizado, é um problema que surge, uma situação nova que acontece, as coisas vão mudando e a gente vai aprendendo mais a lidar com as pessoas, e é um desafio diário.<sup>200</sup>

Para grande parte delas, voltar ao seu lar se materializa como um estado de felicidade, isso quando se trata das colaboradoras dessa pesquisa, já que não podemos generalizar, visto que as experiências de partida variam muito de migrante para migrante.

O que não podemos generalizar também é a opção de retornar, porque mesmo que as motivações iniciais sejam parecidas, voltar ao município de Terra Santa ficará aberto a muitas dessas migrantes como uma opção a ser definida. E mesmo que muitas delas tenham retornado para seu município de origem, elas acabam retornando ao local onde viveram.

Percebemos essa situação na fala da maioria de nossas colaboradoras, visto que mesmo para quem teve um retorno “forçado” hoje em dia as viagens à Manaus acontecem em períodos de férias, no caso de Dona Lúcia, suas viagens são exclusivamente para visitar seus familiares, especialmente seus filhos que hoje vivem na capital.

Ainda continuo indo em Manaus, agora que eu vou mesmo, que o meu filho mora, meus filhos moram lá, eu continuo. Inclusive eu faço tratamento e eu só faço em Manaus, tratamento de saúde. Olha eu vou sempre nas minhas férias e em janeiro que eu tenho recesso, férias de julho e janeiro que eu pego o recesso de quinze dias né, aí eu aproveito e vou lá ver minha família.<sup>201</sup>

Dessa maneira, percebemos uma atualização constante desse processo de deslocamento entre Terra Santa e Manaus. Pois, da mesma forma que já havia parentes e conhecidos na capital antes da chegada das migrantes presentes nessa pesquisa, que deram o suporte necessário para elas, outros familiares acabam indo depois e reatualizando esse trânsito entre essas duas cidades.

Em seus relatos, nossas colaboradoras apontam os motivos do seu retorno, a forma que vivem e como esse retorno modificou suas vidas, em todos os casos para melhor, mas elas não deixam de mencionar sobre seus parentes, amigos ou conhecidos que optaram por permanecer na capital. Dona Lúcia menciona seus irmãos que foram para Manaus e

---

<sup>200</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 17 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>201</sup> Lúcia Maria Guimarães Pereira. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

que se aposentaram em seus trabalhos na capital, construíram suas vidas e optaram permanecer por lá.

Só uma que tava pra lá antes de mim, a minha irmã, uma irmã minha, os outros foram depois de eu vim, e eles continuam morando lá. Eu tenho duas irmãs que são aposentada, uma era professora, se aposentou, a outra trabalhou na Philips e depois tiraram ela, aí ela trabalhou no Novo Hotel e lá ela se aposentou. Meu irmão ele trabalhava na Moto Honda, aí ele sofreu um acidente na vista dele, também saiu da Moto Honda, mas não foi a empresa que tirou ele, ele que pediu a conta. E a outra minha irmã também trabalha, ela continua trabalhando lá, minha irmã caçula.<sup>202</sup>

Quem também faz esse tipo de menção são as irmãs Eliçandra e Elza Lira, revelando que sua irmã permaneceu em Manaus, e assim como a parte laboral influenciou e muito na decisão de retorno de Dona Elza (por conta do desemprego pós término da faculdade), para sua irmã também foi algo que pesou bastante para sua permanência, tendo ela alcançado ótimas oportunidades.

A Alana, minha irmã, hoje ela é Gerente Geral do Banco Santander, mas quando eu lembro que ela saía da Nilton Lins pra ir pra casa, chegava em casa quase meia-noite no ônibus 350 e vinha pendurada do lado de fora, isso me engasga sabe, me dá vontade de chorar porque eu sei o que ela passou, mas graças a Deus todo mundo venceu.<sup>203</sup>

Na nossa pesquisa evidenciamos as motivações principais que levaram elas a retornar, mas percebemos que o desejo do retorno não está presente em todos os migrantes. Como dito, serão as experiências dentro e fora de seu local de origem que irão definir se essa vontade de retornar se expressará mais à frente.

Mas nem todos ou todas que migram desejam o retorno, aqui também trazemos a trajetória de Liene que, assim como muitos familiares de nossas colaboradoras, ainda permanece na capital, e até o momento da entrevista não manifestou o desejo de retornar para Terra Santa, e assim como ela muitos outros não desejaram retornar.

Conforme foi descrito nos capítulos anteriores, Liene partiu no ano de 2006, aos 14 anos para Manaus, e não teve uma experiência tão boa logo que chegou. Como ela nos diz, até sua saída de Terra Santa, estava tudo dando certo, no sentido em que seus pais permitiram sua ida para a capital, confiaram os caminhos dela a uma conhecida, mas com

---

<sup>202</sup> Ibid.

<sup>203</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

o aviso de que se retornasse não sairia dali para nenhum outro lugar, e foi isso que a fez permanecer na capital por um bom tempo.

O primeiro mês foi vivido em meio a muitas dificuldades e passando por um processo de muita humilhação, mas como ela estava determinada não permitiu que isso atrapalhasse o que ela estava buscando, que era estudar e melhorar de vida “não foi fácil, mas eu aprendi muitas coisas”<sup>204</sup>.

Passado esse primeiro mês, Liene acabou sendo entregue aos cuidados de outra pessoa dentro da cidade de Manaus, e mesmo sendo menor de idade isso não foi previamente comunicado aos seus pais, e quando sua mãe conseguiu entrar em contato e descobriu que ela estava morando com uma outra pessoa, ficou desesperada.

Mas essa mudança de residência foi definidora para os caminhos dela dali em diante. Ela ficou durante cinco anos morando nesse novo lugar, e mesmo que tivesse que conciliar os afazeres domésticos com o seu estudo isso se tornava muito mais tranquilo pelo acolhimento, incentivo e ensinamentos recebidos dessa senhora, hoje já falecida, e que carinhosamente é chamada por ela de “tia Eliomar”.

Aí que tu se lembra do que tua mãe falou “não vai, olha, não é assim”, a gente sonha né, o sonhador ele tem um monte de coisa em mente, mas quando ele se depara com a realidade ele vê que... Pensei por muitas vezes assim desistir, ou pensar assim e dizer “não, não quero mais, lá na casa da minha mãe ela fazia as coisas pra mim e eu que tô fazendo”, mas assim, graças a Deus eu não desisti.<sup>205</sup>

E ao relembrar esse processo e jornada dela dentro da capital, atentamos ao fato de que Liene não permitiu que situações externas lhe fizessem desistir do que queria alcançar, “a saudade que tu tem da família, é o que tu lembra dos amigos que ficaram pra trás, tu começa a pensar como que ia ser se tu ficasse na tua cidade. Eu me pegava muito assim: e se eu tivesse ficado em Terra Santa? Mas eu vim, e agora tenho que continuar”<sup>206</sup>.

Desde que foi para Manaus, Liene contou com uma série de frustrações, mas muitas oportunidades surgiram também, ganhou bolsas em escolas, estudou em colégio militar, desistiu de uma faculdade pública para cuidar de sua mãe, mas fez outros cursos e trabalhou muito, e mesmo com todos esses percalços continuou e continua morando na capital. Hoje ela conta somente com a incerteza do que virá, já que ao migrar o sentimento é esse, sair sem certeza nenhuma se um dia voltará ou não.

---

<sup>204</sup> Liene Valente Fonseca Kitsinger. Entrevista realizada na residência de seus pais, em Terra Santa, no dia 13 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>205</sup> Ibid.

<sup>206</sup> Ibid.

Olha, pra ser bem sincera eu nunca parei pra pensar em voltar né, porque minha vida tá toda lá, né, mas eu gosto de vim assim pra passear. É incrível assim que quando eu tô lá eu falo que eu não quero morar pra cá mais, mas quando eu venho pra Terra Santa, aí eu encontro meus amigos da infância, minhas coisas, minha mãe. E cada dia que vai passando e vai chegando o dia de eu viajar, vai apertando o coração e eu fico pensando “será meu Deus, será que eu quero voltar pra Terra Santa?”, então isso é uma coisa que tá incerto na minha cabeça né. Não sei, porque todo mundo meio que já seguiu sua vida, e assim quando eu chego todo mundo é meio estranho pra mim. Lá não, meus amigos já estão todos lá né, então já tem uma vida lá. Não sei, ainda não pensei nessa possibilidade de voltar ainda, só Deus sabe, nossos planos não são os planos do Senhor.<sup>207</sup>

---

<sup>207</sup> Ibid.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

### PERDAS E GANHOS: *O QUE VEM NA BAGAGEM?*

As dinâmicas migratórias foram vistas aqui não somente como um processo histórico que segue a determinações do sistema capitalista em expansão, mas também como um movimento relacionado com as redes familiares ou de solidariedade que dão às mulheres terrasantenses sua particularidade quanto ao processo migratório interno na Amazônia, especialmente na região do Baixo Amazonas. Em linhas gerais, podemos dizer, principalmente no que diz respeito ao retorno, que ele não ocorre pura e simplesmente por um “sucesso” ou um “fracasso” econômico no mercado de trabalho do destino.

Neste sentido, se por um lado existe continuidade na ideia de retorno nos projetos migratórios, por outro, as características desse retorno, quer na formulação dos projetos, quer na reinserção no seu local de origem, mostram-se, como vimos nessa pesquisa, extremamente complexas.

Adotamos dessa maneira, procedimentos metodológicos de análise alicerçados na fonte oral, procurando mostrar de que forma as migrantes, a partir de suas reflexões, constroem significados peculiares sobre esse processo de migração interna na Amazônia, a qual fazem parte.

Essas migrantes viveram o processo de maneira diferenciada, e mesmo que o projeto tenha sido elaborado pela família ou pela comunidade, a experiência não é vivida de modo homogêneo por todas. As mudanças ocorrem em função das diferentes trajetórias de cada uma. A importância das transformações pessoais vividas através do ato da migração, bem como as suas aprendizagens nas relações com os outros e com o espaço de destino e origem, é algo comum à fala de todas as nossas colaboradoras.

As que retornaram enfatizam, sobretudo, a sua experiência pessoal e a aquisição de experiência ou maturidade no processo migratório. Para boa parte delas o sentimento é de dever cumprido, para outras que tiveram que voltar por conta de diferentes situações dentro da capital, o que fica é a projeção do que poderia ter acontecido, mas com extrema gratidão por terem conquistado muitas coisas em seu lugar de origem.

Dona Lúcia nos elucida perfeitamente isso, pois mesmo que sua jornada tenha sido bastante conturbada inicialmente, anos depois ela conseguiu se reerguer e estabilizar na cidade que outrora teve que partir, conquistando seu espaço e suas coisas.

Eu acho a minha vida aqui boa. É porque eu tenho meu trabalho, eu tenho minha casa, aqui eu tenho minha liberdade, eu tenho meus amigos. Eu gosto daqui, eu me sinto bem aqui. Sinto saudade da minha família que mora lá pra Manaus, meus irmãos, só tem um que mora aqui, os outros moram lá, mas mesmo assim é bom.<sup>208</sup>

Esses casos nos permitem compreender que o retorno, em muitas circunstâncias, não é o fim do projeto migratório, mas muitas vezes a sua continuidade. Essa perspectiva nos permite verificar as várias nuances do retorno que demonstram que origem e destino se constituem num movimento de circularidade<sup>209</sup>. Nesse sentido, enquanto algumas pessoas retornam, muitas permanecem, e outras ainda podem vir a realizar esse trânsito.

Dona Adriana nos mostra de forma clara esse processo, enfatizando em seu relato que a chegada e permanência dela e de suas primas foi bastante tranquila pelo fato de outras pessoas terem ido antes delas.

A nossa vida ela foi favorecida né, querendo ou não a gente foi e teve um pouco de sorte também, tem que contar de tudo um pouco. Um pouco de sorte porque a gente morava perto, fazia as coisas tudo perto, então a gente assim... dificuldade a gente passa, mas não chegou assim aos pés de tanta dificuldade financeira. Os nossos primos sim, passaram mal, mas porque eles foram e foram iniciar, iniciar a casa, iniciar comprar as mobílias da casa, e nós já fomos já tava tudo arrumado, da nossa geração que eu falo né, já foi e já tava tudo arrumado. Então já foi mais fácil, nossa dificuldade era pouca mesmo, na verdade, eles já moravam lá a mais de 10 anos, já moravam muito tempo, a dificuldade quem passou maior foi eles né, porque eles que batalharam pra ter o espaço, pra tentar comprar as coisas, pra manter a residência. Então a gente já chegou num período mais tranquilo.<sup>210</sup>

Verifica-se que mesmo com todas as problemáticas presentes nas experiências de vida dessas mulheres, em sua autorreflexão elas procuram ter uma posição de gratidão. O retorno pode não ter sido realizado da maneira que queriam, nem no momento que desejaram, mas de acordo com elas *“aconteceu no momento que deveria acontecer”*.

Esse sentimento de gratidão se expressa principalmente pelas realizações pessoais alcançadas, e a maior parte dessas migrantes consegue esse feito através das conquistas e aperfeiçoamento realizados na sua área de atuação no período em que estiveram em

---

<sup>208</sup> Lúcia Maria Guimarães Pereira. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>209</sup> PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. Migração, Retorno e Circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. *REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 117-138, jul./dez. 2013, p.135.

<sup>210</sup> Adriana Costa Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 17 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

Manaus. E mesmo que o retorno tenha sido efetivado de maneira conturbada, são trazidas reflexões positivas após esse período, como no caso de Dona Andreza.

Mas eu avalio positivo, porque eu vim para cá, hoje eu estou na direção de uma escola, comecei na coordenação, depois direção, e reconhecimento profissional é garantido né. Eu me vejo feliz, porque eu tô na área né, e eu sempre falo que o dia que eu sair da direção eu quero ser professora de educação infantil, que meu foco é educação infantil, que é de 4 e 5 anos.<sup>211</sup>

Dona Elzinete apresenta esse estado de realização pessoal também por ter conseguido em seu local de origem um emprego estável e por poder estar perto de sua família, e da felicidade em ter retornado para morar em Terra Santa.

Eu posso te dizer que eu estou realizada porque né eu tenho minha casa, eu tenho meus filhos, tenho meu trabalho. Hoje em dia eu vou fazer 5 anos de concursada, que aqui pra nós é difícil trabalho, então quando a gente consegue seja lá como for o trabalho, mas que a gente tenha garantia que não vão tirar a gente já é um alívio muito grande. E pra mim é bom, eu gosto muito, tô muito bem assim. Tô perto da minha família, é um lugar que a gente pode ir pra onde a gente for, sabe, que daqui a pouco a gente tá em casa, está bem...eu gosto da vida que eu tô, me sinto feliz!<sup>212</sup>

Para Dona Elza Lira, o aprendizado que ficou nesse momento foi o de aprender a “sobreviver” em outro local, em um ambiente que você não está acostumado a viver, mas que a partir de determinado momento terá que aprender a lidar. Para ela, foram oportunidades que a fizeram ver a vida a partir de uma outra perspectiva.

Assim, um aprendizado mil! É a lei da sobrevivência, tu tem ali a lei da sobrevivência, numa capital como Manaus, a verdade é que hoje é muito pior. Lá me deu a oportunidade de estudar, me formar, de trabalhar numa empresa privada, de conhecer rumos diferentes né, porque por exemplo Terra Santa, hoje em Terra Santa, o trabalho é a prefeitura, então poder público né. Numa empresa privada tu vê coisas muito diferentes, tu tem muita oportunidade, aprendi muito. Eu digo que se me entregar as ferramentas até hoje um monto e desmonto um celular, porque isso eu sabia fazer de olho fechado, televisão, a gente trabalhava com tudo isso, coisas assim que nunca imaginei que fosse trabalhar na vida com um negócio desse.<sup>213</sup>

---

<sup>211</sup> Andreza Costa Barbosa. Entrevista realizada na escola municipal São Sebastião, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>212</sup> Elzinete Santos Souza. Entrevista realizada na escola onde trabalha, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

<sup>213</sup> Elza Lira Costa Guerreiro. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suená Santarém Loureiro.

A reflexão que ela faz sobre esse momento de sua vida é de muito aprendizado, tanto profissional quanto pessoal. As dificuldades que se apresentaram no decorrer de sua jornada a fizeram administrar melhor sua vida.

Sinto saudade de Manaus, foi a cidade que me acolheu, que me deu minha graduação, eu tive que sair pra trabalhar, pra ganhar meu dinheiro pra pagar minha faculdade, que meus pais não tinham condições de bancar uma faculdade, então nossa vida foi essa. Pra mim, Manaus foi a cidade que me acolheu e eu sou muito grata. Lá deixei muitos amigos, muitos amigos meus de familiares gente boa que ficou e que toda vez que a gente vai à Manaus a gente visita né, mas é muito bom. E eu digo assim, que quem sai pra estudar fora e trabalha e com ele vai adquirindo, ela consegue até aprender de uma forma mais simples de administrar sua vida, sabia? Que quando a gente está na casa de papai tudo é muito fácil né, eles que colocam tudo pra dentro de casa. Do momento que tu sai vai ver que a realidade é outra, vai ter que administrar tua vida, tu vai trabalhar pra administrar tudo, que hoje tu não tem nem pai nem mãe que está lá colocando tudo para ti, então no momento que tu sai de casa eu acho que te ajuda muito como um ser, tu começar a dirigir e administrar tua própria vida, então pra mim foi muito bom, muito bom mesmo.<sup>214</sup>

Para ela foi muito positivo os anos em que morou em Manaus, mas voltar para morar em sua cidade foi a melhor decisão que tomou naquele momento, a oportunidade que não teve na capital ela conquistou em Terra Santa e isso foi extremamente satisfatório para ela.

Olha o tempo que eu saí e voltei aqui eu acho que tá tudo muito favorável, tá assim como eu sempre quis que estivesse. Eu tô com a minha vida profissional arrumada, estável, daqui é isso, hoje eu tenho meu marido, não posso ter filhos por um problema de saúde que eu tive e eu estou construindo, se Deus quiser. Então pra mim tá assim tudo muito tranquilo, tá tudo muito ótimo, e assim a avaliação minha estando em Terra Santa é cem por cento felicidade.<sup>215</sup>

Para Dona Eliçandra, esse momento que ficou fora de Terra Santa resulta em agradecimento pelas oportunidades e momentos vividos, mas ainda assim, ela enfatiza que não voltaria para Manaus.

Manaus na verdade é uma cidade muito acolhedora, ela te dá muitas oportunidades. Pelo fato de ser muito mais próximo a nós né, do município de Terra Santa do que a própria capital que é Belém, então ela tem vários horizontes, horizontes emprego, em horizonte estudos, cursos técnicos, e eu digo que Manaus, adoro Manaus, mas não voltaria para Manaus porque eu escolhi morar na minha cidade, uma cidade mais calma, onde a gente pode criar os nossos filhos. Mas Manaus sem

---

<sup>214</sup> Ibid.

<sup>215</sup> Ibid.

dúvida foi uma cidade acolhedora, uma cidade que me deu essas oportunidades. Te garanto que se eu não tivesse saído do município de Terra Santa não poderia te dizer se eu teria me formado ou até mesmo trabalhando como eu estou trabalhando. Então só tenho a agradecer, foram momentos bons que vivi, momentos de alegria mesmo que eu vivi e momentos de muita lembrança que eu tenho até hoje.<sup>216</sup>

Para Dona Heloisa, esse momento se resumiu em muito aprendizado, apesar de todo o sacrifício e luta do início de sua jornada e também quando morou em Manaus, conseguiu criar seus filhos e ao mesmo tempo se profissionalizar. Ela fala de um imenso ganho pessoal, e que agora só quer aproveitar sua vida e uma nova fase iniciada após sua volta à terra natal.

Não foi fácil, Belém não foi fácil, eu conto isso para todo mundo, era uma situação assim tão... tão escrava. Eu fazia de tudo e eu só comia depois que minhas primas comessem, que eu comia o resto delas, era uma coisa bem assim, digamos, bem foi assim um sacrifício né, mas graças a Deus foi ali que aprendi a ser gente, que aprendi a fazer tudo, por quê nesse momento que você vai caindo né que vai aparecendo os problemas pra você, é quando você aprende a tomar as decisões, a ver como é a realidade, a encarar a vida, porque a vida não é fácil, pra ninguém, e até hoje mesmo não é fácil. E daí eu tirei assim um aprendizado muito grande, dos meus três anos de Belém e dos meus 46 anos também em Manaus pra mim foi sempre um aprendizado, porque eu tinha que trabalhar muito pra dar a educação dos meus filhos, que eu fiz uma meta comigo quando eu me separei, eu posso não dar luxo, nunca dei pros meus filhos, sempre foi muito realista com eles né, nunca dei mesada, não dava dinheiro pra levar pra escola. Eu não fui uma mãe má, mas hoje eu bato no peito pelo jeito que eu criei os meus filhos, porque hoje eles tem uma independência assim muito grande e muito positiva. A minha vida depois que eu me separei, eu criei meus filhos sozinha, nunca parei de trabalhar, nunca foi mais fácil pra mim, porque a barra pra uma pessoa que se separa com três filhos não é fácil.[...] hoje eu considero pra você que eu sou uma pessoa realizada, hoje eu digo mesmo, tudo que eu queria fazer eu já fiz, o que eu for fazer de hoje pra amanhã é lucro, porque eu não tenho vontade de fazer algo assim que eu não vou ser capaz de fazer. Eu acho que eu já vivi e o que eu quero viver agora daqui pra frente é pra viver né, pra aproveitar.<sup>217</sup>

Percebemos dessa forma que os sentimentos de ausência, pertencimento ou o desejo de retorno estão inscritos nos corpos, mentes e sentimentos das migrantes, se expressando através de diferentes estratégias migratórias, percepções do trabalho e emprego, relações com a família e representações sobre os espaços onde essas mulheres passam ao longo de sua trajetória.

---

<sup>216</sup> Eliçandra Costa Guerreiro. Entrevista realizada na secretaria de assistência social, em Terra Santa, no dia 16 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

<sup>217</sup> Heloisa Helena de Souza Barbosa. Entrevista realizada na sua residência, em Terra Santa, no dia 10 de outubro de 2018, por Suena Santarém Loureiro.

A noção de retorno trazidas a partir da visão de Sayad, expressam as ambiguidades, contradições e tensões entre as condições objetivas definidas pelas estruturas socioeconômicas, os sonhos, desejos e expectativas dessas migrantes. Assim, embora as condições objetivas não lhes permitam retornar à sua terra natal, o desejo de retornar se mantém presente, como um sinal da esperança de dias melhores, de estar próximo a parentes, vizinhos e amigos que estão fisicamente distantes, mas o contrário é também aceitável, haja vista que muitas acabam migrando justamente para fugir de algumas imposições realizadas por suas famílias.

Todavia, o que pode ser percebido ao longo dessa pesquisa, é que na maioria das situações não há uma ruptura dos laços de família, mas as trajetórias migratórias são tecidas nas e pelas redes familiares e de amizade. E essas redes são mantidas e constantemente realizadas, ou seja, tanto quem migra quanto quem retorna tece, cotidianamente, e ao longo de suas trajetórias, trocas econômicas e simbólicas.

O desejo do retorno, na maioria dos casos, mantém esse fluxo migratório, fazendo com que esse trânsito se faça constantemente presente, seja ele um retorno para visitar ou um retorno permanente. No entanto, durante a migração novas experiências são vividas e o projeto inicial muitas vezes é reelaborado por essas mulheres, o retorno adiado ou abandonado, e em outros casos, pode até ser antecipado ou mesmo “forçado”.

Dado o exposto, entendemos que a migração feminina realizada em território amazônico passa por uma série de experiências, expectativas e objetivos criados que podem ser realizados ou não, mas isso não define o fim dos desejos dessas mulheres, pois mesmo que seus sonhos não tenham sido realizados, elas buscam oportunidades e reconstróem suas trajetórias, e nesse processo incentivam outras mulheres a irem em busca do que almejam, mesmo que para muitas delas isso signifique ter que partir.

## REFERÊNCIAS

### FONTES ORAIS:

*BARBOSA, Adriana Costa.*

40 anos, enfermeira. Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2018.

*BARBOSA, Andreza Costa.*

37 anos, pedagoga. Entrevista realizada no dia 16 de outubro de 2018.

*BARBOSA, Elba Aparecida Almeida.*

47 anos, professora. Entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2018.

*BARBOSA, Heloisa Helena de Souza.*

60 anos, administradora. Entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2018.

*GUERREIRO, Eliçandra Costa.*

40 anos, enfermeira. Entrevista realizada no dia 16 de outubro de 2018.

*GUERREIRO, Elza Lira Costa.*

43 anos, administradora. Entrevista realizada no dia 16 de outubro de 2018.

*KITSINGER, Liene Valente Fonseca.*

25 anos, administradora. Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2018.

*PEREIRA, Lúcia Maria Guimarães.*

60 anos, professora. Entrevista realizada no dia 16 de outubro de 2018.

*SOUZA, Elzinete Santos.*

44 anos, auxiliar de serviços gerais. Entrevista realizada no dia 16 de outubro de 2018.

## FONTES IMPRESSAS:

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- ANDRADE, Aldair Oliveira de. Migração para Manaus e seus reflexos socioambientais. *Somanlu*, Manaus, ano 12, n. 2, jul./dez. 2012.
- ANGELIN, Paulo Eduardo. *Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Carlos, 2012.
- ARAÚJO, Emanuelle Silva. Desenvolvimento urbano local: o caso da Zona Franca de Manaus. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 33-42, jan./jun. 2009.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de doutorado em Ciências Sociais – UNICAMP, 2004.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2007.
- BARAÚNA, Sílvia Maria Quintino. *Condições sociais de migrantes em Manaus, 1920-1945*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- AZEVEDO, Sérgio G. de; MENEZES, Wilson Ferreira; FERNANDES, Cláudia Monteiro. *Fora de lugar: crianças e adolescentes no mercado de trabalho*. Salvador: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), v. 3, 2000.
- BAENINGER, R. Juventude e movimentos migratórios no Brasil. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998.
- BARCELLOS, M. M; COSTA, W. S. População. In: *FIBGE. Geografia do Brasil – Região Norte*. Rio de Janeiro, 1991.
- BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. 2ª ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.
- BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Editora Valer, Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- BENCHIMOL, Samuel. Manaus: O crescimento de uma cidade no vale amazônico. In: *Raízes da Amazônia*, v. 1, nº 1, Manaus: Editora do INPA, 2005.

- BENTES, Rosalvo. *A Zona Franca e o processo migratório para Manaus*. Dissertação de Mestrado. Belém, UFPA, 1983.
- BILAC, E. *Gênero, família e migrações internacionais*. Seminário de Emigração e Imigração no Brasil contemporâneo. São Paulo. Programa de Avaliação e acompanhamento das Migrações Internacionais, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- BRAGA, Bruno Miranda. A cidade e suas representações: Manaus no século XIX (1850-1883). *Clio: Revista de pesquisa histórica*. n° 34.1, 2016.
- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Nos caminhos da história social: os desafios das fontes orais no trabalho do historiador*. Uberlândia, 2010.
- CASTRO, Edna. Políticas de Estado e atores sociais na Amazônia contemporânea. In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel (org.). *Amazônia: região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010.
- CASTRO, Juventina Yolanda Correa. *Ahora las mujeres se mandan solas: migración y relaciones de género em una comunidad mexicana transnacional llamada Pie de Gallo*. Tese de Doutorado, Universidad de Granada, 2006.
- CHAVES, Maria de Fátima Guedes. *Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981-1991*. São Paulo, 2009. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.
- COSTA, Danielle Pereira da. Migrantes urbanos em Manaus: perfil, percurso migratório e mobilidade intraurbana. In: *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: Edua, 2010.
- CUSTÓDIO, A. V. *A exploração do trabalho infantil doméstico no Brasil Contemporâneo: limites e perspectivas para sua erradicação*. 2006, 152 f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- DAOU, Ana Maria. *A cidade, o teatro e o “Paiz das seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro: Rio Book’s, 2014.
- D’AVILA NETO, Maria Inácia; NAZARETH, Juliana. Redes sociais na experiência migratória de mulheres nordestinas. *Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO: Psicologia social e política da existência: fronteiras e conflitos*. Maceió, 2009.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. Contexto, 2003.
- DORNELAS, Paula Dias; RIBEIRO, Roberta Gabriela Nunes. Mulheres migrantes: invisibilidade, direito à nacionalidade e a interseccionalidade nas políticas públicas. *O social em questão*, Ano XXI, n° 41, mai./ago., 2018.
- DORNELAS, Sidnei Marco. Estratégias de inserção dos migrantes nas cidades e a acolhida institucionalizada. In: *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: Edua, 2010.

- DORNELAS, Sidnei Marco. Redes sociais na migração: questionamentos a partir da pastoral. *Travessia*, ano XIV, nº 40, maio-agosto, 2001, p. 5-10.
- FARIA, G. J. A. de; FERREIRA, M. L. A.; PAULA, A. M. N. R. de. “Desinibilizando as mulheres em contexto migratório interno”: interfaces entre migração, trabalho e gênero. *Anais XVII Seminário sobre a economia mineira*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2016.
- FARIA, Guélmer Júnior Almeida; MACEDO, Luiz Antônio de Matos. Meninas migrantes: a migração infanto-juvenil rural e sua inserção no trabalho doméstico urbano. *Faz ciência*. Volume 15, Número 22, Jul/Dez, 2013.
- FAZITO, Dimitri. A configuração estrutural dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação. *Seminário “As famílias e as políticas públicas no Brasil”*, 21-22 de nov., ABEP, Belo Horizonte, 2005.
- FAZITO, Dimitri. Análise de Redes Sociais e Migração: Dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 25 nº 72 fevereiro/2010.
- GOIS, Sarah Campelo Cruz. *As linhas tortas da migração: estado e família nos deslocamentos para a Amazônia (1942-1944)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. *Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.
- GUERRA, Danyelle Mota Ricardo. *Redes sociais de migração como crítica social às políticas públicas: estudos de casos em fortaleza*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UECE. Fortaleza, 2007.
- GUIDIS, Aline Oliveira. *Análise da participação do segmento infanto-juvenil no trabalho doméstico não-remunerado – Viçosa/MG*. Viçosa: UFV, 2006.
- KOHLHEPP, Gerd. Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia Brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, 16, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 3, v. 15, p. 805-821, set. /dez. 2007.
- MARANDOLA JR. E. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. In: *Anais do Encontro Nacional sobre Migrações*. Belo Horizonte, 2009.
- MARQUES, J. C.; GÓIS, P. *A emergência das migrações no feminino*. Cascais, Príncipeia, 2012.
- MARTINS, Jaqueline. *Marias trabalhadoras e migrantes*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- MATOS, Ralfo. *Espacialidades em rede: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte: Arte, 2005.

- MEDEIROS, Mônica Xavier de. Trabalhadores rurais, comunidades tradicionais e democracia. In: QUEIRÓS, César Augusto; PEREIRA, Kívia (Org.). *Trabalho, direitos sociais e democracia no Brasil*. Curitiba: CRV, 2021, p. 67-81.
- MELO, H. P. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v.15, n.1, p.125-132, jan./jun.1998.
- MELO, M. L. de; MOURA, H. A. de. *Migrações para Manaus*. Recife: Massangana, 1990.
- MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco (Rio de Janeiro e São Paulo – XIX e XX)*. São Paulo: e-Manuscrito, 2017.
- MIRANDA, Joana. *Mulheres migrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida*. (Estudos OI; 35). Lisboa: ACIDI, 2009.
- NAZARETH, Tayana; BRASIL, Marília; TEIXEIRA, Pery. Manaus: crescimento populacional e migrações nos anos 1990. *Revista paranaense de desenvolvimento*, Curitiba, n.121, p.201-217, jul./dez. 2011.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. Espaço-tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano. *Espaço e cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 23, p. 33-41, jan./jun., 2008.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. Gente em movimento: migração no contexto regional da Amazônia. In: *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: Edua, 2010.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967: cidade doce e dura em excesso*. Manaus: EDUA, Valer; Governo do Estado do Amazonas, 2003.
- OLIVEIRA, Márcia Maria de. *Dinâmicas migratórias na Amazônia contemporânea*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - Universidade Federal do Amazonas, 2014.
- OLIVEIRA, Márcia Maria de. Feminização das migrações nas fronteiras da Amazônia. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero*, Florianópolis, 2017.
- OLIVEIRA, Márcia Maria de. Mobilidade humana na Amazônia contemporânea: pressupostos teóricos e metodológicos. In: SOUZA, Carla Monteiro (Org.). *Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Ocidental: algumas questões para o debate*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- PEDRO, Joana Maria. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.
- PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. Migração, Retorno e Circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. *REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 117-138, jul./dez. 2013.
- PERES, Roberta Guimarães; BAENINGER, Rosana. Migração feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. *Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, Águas de Lindóia/SP – Brasil, de 19 a 23 de novembro de 2012.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 137.

- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Manaus: mudar com ou contra o passado? *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.
- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? *Projeto História*, São Paulo, (14), fev. 1997.
- REIS, Daswanny Araújo dos. *Por um novo cenário: a mulher na política partidária*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto de Ciências Humanas e Letras – Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- RIBEIRO, Marineide da Silva. “*A gente veio do interior sem saber muita coisa da capital*”: vivências de paraenses interioranos em Manaus (1970-2014). Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2015.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”. *Travessia: Revista do Migrante*, ano XIII (número especial), 2000.
- SCHERER, Elenise. Desemprego, trabalho precário e des-cidadização na Zona Franca de Manaus. *Somanlu*, Manaus, ano 4, n. 1, jan./jun. 2004.
- SERTÓRIO, Lidiane Bruno; SANTOS, Miriam de Oliveira. Relações entre trabalho, educação, gênero e migração. *Anais Seminário do Trabalho: trabalho, educação e sociabilidade*. Marília, 24 a 28 de maio de 2010.
- SILVA, Patrícia Regina de Lima. *Do espaço lembrado ao espaço vivido: narrativas orais das mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFAM. Manaus, 2017.
- SILVA, Patrícia Rodrigues da. *Disputando espaço, construindo sentidos: vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM, 1967-2010)*. Manaus: EDUA, 2016.
- SILVA, Raimunda Gomes da. *Deslocamentos, sonhos, desafios e identidades: experiência de mulheres nordestinas em Boa Vista/Roraima (1985-2000)*. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2016.
- SORJ, Bila. *Trabalho e responsabilidades familiares: Um estudo sobre o Brasil*. Relatório final. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.
- SORJ, Bila. Trabalho remunerado e trabalho não-remunerado. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (Org.) *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. p. 107- 119, 2004.
- SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. Collas y Cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em

- Corumbá, Mato Grosso do Sul. *Revista Brasileira de Estudos de População*, nº. 25, v. 2, 2008.
- SOUZA LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo; Brasiliense, 1991.
- SOUZA, Leno José Barata. “*Cidade Flutuante*”: Uma Manaus sobre as águas (1920-1967). Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- SOUZA, Thiago Romeu de. *Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2015.
- TEIXEIRA, Pery; BRASIL, Marília. *População: características de dinâmica demográfica em Manaus*. Manaus: UFAM, 2006. Atlas de Desenvolvimento Humano em Manaus.
- TOBIAS, Alberto José Silva. Dinâmica migratória paraense no período 1981-1991. *Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.
- TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v. 20, n. 1, 2008.
- VICENTE, Teresa Aracena. *As mulheres e seus tempos: dupla jornada de trabalho, cuidado de si e lazer na promoção da saúde*. Tese de Doutorado da Faculdade de Medicina de São Paulo, 2018.
- VICENTINI, Yara. *Cidade e história na Amazônia*. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.